

MARY SHELLEY
O ÚLTIMO HOMEM

*Que homem algum procure,
De agora em diante, ter ciência do porvir,
Do que acontecerá a si e as seus filhos.*

John Milton

O PARAÍSO PERDIDO

Cântico XI

*Let no man seek
Henceforth to be foretold what shall befall
Him or his children.*

INTRODUÇÃO

VISITEI Nápoles em 1818. Em 8 de dezembro daquele ano, meu companheiro e eu cruzamos a baía para visitar as ruínas espalhadas pela praia de Baiae. As águas translúcidas e brilhantes do mar calmo cobriam os fragmentos de velhas vilas romanas, que se entrelaçavam com as algas marinhas e recebiam uma pálida coloração dourada trazida pela profusão de cores dos raios de sol; o elemento azul e transparente poderia ser o que Galateia extraía em seu carro de madrepérolas; ou o que Cleópatra teria escolhido, mais apropriadamente do que o Rio Nilo, como caminho para seu barco encantado. Embora fosse inverno, a atmosfera soava como início de primavera; e seu calor genial contribuía para inspirar sensações de plácidas delícias, que são o prêmio de todo viajante que se detém, relutante em deixar as tranquilas baías e os radiantes promontórios de Baiae.

Fomos aos então chamados Campos Elíseos e Avernus^[1]; e caminhamos por entre várias ruínas de templos, banhos e outros locais clássicos; ao final, adentramos a sombria caverna de Sibila de Cumas. Nosso Lazzeroni^[2] levava tochas que reluziam um vermelho quase crepuscular pelas soturnas passagens subterrâneas, cuja escuridão parecia se embeber mais e mais de luz. Passamos por uma arcada natural, que levava a uma segunda galeria, e perguntamos se não podíamos entrar ali também. Os guias apontaram para o reflexo das tochas nas águas que cobriam sua superfície, deixando-nos com as nossas próprias conclusões; mas acrescento que era uma pena, pois a galeria conduzia à Gruta de Sibila. A curiosidade e a excitação cresceram dentro de nós pela circunstância, e insistimos em experimentar a passagem. Como geralmente acontece durante o perfazer de tais aventuras, as dificuldades diminuíram com a avaliação. Descobrimos “terra seca para passarmos a pé enxuto” em cada lado do úmido caminho^[3].

Por fim, chegamos a uma caverna escura, deserta e enorme, que o Lazzeroni nos assegurou ser a Gruta de Sibila. Estávamos muito desapontados – mesmo assim, a perscrutamos com cuidado, como se suas paredes vazias e pedregosas ainda pudessem carregar algum traço de seu visitante celestial^[4]. Havia uma pequena abertura em um lado. “Para onde isto leva?”, perguntamos. “Podemos entrar por ela?”. “Questo poi, no”^[5], disse o selvagem de rude aparência, que segurava a tocha. “Você pode avançar até um certo ponto, mas ninguém segue esse caminho”.

“Ainda assim, eu tentarei”, disse meu companheiro. “Pode ser que esse seja o caminho para a gruta verdadeira. Você vem comigo?”

Eu sinalizei minha intenção de segui-lo, mas nossos guias protestaram contra tal ideia. Com eloquência, em seu nativo dialeto napolitano, que não entendíamos muito bem, disseram que lá havia espectros, que o teto desabaria sobre nós, que o caminho era muito estreito para duas pessoas e que havia um grande buraco, cheio de água, onde poderíamos nos afogar. Meu amigo pôs fim à cantilena tirando a tocha da mão do Lazzeroni; e seguimos sozinhos.

A passagem, que era muito espremida para nós, rapidamente estreitou-se e diminuiu ainda mais; estávamos quase totalmente agachados; mesmo assim, seguimos em frente. Ao final, encontramos um amplo espaço e o teto elevou-se; porém, enquanto nos felicitávamos com a

mudança, nossa tocha apagou-se com uma corrente de ar e fumos deixados em profunda escuridão. Os guias trazem consigo materiais para reacender as tochas, mas não dispúnhamos de nada – nosso único recurso era voltar pelo mesmo caminho pelo qual viemos. Tateamos as paredes em busca da passagem e, depois de certo tempo, acreditamos tê-la encontrado. Entretanto, era uma segunda passagem, que subia e terminava como a primeira; porém, algo semelhante a um raio despejava uma tibia luz no ambiente, que não sabíamos dizer de onde vinha. Aos poucos, nossa visão foi se acostumando à penumbra e percebemos que não havia uma passagem direta para nos levar adiante, mas era possível escalar um lado da caverna, para um arco acima, que prometia um caminho mais acessível, no qual descobrimos ser a fonte da tênue luz. Com uma dificuldade considerável, ascendemos e atingimos uma outra passagem ainda mais iluminada, que nos levou a mais uma subida igual a anterior.

Após uma sucessão de escaladas, que somente nossa resolução nos permitira realizar, chegamos a uma ampla caverna com um teto em forma de arco, como um domo. Uma abertura no meio deixava entrar a luz do céu; porém a abertura estava coberta de arbustos e plantas que agiam como véu, obscurecendo o dia e concedendo ao ambiente um tom solene e religioso. Este, era espaçoso e quase circular, com um assento de pedra elevado do chão, do tamanho de um sofá grego. O único sinal de que houvera vida lá dentro era o esqueleto de um bode, branco como a neve, que provavelmente não percebera a abertura enquanto corria pela montanha acima e mergulhara de cabeça. Eras inteiras devem ter se passado desde essa catástrofe e o estrago que fora feito anteriormente foi reparado pelo crescimento da vegetação durante centenas de verões.

O resto da mobília da caverna consistia em pilhas de folhas, fragmentos de cortiça e uma substância branca e embaciada, como a parte inferior da folha verde que cobre os grãos do milho ainda não colhido. Estávamos cansados pelo nosso esforço até atingir aquele ponto e nos sentamos no sofá de pedra, enquanto o tilintar dos sinos das ovelhas, e o grito do jovem pastor, nos chegavam desde cima.

Ao final, meu amigo, que tinha em suas mãos algumas das folhas espalhadas ao nosso redor, exclamou: “Esta é a caverna de Sibila e estas folhas são sibilinas.”^[6] Examinando-as, descobrimos que todas as folhas, as cortiças e os demais elementos continham palavras quase apagadas. O que mais nos surpreendeu foi que esses escritos estavam em várias línguas, algumas estranhas ao meu companheiro, como o antigo Chaldee e hieróglifos egípcios, velhos como as pirâmides. E, mais estranho ainda, havia palavras em idiomas modernos, como o inglês e o italiano. Não podíamos ler direito por causa da penumbra, mas pareciam ser profecias, relatos detalhados de eventos remotamente passados; nomes, agora famosos, mas de tempos modernos; e frequentes exultações e lamentos, de vitórias e derrotas, estavam traçados nas frágeis e escassas páginas. Aquela era, certamente, a Gruta de Sibila; não exatamente como Virgílio a descreve, pois todas aquelas terras foram revolvidas por erupções vulcânicas e terremotos, e a mudança não era maravilhosa, embora as marcas da destruição tenham sido ocultadas pelo tempo; e nós provavelmente devíamos a preservação daquelas folhas ao acidente que fechara a entrada da caverna e à rapidez do crescimento da vegetação, que pôde evitar a penetração da tempestade na sua única abertura. Fizemos uma seleção apressada de algumas folhas, cujos escritos poderíamos compreender; e então, carregando nosso tesouro, oferecemos nossos

respeitos à caverna fendida e envolta em penumbra, e depois de muito esforço, conseguimos nos juntar aos nossos guias.

Durante nossa visita à Nápoles, frequentemente retornávamos à caverna, às vezes sozinhos, deslizando pelo mar iluminado de sol, sempre aumentando nosso tesouro. Desde aquele período, sempre que as circunstâncias mundanas não me furtavam o tempo ou que a atmosfera de minha mente não impedisse tais estudos, eu me dedicava a decifrar aquelas reminiscências sagradas. Seu significado, maravilhoso e eloquente, costumava compensar minhas dificuldades, aliviar minhas mágoas e excitar minha imaginação com voos audaciosos por entre a imensidão da natureza e a vastidão da mente humana. Por algum tempo, meu trabalho não foi solitário; mas esse tempo já passou; e, com a seleta e incomparável companhia de minhas contendas, sua recompensa mais cara me é perdida, também:

Di mie tenere frondi altro lavoro

Credea mostrarte; e qual fero pianeta

Ne' nvidio insieme, o mio nobil tesoro?^[7]

Eu apresento ao público minhas últimas descobertas das finas páginas sibilinas. Aleatórias e desconexas como estavam, fui obrigada a acrescentar junções e modelar o trabalho de maneira consistente. Mas a essência permanece nas verdades contidas nestas rapsódias poéticas, assim como a intuição divina de que a donzela de Cumas obteve do Paraíso.

Tenho me perguntado, com frequência, sobre o tema desses versos e sobre a tradução para o inglês de um poeta latino. Às vezes, penso que essas rimas devem sua forma presente a mim, sua decifradora – já que eram caóticas e obscuras. Como se devêssemos dar a um outro artista fragmentos pintados que compõem uma cópia do mosaico “A Transfiguração de São Pedro”, de Rafael; ele as agruparia de outro modo, determinado pelo seu talento e pela sua imaginação particular. As folhas de Sibila de Cumas, indubitavelmente, sofreram distorções e seu interesse e excelência decaíram ao passar pelas minhas mãos. Minha única desculpa por transformá-las é que estavam ininteligíveis em sua condição primeira.

Meus trabalhos alentaram longas horas de solidão e me isolaram de um mundo que transformou sua então benigna face para uma outra, fulgurante de imaginação e poder. Perguntarão meus leitores: como poderia eu encontrar conforto em uma narrativa de mudanças tristes e de lamentações? Esse é um dos mistérios de nossa natureza, que se apoderou por completo de mim e de cuja influência não posso escapar. Confesso que me emocionei com o desenrolar da trama; e que me depressei, não, agonizei em algumas partes do recital, que eu transcrevi literalmente dos meus materiais. Porém, assim é a natureza humana, pois a agitação mental me era querida e a imaginação, pintora de tempestades e terremotos, ou ainda pior, de paixões humanas tempestuosas e carregadas de ruína, aliviou minhas tristezas reais e infinitos arrependimentos ao revestir as fictícias de idealização, que sofre a ferroada mortal da dor.

É-me difícil saber se essa escusa é necessária. Os méritos da minha adaptação e tradução devem determinar quão bem eu investi meu tempo e meus poderes imperfeitos ao dar forma e substância às frágeis e tênues Folhas de Sibila.

VOLUME I

CAPÍTULO I

SOU NATIVO de um recanto cercado pelos mares, uma terra obscurecida pelas nuvens que, quando a superfície do globo, com seu oceano sem praias e continentes perdidos, apresenta-se à minha mente, surge apenas como um grão desprezível no imenso todo; e ainda, quando medido na escala do poder mental, ultrapassa em muito países de maior extensão e de população mais numerosa. Tão verdadeiro isso é, que a mente humana sozinha criou tudo o que é bom ou grande para o homem, e que a Natureza em si foi apenas seu primeiro-ministro. A Inglaterra, assentada bem ao norte no mar turbulento, agora visita meus sonhos no semblante de um amplo e ocupado navio, que dominou os ventos e navegou orgulhosamente por entre as ondas. Nos meus dias de infância, ela era o universo para mim. Quando eu me erguia nas montanhas onde nasci e via planícies e montes estenderem-se até onde minha visão podia alcançar, pontilhada pelas habitações dos meus conterrâneos e condicionada à fertilidade pelo seu trabalho, o centro da terra estava fixado precisamente naquele lugar, e o resto do orbe era como uma fábula, da qual minha imaginação ou compreensão poderia se esquecer sem esforço algum.

Minha sorte tem sido, desde o início, um exemplo do poder que a mudança talvez possua sobre os variados propósitos da vida humana. No que concerne a mim, isso ocorreu quase que por herança. Meu pai era um destes homens ao qual a Natureza concedeu em excesso as invejadas prendas de espírito e imaginação, e então permitiu que o barco de sua vida fosse conduzido por esses ventos, sem convocar a razão como leme ou o julgamento como piloto para a viagem. Sua descendência era obscura; mas as circunstâncias o tornaram popular rapidamente e sua pequena propriedade paterna logo se dissipou no esplêndido mundo de luxúria e ostentação no qual ele era um ator. Durante os poucos anos de juventude impensada, ele era adorado pelos ricos frívolos da época, não só pelos jovens soberanos que, livres das intrigas das festas, assim como das árduas tarefas de negócios importantes, encontravam diversões infalíveis e excitações do espírito em sua sociedade. Os impulsos de meu pai, nunca sob seu controle, inevitavelmente conduziam-no a dificuldades que sua engenhosidade, por si só, poderia livrá-lo; e ele suportava a crescente pilha de dívidas de negócios e de jogo, que levaria qualquer um ao desespero, com um fino humor e uma indomável pilhéria; enquanto isso, sua companhia era tão necessária nas mesas e nas reuniões dos ricos, que seus delitos eram considerados fúteis, e ele era recebido com tóxica bajulação.

Esse tipo de popularidade, como qualquer outra, desvanece; e as dificuldades de todo o tipo contra as quais ele tinha de lutar aumentaram em uma proporção assustadora, comparada aos seus parcos meios de se safar. Em momentos como esses, o rei, devido ao seu apreço por ele, viria em seu socorro e, então, gentilmente o censurava; meu pai lhe prometia corrigir-se, mas sua disposição social, sua paixão pela razão diária de admiração e, acima de tudo, sua queda pelo jogo, que tomava conta de si, faziam suas resoluções passageiras, suas promessas, vãs. Com a ágil sensibilidade peculiar ao seu temperamento, ele percebeu que seu poder no brilhante círculo estava por se desmanchar. O rei se casou; e a arrogante princesa da Áustria, que se tornou, como rainha da Inglaterra, a primeira em ostentação, criticava meu pai severamente pelos seus defeitos e desdenhava a afeição que seu marido real tinha por ele. Meu pai sentiu que sua queda

estava próxima; porém, longe de aproveitar a última calma antes da tormenta para se salvar, ele buscou esquecer sua desgraça anunciada ao fazer sacrifícios ainda maiores para a deusa do prazer, cruel e dissimulada juíza do seu destino.

O rei, que era homem de excelente temperamento, mas facilmente influenciável, havia se tornado um discípulo deliberado de sua imperiosa esposa. Ele foi induzido a desaproveitar com fervor, e mesmo com desgosto, a imprudência e a frivolidade de meu pai. É verdade que a sua presença dissipava tais nuvens; sua calorosa franqueza, suas ironias brilhantes e seu comportamento confiante eram irresistíveis; era apenas à distância, enquanto as histórias de seus erros eram ainda renovadas e despejadas nos ouvidos de sua consorte real, que ele perdera sua influência. As hábeis manobras da rainha eram empregadas para prolongar essas ausências, além de reunir outras acusações. Por fim, o rei foi levado a ver em meu pai uma fonte de perpétua inquietação, sabendo que ele deveria pagar pelo prazer de curta duração da sua sociedade com tediosos sermões e mais narrativas dolorosas de excessos, tão verdadeiras que ele não poderia refutar. O resultado foi que ele deveria fazer mais uma tentativa de recuperar-se, e no caso de falhar, ser eliminado para sempre.

Tal cena deve ter sido de profundo interesse e de paixão duramente trabalhada. Um rei poderoso, notável em sua bondade que o tornara dócil, e agora elevado em suas admoestações, com reprovações e rogos alternados, implorava ao seu amigo para atender seus interesses reais, para evitar com resolução essas fascinações que de fato estavam rapidamente lhe abandonando e para empregar seus grandes poderes em algo mais útil no qual ele, seu soberano, seria seu apoio, seu amparo e seu protetor. Meu pai sentiu a bondade; por alguns momentos ambiciosos, sonhos flutuaram à sua frente; e ele considerou que seria bom trocar seus objetivos presentes por tarefas mais nobres. Com sinceridade e fervor, ele fez a promessa exigida; e como sinal de continuar a ser favorecido, recebeu do seu mestre real uma soma para aliviar as dívidas mais urgentes, permitindo-o começar sua nova carreira com bons augúrios. Naquela mesma noite, ainda cheio de gratidão e de boas resoluções, todo o dinheiro e mais uma quantia equivalente ao dobro do que recebera, se perderam na mesa de jogo. Desejoso de recuperar a perda inicial, meu pai dobrou suas apostas, o que acarretou uma dívida de jogo que lhe era totalmente impossível de pagar. Com vergonha de recorrer novamente ao rei, ele deu as costas para Londres e para suas falsas delícias e pegajosas misérias; e, com a pobreza como única companhia, ele se enfurnou entre as montanhas e os lagos da Cúmbria^[18]. Seu espírito, seus bons modos, o histórico de suas atrações pessoais, seus modos fascinantes e seu talento social foram lembrados e repetidos boca a boca por muito tempo. Pergunte onde estaria esse favorito da ostentação, esse companheiro da nobreza, esse sorriso fulgurante, que dourava com exótico esplendor as reuniões dos elegantes e dos felizes – você saberá que ele estava sob suspeita, era um homem perdido; não foram poucos os que pensaram que ele buscava compensar o prazer com serviços reais ou que o longo reinado de seu espírito brilhante mereceria uma aposentadoria. O rei lamentou sua ausência; ele amava repetir seus dizeres, contar as aventuras que tiveram juntos e exaltar seus talentos – mas suas reminiscências aí terminavam.

Enquanto isso, meu pai, esquecido, não esquecia. Ele lamentava a perda do que era mais importante do que ar ou alimento para ele – as excitações do prazer, a admiração da nobreza, a vida luxuosa e elegante dos grandes. Uma febre nervosa foi a consequência; durante a qual

cuidou dele a filha de um pobre lavrador, sob cujo teto ele morava. Ela era amável, gentil e, acima de tudo, bondosa com ele; não é de se espantar que o antigo ídolo da beleza bem-nascida deveria ser, mesmo na derrota, de uma natureza maravilhosa e elevada para uma pobre filha de lavradores. O laço entre eles culminou em um casamento fracassado, do qual eu sou filho. Apesar da ternura e da doçura de minha mãe, seu marido ainda desaprovava sua condição degradada. Desacostumado ao trabalho, ele não sabia como contribuir para o sustento da sua crescente família. Às vezes, considerava recorrer ao rei; porém, o orgulho e a vergonha o continham; e, antes que sua necessidade tornasse-se tão premente a ponto de forçar-lhe a algum tipo de grande esforço, ele faleceu. Por um breve intervalo antes dessa catástrofe, ele ponderou o futuro e contemplou com angústia a situação desoladora em que sua esposa e seus filhos seriam deixados. Seu último esforço foi uma carta para o rei, recheada de uma eloquência tocante e de momentos ocasionais daquele espírito brilhante que era parte integral dele. Ele concedeu à sua viúva e aos seus órfãos a amizade de seu mestre real e satisfez-se com o fato de que, pelos seus próprios meios, sua prosperidade estaria melhor assegurada com ele morto do que vivo. Sua carta foi endereçada ao cuidado de um nobre que, ele não duvidava, executaria a última e simples tarefa de entregá-la nas mãos do rei.

Ele faleceu endividado e sua pequena propriedade foi tomada imediatamente pelos credores. Minha mãe, sem dinheiro e com o peso de duas crianças, esperou semana após semana, mês após mês, na doentia espera por uma resposta, que nunca veio. Ela não tinha experiência além das terras de seu pai; e a casa do senhorio era a maior espécie de grandeza que ela poderia conceber. Durante a vida de meu pai, ela se tornara familiar aos nomes da realeza e da corte; mas tais coisas, alheias à sua experiência pessoal, pareciam, após a perda de meu pai, que davam substância e realidade a elas, vagas e fantásticas. Se, sob quaisquer circunstâncias, ela pudesse adquirir coragem suficiente para se dirigir aos nobres mencionados pelo seu marido, o fracasso de sua empresa a faria desistir da ideia. Portanto, ela não via como escapar da penúria: o cuidado perpétuo, aliado à mágoa pela perda do ser maravilhoso, a quem ela continuava a contemplar com ardente admiração, trabalho duro e saúde naturalmente debilitada, por fim a liberou da triste continuação de desejo e miséria.

A condição de seus órfãos era de uma desolação peculiar. Seu próprio pai migrara de uma outra parte do país e morrera há muito tempo; eles não tinham parentes para cuidar deles; eram forasteiros, pobres, sem amigos, a quem a mais escassa misericórdia era uma questão de favor e que eram tratados simplesmente como filhos de camponeses, ainda mais pobres do que os miseráveis que, ao morrer, lhes deixou um legado ingrato, à íntima caridade da terra.

Eu, o mais velho dos dois, tinha cinco anos quando minha mãe morreu. Uma recordação dos discursos dos meus pais e das mensagens sobre os amigos de meu pai, com que minha mãe empreendia tentativas de me marcar na ínfima esperança de que eu pudesse me beneficiar com tal conhecimento, flutuavam como um sonho confuso por entre meu cérebro. Eu compreendi que era diferente e superior aos meus protetores e companheiros, mas não sabia como ou por que. A sensação de injustiça, associada ao nome do rei e da nobreza, se aferrou a mim; mas eu não tirava conclusões de tais sentimentos, para servir-me de guia para meus atos. Meu primeiro conhecimento real de mim mesmo foi como um órfão desprotegido entre os vales e as depressões da Cúmbria. Eu trabalhava para um fazendeiro; e com um cajado na mão, meu cão ao lado, eu pastoreava um grande rebanho nos montes próximos. Não tinha muito como admirar

tal vida; e suas dores excediam em muito seus prazeres. Havia liberdade, a natureza como companheira e uma solidão irresponsável; mas esses elementos, românticos como eram, não estavam de acordo com o amor pela ação e o desejo da simpatia humana, característica da juventude. Nem o cuidado com meu rebanho ou a mudança de estações eram suficientes para domar meu espírito ansioso; minha vida nos campos e o tempo ocioso eram as tentações que cedo me conduziram a hábitos nefastos. Juntei-me a outros que também não tinham amigos, como eu; reuni-os em um grupo e eu era seu chefe e capitão. Todos éramos pastores e, enquanto nossos rebanhos se espalhavam pelas pastagens, planejávamos e executávamos golpes maliciosos, que nos atraíram a fúria e a vingança dos rústicos. Eu era o líder e o protetor dos meus asseclas, e como me distinguiara entre eles, suas culpas eram geralmente imputadas a mim. Como recompensa, eu exigi sua admiração e obediência.

Com tal aprendizado meu temperamento se tornou rude, porém firme. O apetite por admiração e a pequena capacidade de autocontrole, que herdei de meu pai, cultivada pela adversidade, me fez ousado e irresponsável. Eu era duro como os elementos e selvagem como os animais de que cuidava. Frequentemente me comparava a eles e tendo descoberto que minha superioridade consistia em poder, logo me persuadi de que era apenas no poder que era inferior aos mais altos potentados da Terra. Assim, leigo da mais refinada filosofia e perseguido por um sentimento incansável de degradação pela minha real posição na sociedade, eu vagueei por entre as montanhas da civilizada Inglaterra como um selvagem tão impolido quanto o fundador de Roma, alimentado por lobos. Possuía apenas uma lei, a do mais forte, e meu grande objetivo de virtude era nunca se sujeitar.

Permita-me retratar esta frase que me passou. Minha mãe, ao morrer, tinha, além de suas lições semiesquecidas e mal aplicadas, comprometido, com uma solene exortação, minha irmã mais nova aos meus cuidados; e essa tarefa eu a desempenhei o melhor que pude, com todo o zelo e afeição de que minha natureza era capaz. Minha irmã era três anos mais nova do que eu; e cuidei dela como uma infante, e quando a diferença dos nossos sexos, ao nos prover diferentes ocupações, nos separou em grande medida, ainda ela continuara a ser o objeto do meu grande amor. Órfãos, no sentido integral do termo, éramos os mais pobres entre os pobres e os desprezados entre os desonrados. Se minha ousadia e coragem me granjearam um tipo de aversão respeitosa, sua juventude e sexo, já que não despertam ternura, ao demonstrarem-lhe sua fraqueza, foram as causas de inúmeras mortificações e seu próprio temperamento não era tão forte para diminuir os efeitos maléficos de sua baixa condição social.

Ela era um ser singular e, como eu, herdou muito do temperamento peculiar de nosso pai. Suas feições uma expressão só; seus olhos não eram escuros, mas profundamente impenetráveis; era possível descobrir espaço após espaço na sua rapidez intelectual e sentir a alma que era a alma deles, compreendia um universo de pensamento em sua inteligência. Ela era pálida e clara, e seu cabelo dourado agrupado nas têmporas, contrastava com sua rica tonalidade o palor de mármore que havia entre eles. Seu humilde vestido de camponesa, pouco harmonioso com a sofisticação da emoção que seu rosto transmitia, combinava, ainda que de maneira estranha. Ela era como uma das santas de Guido, com o Paraíso em seu coração e em sua feição, então, ao olhá-la, se poderia pensar nisso intimamente, e roupas e até adereços eram secundários à mente que irradiava em seus traços.

Ainda que amável e cheia de nobres sentimentos, minha pobre Perdita (este era o nome

fantasioso que recebera do seu moribundo pai), não era completamente santificada em seu temperamento. Seus modos eram frios e repulsivos. Se ela tivesse sido educada por aqueles que demonstrassem a ela afeição, ela poderia ser diferente; porém, desprezada e rejeitada, ela pagou o desejo de bondade com desconfiança e silêncio. Era submissa àqueles que exerciam autoridade sobre ela, mas uma suspeita eterna residia em seu rosto; ela parecia esperar inimizade de qualquer um que se aproximasse dela e suas ações eram instigadas pelo mesmo sentimento. Todo o tempo que tinha livre era passado em isolamento. Ela perambulava pelos lugares mais ermos e escalava alturas perigosas, pois nesses locais esquecidos ela podia se envolver na solidão. Com frequência, ela caminhava horas a fio entre as árvores; entrelaçava grinaldas de flores e hera ou observava a dança das sombras e o cair das folhas; às vezes, sentava-se perto de um riacho e, quando seus pensamentos se interrompiam, jogava flores ou seixos nas águas, vendo como elas flutuavam e eles afundavam; ou ela colocava para navegar barcos feitos de folhas ou cortiça, com uma pena como marinheiro e olhava intensamente o navegar de sua embarcação entre as pedras e as partes rasas do riacho. No entretanto, sua fantasia viva tecia milhares de combinações; ela sonhava “de acidentes patéticos no mar e em terra”^[9] – ela se perdia deliciosamente em suas fugas criadas por ela mesma e retornava com o espírito averso aos monótonos detalhes da vida comum. A pobreza era a nuvem que cobria suas qualidades e tudo o que era bom nela parecia perecer pelo desejo do frescor amigável da afeição. Ela não tinha a mesma vantagem que eu, ao lembrar-se dos pais; ela se agarrava a mim, seu irmão, como único amigo, mas sua aliança comigo completou o desgosto de que seus protetores sentiam por ela; e quaisquer erros eram exagerados por eles como se fossem crimes. Se ela tivesse sido criada naquela esfera de vida na qual a delicada estrutura de sua mente e de sua pessoa, por herança, fosse adaptada, ela teria se tornado um objeto de quase adoração, pois suas virtudes eram tão distintas quanto seus defeitos. Todo o gênio que enobrecia o sangue de seu pai ilustrava o dela; uma maré generosa passava pelas suas veias; o engano, a inveja ou a maldade eram contrários à sua natureza; sua feição, quando iluminada por um sentimento amigável, poderia pertencer a uma rainha; seus olhos eram brilhantes; seu olhar, destemido.

Embora pela nossa situação e temperamento estívéssemos ambos praticamente à parte das costumeiras formas de relacionamento social, havia um forte contraste entre nós. Eu sempre necessitava dos estímulos proporcionados pelo companheirismo e pelo aplauso. Perdita era completamente autossuficiente. Apesar dos meus hábitos reprováveis, meu temperamento era sociável, o dela, recluso. Minha vida se passou entre realidades tangíveis, a dela era um sonho. Poderia até mesmo dizer que amava meus inimigos, já que me incitando, eles como que me investiram de felicidade; Perdita praticamente odiava suas amigas, por interferir em seus modos visionários. Todos os meus sentimentos, mesmo os de exultação e triunfo, tornavam-se amargos, se não compartilhados; Perdita, mesmo contente, fugia para a solidão e poderia seguir, dia após dia, sem demonstrar suas emoções ou procurar sentimentos iguais em outra mente. Ela poderia até amar e mergulhar com ternura na aparência e na voz de sua amiga, enquanto seu comportamento expressaria a mais fria distância. Nela, uma sensação tornava-se um sentimento e ela nunca se expressaria até que pudesse mesclar suas percepções sobre objetos exteriores com as que formavam o crescimento natural da sua própria mente. Ela era como um solo fértil que se embestia dos ares e do orvalho do Paraíso, e os passava adiante em forma de reluzentes e

amáveis frutas e flores; mas então ela ficava rude e obscura como aquele solo, arado e novamente cultivado com sementes nunca vistas.

Ela morava em um casebre cujo caminho de gramas aparadas inclinava-se para as águas do lago Ulswater; uma faixa estendia-se pela montanha e um murmurante riacho caía delicadamente do acive por entre bancos cobertos por álamos, até o lago. Eu vivia com um fazendeiro cuja casa foi construída nas elevações das montanhas: um escuro penhasco erguia-se logo atrás, e, para o norte, a neve permanecia em suas reentrâncias mesmo no verão. Antes de amanhecer eu conduzia meu rebanho para as pastagens e as vigiava durante o dia. Era uma vida de trabalho duro; na qual a chuva e o frio eram mais constantes do que o brilho do sol; mas meu orgulho era desprezar os elementos. Meu confiável cão vigiava as ovelhas enquanto eu me esquivava para os encontros com meus camaradas e, daí, para a realização dos nossos planos. Ao meio-dia, nos encontrávamos novamente, nos livrávamos de nossa comida simplória, enquanto preparávamos e acendíamos o fogo com que cozinharíamos as prendas roubadas das dispensas vizinhas. Então surgiam as histórias de escapadas por um triz, de lutas contra cães, de emboscadas e fugas, enquanto rodeávamos o caldeirão como ciganos. A busca por uma ovelha desgarrada ou as maquinações com que fugíamos, ou tentávamos fugir, da punição, preenchiam as horas da tarde. Ao cair da noite, meu rebanho retornava à fazenda, e eu, para minha irmã.

Raramente escapávamos, para usar uma frase antiga, sem levar sabão. Nosso saboroso destino era quase sempre convertido em repreensões e prisão. Uma vez, aos treze anos, fui preso por um mês na cadeia do condado. Quando fui libertado, minha moral inalterada, meu ódio pelos meus opressores multiplicou-se por dez. O pão e a água não domaram meu sangue, nem o confinamento solitário me inspirou pensamentos gentis. Eu estava furioso, impaciente, miserável; meus únicos momentos de felicidade eram quando eu imaginava vingança; e tais esquemas eram aperfeiçoados em minha solidão forçada, portanto, em toda a estação seguinte, e eu fui solto em setembro, nunca falhei em prover refeições excelentes e fartas para mim e para meus camaradas. Foi um inverno glorioso. O frio agudo e as fortes nevascas mantinham os animais tranquilos e faziam com que os camponeses permanecessem perto das lareiras; tínhamos mais alimento do que poderíamos comer e meu fiel cão se fartava com nossas sobras.

Assim passaram-se os anos; e o tempo apenas reforçou o amor pela liberdade e o desprezo por tudo o que não era tão selvagem e rude como eu mesmo. Aos dezesseis anos, eu já apresentava as feições de um homem crescido; era alto e atlético; e era hábil em exibir minha força e estava habituado à inclemência dos elementos. Minha pele estava bronzeada pelo sol; meu passo era firme por saber do meu poder. Não temia ninguém, assim como não amava ninguém. Depois de viver, eu recordava maravilhado o que eu era então; quão extremamente inútil eu devo ter me tornado se tivesse continuado em minha carreira de criminoso. Minha vida era como a de um animal e minha mente estava prestes a se degenerar nos aspectos da natureza bruta. Até aquele momento, meus hábitos selvagens não tinham me causado nenhum comprometimento maior; meus poderes físicos haviam crescido e florescido sob sua influência, e minha mente, seguindo a mesma disciplina, imbuíra-se de todas as virtudes resistentes. Mas, agora, minha independência fugaz sempre me instigava para os atos de tirania e a liberdade tornava-se desregrada. Eu permanecia na iminência de me tornar um homem; as paixões, fortes como as árvores de uma floresta, já haviam se arraigado dentro de mim e estavam prestes a cobrir com suas nocivas e enormes sombras o caminho da minha vida.

Eu ansiava por aventuras maiores que minhas explorações de criança e construía sonhos doentios sobre ações futuras. Evitava meus antigos camaradas e logo os perdi. Eles chegaram à idade na qual são enviados para cumprir seus destinos; enquanto eu, um renegado, com ninguém para me conduzir ou me mostrar o caminho, parei. Os velhos apontavam para mim como um exemplo e os novos a se admirar de mim como um estranho; eu os odiava e, última e pior degradação, comecei a me odiar. Agarrava-me aos meus hábitos ferinos, ainda que os desprezando em parte; continuei minha luta contra a civilização, embora ainda acalentasse um desejo de pertencer à ela.

Sempre revolia minhas memórias do que minha mãe havia me dito sobre a antiga vida de meu pai; contemplei as poucas relíquias dele que eu ainda possuía, que falam sobre refinamentos superiores ao que se poderia encontrar entre choupanas; mas nada disso servia para guiar-me em direção a um estilo de vida mais prazeroso. Meu pai relacionava-se com os nobres, mas tudo o que eu conhecia dessas relações era a rejeição ulterior. O nome do rei – aquele a quem meu moribundo pai dirigira suas últimas preces e quem havia as diminuído de maneira bárbara, estava associado apenas às ideias de maldade, injustiça e, conseqüentemente, ressentimento. Eu havia nascido para ser algo maior do que era – e maior iria me tornar; mas a grandeza, ao menos para a minha distorcida percepção, não estava necessariamente vinculada à bondade e meus pensamentos selvagens passavam livres pelas considerações morais quando estas se digladiavam em sonhos de distinção. Portanto, eu permanecia sobre um pico, um mar de maldade em turbilhão sob meus pés; estava prestes a me lançar a ele e jogar-me como uma torrente contra todos os obstáculos ao objeto dos meus desejos – quando uma influência estranha apoderou-se da corrente que conduziria minha sorte e alterou seu revolto destino para o que era comparado aos suaves meandros de um remanso.

CAPÍTULO II

EU MORAVA longe das frenéticas ocupações dos homens e o rumor de guerras ou de mudanças políticas chegava como um mero sussurrar às montanhas onde residíamos. A Inglaterra havia sido o palco de convulsões históricas durante minha infância. No ano 2073, o último dos seus reis, o antigo amigo de meu pai, havia abdicado de acordo com as gentis forças das objeções aos seus atos e uma república foi instituída. Grandes propriedades foram designadas para o monarca deposto e sua família; ele recebeu o título de Conde de Windsor e o Castelo de Windsor, da antiga realeza, com seus amplos arredores, fazia parte da riqueza que lhe fora alocada. Ele faleceu logo depois, deixando um filho e uma filha.

A ex-rainha, uma princesa da casa da Áustria, havia há muito instado seu marido a resistir às necessidades dos tempos. Ela era arrogante e destemida; cultivava um amor pelo poder e um amargo desprezo por aquele que a havia despojado de seu reino. Somente em prol dos seus filhos, consentira em permanecer, perdendo seu título de nobreza, membro da república inglesa. Quando enviuvou, ela se dedicou exclusivamente à educação de seu filho Adrian, segundo Conde de Windsor, para que realizasse suas metas ambiciosas; do leite materno ele se embebeu, com a intenção de crescer no rígido propósito de recuperar a coroa perdida. Adrian tinha então quinze anos. Estudava com afincamento e ocupou seus anos com aprendizado e talento: documentos dão conta de que ele já começara a desvirtuar as visões de sua mãe e a cultivar princípios republicanos. Embora isso seja possível, a altiva Condessa não confiava a ninguém os segredos de seu ensino familiar. Adrian cresceu solitário e mantido à parte da companhia natural de sua idade e posição. Alguma circunstância desconhecida então induziu sua mãe a distanciar-se de sua tutela imediata; e soubemos que ele estava prestes a visitar a Cúmbria. Milhares de histórias afloraram, explicando a conduta da Condessa de Windsor; provavelmente nenhuma delas verdadeira; mas a cada dia tornava-se mais claro que deveríamos ter um ramo da última casa real da Inglaterra entre nós.

Havia uma imensa propriedade em Ulswater, com uma mansão, pertencente à sua família. Um grande parque era um de seus apêndices, planejado com muito estilo e fartamente provido de caça. Eu havia feito frequentes predações dentro daquelas cercas; e o estado deplorável da propriedade facilitava minhas incursões. Quando se decidiu que o jovem Conde de Windsor deveria visitar a Cúmbria, chegaram trabalhadores para colocar o local em ordem para a sua recepção. O antigo esplendor foi reposto às construções e o parque, completamente recuperado, foi protegido com cuidado incomum.

Eu estava perturbado em grande medida por toda essa preparação. Minhas lembranças sonolentas e meus sentimentos suspensos de dor estavam aguçados pela curiosidade e deram lugar a uma nova necessidade de vingança. Já não podia mais cumprir minhas ocupações; todos os meus planos e maquinações foram esquecidos; eu buscava uma forma de viver inédita e sob maus auspícios. O impulso pela guerra estava prestes a começar. Ele viria triunfantemente ao distrito para o qual meu pai fugira decepcionado; ele encontraria a sua maldita descendência, concedida com tanta confiança vã ao seu pai real, miseravelmente pobre. Que ele devesse saber de nossa existência e que, tão perto, nos tratasse da mesma maneira com que seu pai o fizera à

distância e em ausência, pareceu-me consequência certa de tudo o que acontecera antes. Portanto, eu deveria encontrar esse moleque importante – o filho do amigo de meu pai. Ele deveria estar protegido por serviçais; nobres e os filhos dos nobres eram seus companheiros; toda a Inglaterra sabia o seu nome; e sua chegada, como uma trovoadas, foi ouvida de longe: enquanto eu, iletrado e sem estilo, se me encontrasse com ele deveria, no julgamento dos seus seguidores da corte, evidenciar em minha própria pessoa o nível de ingratidão que fez de mim o ser degradado que aparentava.

Com minha mente inteiramente ocupada por essas ideias, eu cercava a residência destinada ao jovem Conde com fascinação, poderia se dizer. Observava o progresso das reformas e analisava as carretas sendo descarregadas, enquanto vários artigos de luxo, trazidos de Londres, eram acomodados na mansão. Era parte do plano da ex-rainha cercar seu filho com uma magnificência de príncipe. Chamava a minha atenção os ricos carpetes e os sedosos penduricalhos, ornamentos dourados, metais ricamente decorados, móveis emblemados e os demais apêndices dispostos da alta classe, de forma que nada que não tivesse um esplendor imperial devesse atingir a visão de um descendente real. Eu os olhava; e depois fitava minha vestimenta púida. – De onde nascera esta diferença? De onde, senão da ingratidão, da falsidade, de um delito da parte do pai do príncipe, da nobre simpatia e do sentimento de generosidade. Sem dúvida, dele também, cujo sangue recebeu uma grande porção de sua orgulhosa mãe - ele, o foco reconhecido da riqueza e nobreza do reino, foi ensinado a repetir o nome do meu pai com desdém e a zombar dos meus pedidos de proteção. Esforcei-me a pensar que toda essa grandeza era nada mais do que a mais exuberante infâmia e que, ao fincar este estandarte tramado em ouro além de minha fosca e rota bandeira, ele proclamou não a sua superioridade, mas seu rebaixamento. Ainda assim, eu o invejava. Seu haras de belos cavalos, suas armas de cara confecção, a admiração, a adoração, todos prontos a servi-lo, sua alta posição e sua alta estima, - eu as considerava terrivelmente tomadas de mim e as invejava com inédita e tormentosa amargura.

Para coar a vexação do meu espírito, Perdita, a visionária Perdita, pareceu despertar para a vida real quando me disse que o Conde de Windsor estava para chegar.

“E isto lhe agrada?”, observei, emocionado.

“Claro que sim, Lionel”, ela replicou; “Eu anseio por vê-lo; é um descendente dos nossos reis, o primeiro nobre destas terras: todos o admiram e o amam, e dizem que sua posição é seu último mérito; ele é generoso, bravo e afável”.

“Você aprendeu uma bela lição, Perdita”, disse eu, “e a repetiu tão bem que esqueceu o momento em que provamos das virtudes do Conde; sua generosidade conosco se manifesta em nossa fartura, sua bravura na proteção que nos presta, sua afabilidade no apreço que tem por nós. Sua posição é seu último mérito, você disse? Por que, se todas as suas virtudes derivam apenas da sua condição; porque ele é muito rico, chamam-no de generoso; porque é poderoso, chamam-no de bravo; porque ele é bem servido, chamam-no de afável. Deixe-os chamarem assim, deixe que toda a Inglaterra acredite que ele é assim, pois – nós o conhecemos - ele é nosso inimigo – nosso avaro, covarde e arrogante inimigo; se ele fosse agraciado com uma partícula das virtudes que lhe atribui, ele seria justo conosco, fosse apenas para se exhibir, que se ele atacasse, não seria como um adversário caído.

Seu pai feriu o meu pai – seu pai, encastelado em seu trono, ousou desprezar aquele que se

inclinou a ele próprio, quando se condescendeu a se associar àquele ingrato real. Nós, descendentes de um e de outro, devemos ser inimigos, também. Ele deve descobrir que eu posso sentir minhas feridas; ele deve conhecer o pavor de minha vingança!”

Poucos dias depois, ele chegou. Até o habitante da choupana mais miserável encorpoou o fluxo de gente que se despejou para conhecê-lo; mesmo Perdita, apesar da minha última filípica, se instalou próximo à estrada para observar seu grande ídolo. Eu, em parte irritado por encontrar todas as pessoas em suas melhores roupas descendo as montanhas, fugi para os picos cobertos de nuvens e, encarando as rochas estéreis acima de mim, gritei – “*Eles não choram, vida longa ao Conde!*” Não retornei para casa nem quando a noite chegou, acompanhada de garoa e frio; pois eu sabia que em cada casebre soavam os elogios para Adrian; enquanto sentia meus membros entorpecerem e congelarem-se, minha dor alimentava minha aversão insana; não, eu quase triunfei nela, uma vez que aparentava dar-me razão e justificativa para meu ódio por meu desconsiderado adversário. Tudo era atribuído a ele, já que confundia inteiramente a ideia de pai e filho, que eu esqueci que o último poderia estar totalmente desinformado de que seu pai nos rejeitou; e, enquanto batia a mão em minha cabeça dolorida, eu gritava: “Ele deve saber disso! Serei vingado! Não sofrerei como um pequeno cão! Ele deve saber, desgraçado e miserável como eu sou, que não me dobrarei à injustiça!” Cada dia, cada hora, somavam-se a esses erros exagerados. Os elogios a ele fincavam-se em meu peito vulnerável como o agulhão de uma víbora. Se o via à distância, montado em um belo cavalo, meu sangue fervia de fúria; o ar parecia envenenado pela sua presença e meu inglês nativo decaía para um vil arrazoado de palavras, pois cada frase que eu ouvia era acompanhada de seu nome e de sua honra. Ansiava por aliviar essa dor que queimava meu coração por meio de alguma ofensa que deveria despertar nele alguma suspeita de minha antipatia. Era o peso de sua ofensa, que ele deveria notar em mim tais sensações intoleráveis e não se dignar a demonstrar que percebia que eu vivia a senti-las.

Logo ficou notório que Adrian tinha grande prazer em seu parque e nas suas terras. Ele nunca praticava esportes, mas passava horas a observar os grupos de animais amáveis e quase domados que lá viviam, e ordenou que se tomasse mais cuidado com eles do que nunca. Eis uma chance para os meus planos de ataque e eu a aproveitei com a bruta impetuosidade que meu ativo modo de vida me proporcionara. Propus que caçassemos ilegalmente em suas terras aos meus camaradas remanescentes, que eram os mais determinados e irresponsáveis da minha turma; mas todos se retraíram do perigo; então tive de empreender minha vingança sozinho. Inicialmente, minhas explorações passaram despercebidas; tornei-me mais ousado; pegadas na grama úmida, arbustos remexidos e marcas de caça finalmente me denunciaram aos guardas. Eles se tornaram mais vigilantes; fui pego e mandado à prisão. Adentrei pelas suas paredes escuras em meio a um êxtase de triunfo: “Ele sente minha presença agora”, gritei, “e sentirá mais vezes!” – não fiquei mais do que um dia em confinamento; fui liberado à noite, como me foi dito, por ordem do próprio Conde. Eu me elevava ao topo da minha honra, mas a notícia me lançou de lá. Ele me despreza, pensei; mas deve saber que o desprezo e tenho em igual insignificância suas punições e sua clemência. Na segunda noite após minha liberdade, fui pego novamente pelos guardas – novamente preso, novamente libertado; e então outra vez, tal era minha pertinência, que a quarta noite encontrou-me no parque proibido. Os guardas estavam mais furiosos do que seu senhor pela minha obstinação. Havia recebido ordens para que, se eu

fosse pego novamente, deveria ser levado ao Conde; e sua leniência os fez esperar uma conclusão que consideravam leve para os meus crimes. Um deles, que era desde o início o líder dentre aqueles que me capturaram, resolveu satisfazer seu próprio ressentimento, antes de me levar aos poderes superiores.

A demora da lua em se pôr e a cautela extrema que fui obrigado a empregar nesta terceira expedição consumiram tanto tempo que algo como um escrúpulo de medo se apoderou de mim quando percebi que a escura noite já se convertia em aurora. Eu rastejei ao longo da cerca viva, procurando coberturas escuras do arbusto, enquanto os pássaros despertavam com uma canção indesejada acima de mim e o vento fresco da manhã, soprando entre os galhos, me fez temer por tropeços a cada volta. Meu coração batia rapidamente quando alcancei os mourões da cerca; minha mão estava em um deles, um salto me levaria para o outro lado, quando dois vigias me emboscaram; um deles me nocauteou e começou a me impingir severas chicotadas. Eu voltei a si – uma faca estava ao meu alcance; irrompi em direção ao seu braço direito erguido e fiz um profundo e extenso corte em sua mão. A fúria e os gritos do homem ferido, as agudas execrações do seu colega, às quais respondi com igual amargura e fúria, ecoaram pelo parque; a manhã avançava mais e mais, sua celestial beleza em desacordo com nossa luta bruta e barulhenta. Eu ainda lutava contra meu inimigo, quando o homem ferido exclamou: “O Conde!” Libertei-me da força hercúlea do guarda, respirando com dificuldade por causa do esforço; lancei olhares furiosos aos meus perseguidores e me pus de costas a uma árvore, decidido a me defender até o fim. Minhas roupas estavam rasgadas e eles, assim como minhas mãos, estavam manchados com o sangue do homem que feriu; uma mão passou pelos pássaros mortos – minha caça duramente conquistada, a outra segurava a faca; meu cabelo estava revoltado; minha face se cobria com os mesmos sinais de culpa que testemunhavam contra mim no instrumento pingente ao qual me agarrava; toda a minha aparência era desleixada e esquelética. Alto e musculoso como eu era no princípio, deveria parecer como, o que eu seguramente era, o mais reles rufião que já pisou na terra.

O nome do Conde me assustou e fez com que o sangue indignado que aquecia meu coração subisse para o rosto; eu nunca o vira antes; imaginei que fosse um jovem desdenhoso e altivo, que me reprovava caso se dignasse a falar comigo, com toda a sua arrogância proveniente da superioridade. Minha réplica estava pronta; uma ofensa que julguei calculada a ferir precisamente seu coração. Ele chegou num instante; e sua aparência dissipou, com um gentil sopro do oeste, minha ira nublada: diante de mim estava um garoto alto, magro e pálido, com uma fisionomia expressiva do excesso de sensibilidade e refinamento; os raios matutinos do sol tingiram de dourado seu cabelo sedoso e espalharam luz e glória sobre sua irradiante imagem. “Como é possível?” ele gritou. Os homens logo começaram a se defender; ele os interrompeu, dizendo, “Dois de vocês de uma vez num rapaz só – que vergonha!” Ele se voltou para mim: “Verney”, ele gritou, “Lionel Verney, é assim que nos encontramos pela primeira vez? Nascermos para ser amigos um do outro e, embora a má sorte tenha nos separado, você não reconhece o laço hereditário de amizade que, espero, nos unirá de agora em diante?”

À medida que falava, seus olhos sinceros, fixos em mim, pareceram ler minha própria alma: meu coração, meu selvagem e vingativo coração, sentiu a doce influência da boa vontade afundar sobre si, enquanto sua voz embargada, como a mais doce das melodias, despertou um eco mudo dentro de mim, conduzindo até as profundezas a energia vital ao meu ser. Quis

responder, reconhecer sua bondade, aceitar sua amizade preferencial; mas as palavras, as palavras certas, não eram providas a um rústico montanhês; eu teria lhe dado a mão, mas a mancha da culpa me conteve. Adrian se apiedou de meus modos faltosos: “Venha comigo”, ele disse, “Tenho muito a lhe contar; venha comigo – você sabe quem sou eu?”

“Sim”, exclamei, “acredito que agora eu lhe conheça e que você perdoe meus erros – meu crime.”

Adrian sorriu gentilmente; e, depois de dar ordens aos guardas, se aproximou de mim; pondo seu braço no meu, juntos andamos até a mansão.

Não era a sua posição – depois de tudo o que eu disse, certamente não se suspeitaria que era a posição de Adrian que, desde o início, subvertera a minha convicção e colocou todo o meu espírito prostrado ante ele. Nem sozinho comecei a me aperceber intimamente de suas virtudes. Sua sensibilidade e cortesia fascinavam qualquer um. Sua vivacidade, inteligência e índole exaltada de benevolência concluíam o granjeio. Mesmo em uma tenra idade, ele havia lido muito e estava imbuído do espírito da alta filosofia. Esse espírito deu um tom de persuasão irresistível ao seu relacionamento com os outros, fazendo-o semelhante a um músico inspirado que atingia, com precisa habilidade, “a lira da mente” e produzia, portanto, uma harmonia divina. Em pessoa, ele dificilmente parecia ser deste mundo; sua delicada estrutura era supereducada pela alma que ali residia; ele era todo mente; “Basta que dirijais um junco contra” ^[10] seu peito e teria sido conquistada sua força; mas o poder do seu sorriso teria domado um leão faminto ou feito com que um exército deitasse suas armas sob seus pés.

Passei o dia com ele. No início, não se referiu ao passado ou a quaisquer ocorrências pessoais. Ele provavelmente quis me inspirar confiança e dar-me tempo para reunir meus pensamentos esparsos. Ele falou de assuntos gerais e deu-me ideias que nunca havia concebido antes. Sentamo-nos em sua biblioteca e ele falou de velhos filósofos gregos e do poder que elas adquiriram sobre as mentes humanas apenas por força do amor e da sabedoria. A sala era decorada com bustos de muitos deles e ele descreveu o caráter de cada um. Enquanto ele falava, eu me senti sujeito a ele; e meu orgulho e força exacerbados foram subjugados pelo melífluo modo de falar daquele garoto de olhos azuis. O adequado e pálido comportamento civilizado, que antes eu considerava em minha selva como inacessível, tinha sua pequena entrada aberta por ele; eu adentrei e senti, enquanto progredia, que deixava minha terra nativa.

Quando a noite caiu, ele mencionou o passado. “Tenho uma história a lhe contar”, ele disse, “e muita explicação a dar sobre o passado; talvez você possa me ajudar a encurtá-la. Você se lembra de seu pai? Nunca tive a felicidade de conhecê-lo, mas seu nome é uma das mais antigas recordações: ele permanece escrito em minha memória como o tipo de tudo o que era galante, amável e fascinante nos homens. Seu comportamento não era mais conspícuo do que a transbordante bondade de seu coração, que ele despejava em tal medida sobre seus amigos que pouco deixou, lamentavelmente, para si mesmo.”

Encorajado por esse elogio, continuei, em resposta aos seus pedidos, a relatar o que lembrava de meu pai; e ele deu conta das circunstâncias que levaram à rejeição da carta testamento de meu pai. Quando, depois de algum tempo, o pai de Adrian, então rei da Inglaterra, sentiu sua situação mais delicada, sua linha de conduta mais constrangedora, mais e mais ele sentiu-se saudosos de seu amigo, que poderia mover montanhas contra a ira impetuosa da rainha,

mediadora entre ele e o Parlamento. Desde a noite em que ele fugiu de Londres, na noite fatal de sua derrota na mesa de jogo, o rei não mais recebeu notícias dele; e quando, depois do correr dos anos, ele se animou a descobrir seu paradeiro, todas as pistas se perderam. Com um remorso mais apaixonado do que nunca, ele se agarrou à sua memória; e incumbiu seu filho de, se encontrasse alguma vez com seu valioso amigo, prover-lhe todo o socorro em seu nome e de assegurá-lo de que, até o final, seu vínculo sobrevivera à separação e ao silêncio.

Pouco tempo antes da visita de Adrian à Cúmbria, o herdeiro do nobre a quem meu pai confiou seu último apelo ao seu mestre real, pôs sua carta, seu selo intacto, nas mãos do jovem Conde. A carta havia sido descoberta junto a uma pilha de papéis velhos e o puro acidente trouxe-a à luz. Adrian a leu com profundo interesse; e encontrou ali a vívida inteligência engenhosa e espirituosa que ele tão frequentemente ouvira ser celebrada. Ele descobriu o nome do lugar onde meu pai havia se recolhido e onde falecera; ele soube da existência de seus filhos órfãos; e durante o curto intervalo entre sua chegada a Ulswater e nosso encontro no parque, ele se ocupou perguntando sobre nós e planejando uma série de esquemas para o nosso benefício, antes de anunciar sua presença a nós.

O modo como falou de meu pai era grato à minha vaidade; o véu que despejou delicadamente sobre sua benevolência, ao alegar o cumprimento rígido da última vontade do rei, acariciava meu orgulho. Outros sentimentos, menos ambíguos, foram despertados pelo seu modo conciliador e o generoso calor de sua expressão, o respeito raramente sentido antes, admiração e amor – ele tocou meu coração empedrado com seu poder mágico e o fluxo de afeição jorrou adiante, imperecível e puro. Separamo-nos à noite; ele apertou minha mão: “Vamos nos encontrar novamente. Venha aqui amanhã”. Eu segurei aquela bondosa mão; tentei responder; um fervoroso “Deus lhe abençoe!” foi tudo o que a minha ignorância poderia dar forma ao discurso e me afastei rapidamente, oprimido por novas emoções.

Não pude dormir. Busquei as colinas; um vento oeste as agitava e as estrelas brilhavam. Corri, sem me importar com nada ao redor, mas tentando dominar o espírito em convulsão dentro de mim por meio do cansaço físico. “Isto”, pensei, “é poder! E não ter membros fortes, dureza no coração, ferocidade e audácia; mas, sim, ser misericordioso e meigo.” Parando abruptamente, juntei minhas mãos e com o fervor de um recém convertido, gritei, “Não duvide de mim, Adrian, também me tornarei sábio e bom!” e então, bastante prostrado, chorei alto.

Assim que o acesso de emoção passou, me senti melhor composto. Deitei-me no chão e dando liberdade aos meus pensamentos, repassei pela mente minha antiga vida; e comecei, página por página, a desvelar os muitos erros de meu coração e a descobrir quão bruto, selvagem e inútil eu tinha sido até então. Eu não poderia naquela época, porém, sentir remorso, pois em minha concepção eu havia renascido; minha alma se despojou do fardo dos meus pecados passados, para iniciar uma nova jornada na inocência e no amor. Nada arrogante ou bruto permaneceu para desvalorizar os ternos sentimentos que foram inspirados pelo ocorrido no dia; eu soava como uma criança repetindo suas devoções junto à mãe e minha alma de plástico fora remodelada por uma hábil mão, a qual eu não desejei ou era capaz de resistir.

Esse foi o primeiro início de minha amizade com Adrian e devo celebrar esse dia como o mais afortunado de minha vida. Eu começara a me tornar humano. Fui admitido para dentro da sagrada fronteira que divide a natureza intelectual e moral dos homens daquela que caracteriza os animais. Meus melhores sentimentos foram despertados para dar respostas exatas à

generosidade, sabedoria e polidez de meu novo amigo. Ele, com uma bondade nobre completamente sua, tinha infinito prazer em conceder prodigalidade aos tesouros de sua mente e destino ao filho do amigo de seu pai, há muito rejeitado, a descendência daquele abençoado homem cujas qualidades e talentos ele ouvira ser celebrados desde sua infância.

Depois de abdicar, o último rei retirou-se da esfera política, ainda que seu círculo doméstico lhe proveesse algumas notícias. A ex-rainha não tinha nenhuma das virtudes da vida doméstica e as de coragem e ousadia que ela possuía lhe resultaram inúteis pela sucessão de seu marido; ela o desprezava e não se importava em esconder seus sentimentos. O rei, cedendo às exigências da esposa, tinha se afastado de seus velhos amigos, porém sem fazer novos sob sua orientação. Nesta escassez de simpatias, ele havia recorrido ao seu quase infante filho; e o prematuro desenvolvimento de talento e sensibilidade transformou Adrian em um depósito infundável para as confidências de seu pai. Ele nunca se cansava de ouvir as histórias dos velhos tempos frequentemente repetidas, nas quais meu pai tinha um papel eminente; suas observações perspicazes eram repetidas ao garoto e lembradas por ele; seu espírito, suas fascinações, suas próprias faltas eram veneradas pelo remorso da afeição; sua perda foi sinceramente lamentada. Mesmo a aversão da rainha pelo favorito era vã para eliminar a admiração do seu filho: era amarga, sarcástica, desprezível – mas, enquanto ela lançava sua pesada censura tanto sobre suas virtudes quanto sobre seus erros, sobre sua amizade devotada e sobre seus amores mal-sucedidos, sobre seu desinteresse e sobre sua prodigalidade, sobre sua isenta graça de modos e sobre a facilidade com que ele levava à tentação, seu tiro carregado se provou demasiadamente pesado e errou o alvo por muito. Nem sua irada repulsa evitou que Adrian imaginasse meu pai, como havia dito, o tipo de tudo o que era galante, amável e fascinante em um homem. Não era estranho, portanto, que quando ele tomasse conhecimento da descendência desse homem formidável, planejasse investir neles todas as vantagens que sua posição lhe trouxe em abundância. Quando ele me encontrou como um miserável pastor das colinas, um caçador ilegal, um selvagem iletrado, ainda sua bondade não lhe faltou. Além da opinião que ele tinha de que seu pai era, até certo ponto, culpado pela rejeição que sofremos e que ele buscava toda e qualquer reparação, ele se comprazia em dizer que sob minha rusticidade reluzia uma elevação do espírito, que podia ser distinguida da mera coragem animal e que eu herdara uma similaridade de traços de meu pai, o que provava que todas as virtudes e os talentos não haviam morrido com ele. Meu nobre e jovem amigo decidiu que, independentemente do que eu recebera de meu pai, não deveria se perder pelo desejo de cultura.

Executando seu plano em nosso segundo encontro, ele me levou a desejar tomar parte do cultivo que tornava seu próprio intelecto gracioso. Minha mente ativa, uma vez que capturara a nova ideia, lançara-se a ela com grande avidez. No começo, o objeto de minha ambição era se igualar aos méritos de meu pai e fazer-me merecedor da amizade de Adrian. Mas logo a curiosidade despertou e um honesto amor pelo conhecimento fez com que eu passasse dias e noites em leituras e estudos. Eu já estava bem ao par do que poderia chamar de panorama da natureza, a mudança das estações e os vários aspectos do céu e da terra. Mas fiquei definitivamente assustado e encantado com a súbita expansão da minha visão quando a cortina, estendida na frente do mundo intelectual, foi retirada e eu vi o universo, não apenas como se apresentava aos sentidos exteriores, mas como ele aparecia ao mais sábio dentre os homens. A poesia e suas criações, a filosofia e suas pesquisas e classificações, similarmente despertaram as

ideias que adormeciam na minha mente e me deram outras novas.

Senti-me como um marinheiro, que do topo do mastro discerne pela primeira vez o litoral da América; e, como ele, corri para contar aos companheiros sobre as minhas descobertas em regiões desconhecidas. Mas eu era incapaz de excitar em outro peito o mesmo apetite urgente por conhecimento que existia em mim. Mesmo Perdita não podia me compreender. Eu havia vivido no que é geralmente chamado mundo real e estava despertando para um novo país para descobrir que havia um sentido mais profundo em tudo o que eu via, além do que meus olhos traziam a mim. A visionária Perdita observava em tudo isso apenas um novo brilho para uma velha leitura e a sua própria era suficientemente infatigável em contentá-la. Ela me ouvia como antes fizera quando lhe narrava minhas aventuras e, às vezes, se interessava por determinados tipos de informação; mas, ao contrário de mim, ela não via nisso a parte integral de seu ser que, tendo o obtido, eu já não mais desconcertava além do senso de toque universal.

Ambos coincidíamos em amar Adrian: embora ela, tendo ainda não escapado da juventude, não poderia apreciar, como eu, a extensão de seus méritos ou sentir a mesma simpatia por seus interesses e opiniões. Eu estava sempre com ele. Havia uma sensibilidade e uma doçura em seu temperamento, que dava um tom delicado e etéreo à nossa conversa. Então, ele era alegre como uma cotovia a celebrar com seu canto desde sua alta torre, sobrevoando o pensamento como uma águia, inocente como uma pomba de olhos suaves. Ele poderia dispersar a seriedade de Perdita e dobrar o ferrão da torturante atividade da minha natureza. Eu recordava meus indomáveis desejos e dolorosas batalhas com meus companheiros como um sonho atormentado e me senti tão alterado como transmutado em outra forma, com um novo sensorio e um inédito mecanismo de nervos que mudaram o reflexo do universo aparente no espelho da mente. Mas não era bem assim; eu era o mesmo em força, no honesto anseio por simpatia, na busca por aventuras. Minhas virtudes de homem não me deixaram, da mesma maneira como a bruxa Urânia guardou os cachos de Sansão enquanto ele repousava aos seus pés; mas tudo estava amenizado e humanizado. Adrian não me instrua apenas nas frias verdades da história e da filosofia. Ao mesmo tempo em que me ensinava, através dos seus meios, a subjugar minha própria indolência e meu árido espírito, ele abriu minha visão para a vívida página do seu próprio coração e fez-me sentir e compreender seu maravilhoso caráter.

A ex-rainha da Inglaterra tinha, durante sua infância, manobrado para incutir desígnios ambiciosos e ousados na mente de seu filho. Ela percebeu que ele tinha sido agraciado com gênio e um abrangente talento; que ela cultivou no propósito de usá-los para atingir seus objetivos. Ela encorajou seu apetite por conhecimento e sua coragem impetuosa; até mesmo tolerou seu indomável amor pela liberdade, sob a esperança de que, como frequentemente ocorre, prosperasse para uma paixão pelo comando. Ela fez com que irrompesse nele um sentimento de ressentimento e um desejo de vingança contra aqueles que foram capitais em resultar na abdicação de seu pai. Nisso, ela fracassou. Os relatos que chegaram a ele, embora distorcidos, de uma grande e sábia nação assegurando-se do direito de se governar, excitou sua admiração: nos primeiros dias, ele tornou-se republicano por princípio. Ainda assim, sua mãe não se desesperou. Ao amor da regra e do arrogante orgulho de onde nascera, ela acrescentou uma ambição determinada, paciência e autocontrole. Ela devotou-se ao estudo do temperamento do seu filho. Pela aplicação do elogio, censura e exortação, ela tentou buscar e alcançar os acordes certos; e, embora a melodia que se seguiu ao seu toque lhe soou dissonante, ela manteve suas esperanças

em seus talentos e se assegurou de que venceria, por fim. O tipo de banimento que ele agora vivia deu-se por outros motivos.

A ex-rainha tinha também uma filha, agora com doze anos de idade; Adrian estava acostumado a chamá-la de mágica irmã; uma coisinha amável, animada, cheia de sensibilidade e veracidade. Com eles, seus filhos, a nobre viúva constantemente residia em Windsor; e ninguém os visitava, com exceção de seus próprios partidários, viajantes de sua nativa Alemanha^[11] e alguns dos seus ministros estrangeiros. Entre eles, e altamente preferido por ela, estava o Príncipe Zaimi, embaixador na Inglaterra dos estados livres da Grécia; e sua filha, a jovem Princesa Evadne, passava muito tempo no Castelo de Windsor. Em companhia da inteligente e alegre jovem grega, a Condessa relaxava do seu estado usual. Suas opiniões sobre seus outros filhos colocavam todas as suas palavras e ações relativas a *eles* sob censura; mas Evadne era sua diversão, e ela não a temia; e seus talentos e vivacidade eram grandes alívios para a monotonia da vida da Condessa.

Evadne tinha dezoito anos. Embora passassem muito tempo juntos em Windsor, a extrema juventude de Adrian evitava quaisquer suspeitas sobre a natureza do seu relacionamento. Mas ele era ardente e puro de coração, além da essência comum do homem, e já havia aprendido a amar, enquanto a bela grega sorria condescendente ao garoto. Era-me estranho, embora eu, sendo mais velho do que Adrian, nunca amara, testemunhar o inteiro sacrifício do coração de meu amigo. Não havia sequer ciúme, inquietude ou desconfiança em seu sentimento; era devoção e fé. Sua vida foi engolida pela existência de sua amiga; e seu coração batia apenas em compasso com as pulsações que davam vida ao dela. Essa era a lei secreta de sua vida - ele amava e era amado. O universo era para ele como uma habitação, onde moraria com sua escolhida; e sequer um esquema social ou um encadeamento de eventos poderia lhe impor tanto a felicidade ou a miséria. Que, embora a vida e o sistema de relacionamento social fossem uma imensidão, selva habitada por tigres! Por entre seus erros, nas profundezas dos seus recessos selvagens, havia um caminho reto e florido, através do qual poderiam viajar com prazer e segurança. Seu trajeto seria como a passagem do Mar Vermelho, que eles atravessariam com os pés secos, embora um muro de destruição estivesse preso a cada lado.

Ah! por que devo eu lembrar da infeliz desilusão desta espécie sem par da humanidade? O que há em nossa natureza que sempre nos impele para a dor e a miséria? Não somos feitos para o regozijo; e, embora possamos nos sintonizar para receber emoções agradáveis, o desapontamento é o piloto infalível do barco de nossas vidas e, implacavelmente, nos conduz ao encalhe. Quem tinha melhor estrutura para amar e ser amado do que esse jovem de muitos dons e para colher prazer inalienável de uma paixão sem culpa? Se seu coração tivesse dormido alguns anos mais, ele poderia ter sido salvo; mas ele despertou em sua infância; tinha poder, mas não conhecimento; e fora arruinado, assim como um botão recém-florido é perfurado pela neve assassina.

Eu não acuso Evadne de hipocrisia ou de desejar arruinar seu amante; mas a primeira carta que eu li de sua parte me convenceu de que ela não o amava; era escrita com elegância e, estrangeira sendo sua origem, com grande domínio da linguagem. Sua caligrafia era extremamente bela; havia algo no papel e em suas dobras que, mesmo eu, que não amava e não tinha, portanto, habilidade nesses assuntos, poderia distinguir como de bom gosto. Havia muita

bondade, gratidão e doçura em seu texto, mas não amor. Evadne era dois anos mais velha do que Adrian; e quem, aos dezoito anos, poderia amar outra pessoa mais nova? Comparei suas plácidas missivas com as ardentes de Adrian. Sua alma parecia se destilar nas palavras que escrevia; e elas respiravam no papel, carregando em si uma porção da vida amorosa, que era a sua vida. A sua própria escrita parecia levá-lo à exaustão; e ele as lamentaria, somente pelo excesso de emoção que elas despertavam em seu coração.

A alma de Adrian fora pintada de acordo com sua feição e esconder ou enganar eram antípodas à destemida franqueza de sua essência. Evadne lhe pediu com sinceridade de que a história daquele amor não fosse revelada à sua mãe; e, depois de contestar seu pedido, ele aquiesceu. Uma concessão vã; seu comportamento logo denunciou seu segredo aos olhos ágeis da ex-rainha. Com a mesma prudência cautelosa que marcava completamente sua conduta, ela ocultou sua descoberta, mas agiu para remover seu filho da esfera da atraente grega. Ele foi enviado à Cúmbria; mas o plano de correspondência entre os amantes, arquitetado por Evadne, foi eficazmente escondido dela. Assim, a ausência de Adrian, projetada com o propósito de separá-los, uniu-os com laços mais fortes do que antes. Ele discursava ininterruptamente sobre sua amada jônica para mim. Seu país, seus velhos anais, suas últimas lutas memoráveis, tudo era feito para dividir com ela sua glória e excelência. Ele se submeteu a distanciar-se dela, porque ela exigia essa submissão; não fosse por sua influência, ele teria declarado seu laço por toda a Inglaterra e teria resistido, com constância irremovível, à oposição de sua mãe. A prudência feminina de Evadne percebera quão inútil seria seguir as decisões dele, antes que o tempo desse peso ao seu poder. Talvez houvesse um desgosto inconsciente de se juntar diante do mundo a alguém que ela não amava – não, ao menos, com aquele entusiasmo apaixonado com que seu coração dizia a ela que poderia sentir por outro, algum dia. Ele seguiu seus conselhos e passou um ano em exílio na Cúmbria.

CAPÍTULO III

FELIZES, três vezes felizes foram os meses, as semanas e as horas daquele ano. A amizade, de mãos dadas com admiração, ternura e respeito, erigiram um remanso de prazeres em meu coração, antes torpe como um selvagem iletrado na América, como o vento sem lar ou o mar sem vegetação. A sede insaciável por conhecimento e uma afeição sem limites por Adrian, juntaram-se para manter tanto meu coração quanto minha compreensão ocupadas, e eu estava, por conseguinte, feliz. Tal felicidade é tão verdadeira e limpada, quanto o transbordante e falastrão prazer dos jovens. Em nosso bote, sobre meu lago nativo, além das correntezas e dos álamos – nos vales e sobre as montanhas, alheado de meu cajado, um rebanho mais nobre do que estúpidas ovelhas, mesmo um rebanho de ideias recém-nascidas, eu lia ou escutava Adrian; e seu discurso, fosse sobre o seu amor ou sobre suas teorias quanto ao aperfeiçoamento do homem, sempre me hipnotizavam. Às vezes, meu comportamento irresponsável retornava, meu amor pelo perigo, minha resistência à autoridade; mas isso ocorria apenas em sua ausência; sob o suave oscilar de seus caros olhos, eu era obediente e bondoso como um garoto de cinco anos, que segue os desígnios da sua mãe.

Depois de residir um ano em Ulswater, Adrian visitou Londres e retornou cheio de planos para nós. “Você deve iniciar sua vida”, ele disse; “já está com dezessete anos e um atraso ainda maior faria o aprendizado necessário mais trabalhoso.” Ele previa que sua própria vida seria como uma batalha e eu deveria dividir os trabalhos com ele. Para melhor me adaptar às tarefas, deveríamos nos separar. Ele descobriu em meu nome um bom intermédio à preferência e indicou-me ao cargo de secretário privado ao Embaixador em Viena, onde eu deveria começar minha carreira sob os melhores auspícios. Em dois anos, eu deveria retornar ao meu país, com um nome conhecido e uma reputação já estabelecida.

E Perdita? – Perdita se tornaria a aluna, amiga e irmã mais nova de Evadne. Com a sua habitual criatividade, ele havia providenciado a independência dela nessa situação. Como recusar as ofertas desse generoso amigo? – Eu não queria rejeitá-las; mas em meu âmago, fiz uma promessa de devotar minha vida, meu conhecimento e meu poder, todos os quais, enquanto fossem de valor, ele investira em mim – tudo, todas as minhas habilidades e esperanças, a ele apenas eu as devotaria.

Assim eu me comprometi comigo mesmo, enquanto viajava ao meu destino com curiosa e ardente expectativa: expectativa de cumprir tudo o que, na adolescência, nos prometemos em termos de poder e satisfação na maturidade. Pareceu-me que a hora havia chegado, quando, as ocupações infantis postas de lado, eu deveria começar minha vida. Mesmo nos Campos Elisios, Virgílio descreve as almas dos felizes como ansiosas por beber da onda que iria devolvê-las às atribulações cotidianas. Os jovens são raros nos Elisios, já que seus desejos, amplamente além das possibilidades, os deixam pobres como um devedor sem recursos. Fomos ensinados pelos filósofos mais sábios sobre os perigos do mundo, os truques dos homens e a traição dos nossos próprios corações; mas nem o menos destemido se livra de lançar seu frágil barco além do porto, estender sua vela ou retesar seu remo, para atingir as infundáveis correntes do mar da vida. Quão poucos, no melhor da juventude, ancoram seus barcos nas “areias douradas” e recolhem as

conchas pintadas que lá se espalham. Porém todos, ao fim do dia, com as pranchas rotas e as velas rasgadas chegam à praia, e naufragam antes de atingi-la ou encontram algum recanto castigado pelas ondas, algum litoral deserto onde se lançam a si próprios e morrem sem ser lamentados.

Uma trégua à filosofia! – A vida estende-se perante a mim e eu corro para me apoderar dela. Esperança, glória, amor e uma ambição inocente são os meus guias e a alma nada teme. O que houve, embora doce, já se fora; o presente é bom apenas porque a mudança se aproxima e o que vier será todo meu. Temo, que meu coração palpita? as altas aspirações provocam o correr de meu sangue; meus olhos parecem penetrar a obscura meia-noite do tempo e a discernir entre as profundezas de sua escuridão, a fruição de todos os desejos da minha alma.

Agora, pausa! – Durante minha jornada eu posso sonhar e com resistentes asas atinjo o terraço do alto edifício da vida. Agora, que cheguei ao seu térreo, minhas penas estão revoltas, as poderosas escadas prolongam-se à minha frente e, passo a passo, eu devo subir o maravilhoso templo – Fale! – Que porta está aberta?

Enxerguei em mim uma nova habilidade. Um diplomata: um entre a sociedade ávida por prazeres de uma cidade reluzente; uma juventude de promessas; o favorito do Embaixador. Tudo era estranho e admirável ao pastor da Cúmbria. Com uma surpresa de tirar o fôlego, eu adentrei pela fulgurante cena, cujos atores eram

... os lírios, gloriosos como Salomão,

Não trabalham, nem fiam.^[12]

Muito rapidamente, entrei pelo inebriante redemoinho; esquecendo minhas horas de estudos e a companhia de Adrian. O desejo apaixonado por simpatia e a busca ardente pelo objeto tão venerado ainda me caracterizava. A vista da beleza me hipnotizava e as maneiras atraentes nos homens e nas mulheres conquistaram minha inteira confiança. Eu a chamei de arrebatamento, quando um sorriso acelerou as batidas do meu coração; e eu senti o sangue da vida afiar-se em minha estrutura, quando me aproximei do ídolo que cultuei por algum tempo. O mero fluxo dos espíritos animais era o Paraíso e, ao cair da noite, tudo o que eu desejei foi a renovação de uma ilusão tóxica. A ofuscante luz das salas ornamentadas; amáveis formas arrumadas em esplêndidos vestidos; os movimentos de uma dança, os voluptuosos tons de uma música rara acalentavam meus sentidos em um sonho de delícias.

E não está tudo isso em sua boa felicidade? Apelo aos moralistas e aos sábios. Pergunto se na placidez de seus calculados devaneios, se nas profundas meditações que preenchem suas horas, eles sentem o êxtase de um jovem aprendiz na escola do prazer? Podem os calmos raios de seus olhos que perscrutam os céus igualar os instantes de paixão misturada que cega os dele ou a influência da fria filosofia que rebaixa suas almas a uma alegria igual à dele, engajado

“em seu querido trabalho de jovem celebração”^[13]

Mas, na verdade, nem as solitárias meditações do ermitão, nem os tumultuosos arrebatamentos

do deslumbrado, são capazes de satisfazer o coração do homem. De um, reunimos especulação intranquila, de outro, saciedade. A mente sucumbe ante ao peso do pensamento e inclina-se em direção ao insensível relacionamento daqueles cujo único objetivo é diversão. Não há fruição em sua vaga bondade e rochas afiadas ficam à espreita por entre as suaves ondas destas águas rasas.

Assim eu me sentia, quando o desapontamento, o cansaço e a solidão me devolveram ao meu coração, para extrair daí a alegria da qual ela se tornou estéril. Meus ânimos esvaídos pediam por algo para se referir às afeições; e, não o encontrando, esmoreci. Destarte, embora o prazer irracional esperasse ser iniciado, a impressão que tenho da minha vida em Viena é de melancolia. Goethe disse que, na juventude, não podemos ser felizes a menos que amemos. Eu não amava; mas era consumido por um desejo indomável de ser algo para outros. Tornei-me a vítima da ingratidão e frio flerte – então eu caí apático e imaginei que meu descontentamento me dava direito de odiar o mundo. Eu me retraí à solidão; recorria aos meus livros e meu desejo novamente de apreciar a companhia de Adrian passou a ser uma sede incendiária.

A simulação, que em seu excesso quase assumia as propriedades venenosas da inveja, ferrou esses sentimentos. Nestes tempos, o nome e as explorações de um conterrâneo encheram o mundo de admiração. Ilações do que ele fizera, hipóteses sobre suas próximas ações, eram os temas preferidos do momento. Eu não estava propriamente irritado, mas senti como se os elogios que esse ídolo recebia fossem folhas caídas das láureas destinadas para Adrian. Porém, eu deveria entrar em mais detalhes desse querido pela fama – esse favorito de um mundo amante das maravilhas.

Lordee Raymond era o único remanescente de uma família nobre, contudo empobrecida. Desde o início da juventude, ele considerou sua genealogia com complacência e amargamente lamentou sua necessidade de dinheiro. Seu primeiro desejo era engrandecimento e os meios que o levaram nessa direção eram de segundas considerações. Com arrogância, ainda que tremendo ante cada demonstração de respeito; ambicioso, porém muito orgulhoso para demonstrá-la; desejava de obter honrarias, ainda que devotado ao prazer, - ele iniciou-se na vida. Ele foi encontrado no limiar de algum insulto, real ou imaginário; certa repulsa, onde ele menos esperava; algum desapontamento, difícil de conceber pelo seu orgulho. Ele se contorcia por entre uma injúria que era incapaz de se vingar; e deixou a Inglaterra com um voto de nunca voltar, até que os bons tempos retornassem, quando ela pudesse sentir o poder de quem desprezou.

Ele se tornou mercenário nas guerras gregas. Sua coragem indomável e seu gênio abrangente fizeram-no conhecido. Ele se transformou no estimado herói daquele povo emergente. Apenas sua identidade estrangeira, que ele recusara abandonar, o impediu de ocupar os primeiros cargos no governo. Porém, embora outros pudessem subir no escalão em título e cerimônia, Lordee Raymond ocupou uma posição acima e além de tudo isso. Ele conduziu os exércitos gregos à vitória; todos os seus triunfos pertenciam a ele. Quando ele aparecia, cidades inteiras saíam para vê-lo; novas canções eram adaptadas para aqueles ares nacionais, cujos temas eram sua glória, valor e generosidade. Uma trégua foi assinada entre gregos e turcos. Ao mesmo tempo, Lordee Raymond, por algum evento desapercibido, tornou-se possuidor de uma grande fortuna na Inglaterra, pela qual ele retornou, coroado com glória, para receber sua recompensa de honra e distinção antes negada às suas pretensões. Seu coração orgulhoso rebelou-se contra essas mudanças. Em que era o desprezado Raymond diferente? Se a aquisição de poder na forma de riqueza causou tal alteração, este poder eles deveriam sentir como uma canga de ferro. O poder,

portanto, era o objetivo de todos os seus trabalhos; o engrandecimento, a marca que ele sempre alvejou. Em ambição franca ou íntima intriga, seus fins eram os mesmos – obter o primeiro posto em seu próprio país.

O relato me encheu de curiosidade. Os eventos que se sucederam à sua chegada à Inglaterra deram-me sentimentos agradáveis. Lordee Raymond, entre outros aspectos, era extremamente belo; todos o admiravam; era idolatrado pelas mulheres. Ele era cortês e sedutor – um adepto das artes da fascinação. O que esse homem não poderia obter no atribulado mundo inglês? A mudança seguiu-se à mudança; a história completa, desconheci; pois Adrian não mais me escrevera e Perdita era uma correspondente lacônica. O rumor era de que Adrian se tornara – como escrever a palavra fatal – louco: que Lordee Raymond era o favorito da ex-rainha, o marido destinado à sua filha. Mais ainda, que esse aspirante à nobreza revivera a exigência da casa de Windsor à coroa e que, considerando a desordem mental incurável de Adrian e o seu casamento com a irmã, as feições do ambicioso Raymond poderiam ser circundadas com o mágico anel da realeza.

Tal história fez soar o trompete da fama muito entoada; tal história tornou minha estada em Viena, distante da amizade de minha infância, intolerável. Agora eu deveria cumprir minha promessa; e perfilar-me ao seu lado, ser seu aliado e ajudá-lo até a morte. Adeus aos prazeres da corte; à intriga política; às densas paixões e devaneios! Vamos lá, Inglaterra! Nativa Inglaterra, receba teu filho! tu és o cenário de todas as minhas esperanças, o poderoso teatro no qual se interpreta o único drama que podem, coração e alma, conceber-me em seu palco durante seu desenrolar. Uma voz quase irresistível, um poder onipotente, atraiu-me naquela direção. Após uma ausência de dois anos, eu aportei em seu litoral, não ousando perguntar, temeroso de qualquer observação. Minha primeira visita seria à minha irmã, que morava em uma pequena cabana, parte do presente de Adrian, nos limites da Floresta de Windsor. Dela, eu deveria saber a verdade sobre o nosso protetor; eu deveria ouvir os motivos que a levaram a se retirar da proteção da Princesa Evadne e compreender a influência que esse prepotente e intenso Raymond exerceu sobre o destino de meu amigo.

Nunca havia estado nos arredores de Windsor; a fertilidade e a beleza do campo ao redor atingiam-me com admiração, que aumentava à medida que me aproximava das velhas árvores. As ruínas dos majestosos carvalhos que cresceram, floresceram e decaíram durante o progresso dos séculos marcavam os limites de onde, uma vez, a floresta atingiu, enquanto a despedaçada cerca e o arbusto rejeitado demonstravam que este trecho não era cultivado pelas árvores mais novas, que deviam seu nascimento ao começo do século dezanove e agora permaneciam no orgulho da maturidade. A humilde habitação de Perdita situava-se na beira da porção mais antiga; adiante, estendia-se Bishopgate Heath, que parecia interminável em direção ao leste e limitava-se a oeste por Chapel Wood e pelo pomar de Virginia Water. Atrás, a cabana era sombreada pelos veneráveis pais da floresta, sob as quais os cervos vinham pastar e, em sua maior parte, cheio de clareiras e decadência, formando fantásticos grupos que contrastavam com a beleza usual das árvores mais jovens. Estas, a descendência de um período superior, permaneciam eretas e pareciam prontas para avançar, destemidas sobre o futuro; enquanto aquelas, desgarradas e puídas, ressecadas e quebradas, agarradas umas às outras, seus fracos ramos suspirando enquanto o vento as fomentava – uma turba derrotada pelo clima.

Um suave gradil cercava o jardim da cabana que, de teto baixo, parecia se submeter à

majestade da natureza e agachar-se ante os veneráveis remanescentes de um tempo esquecido. As flores, as filhas da primavera, adornavam seu jardim e as janelas; entre a insignificância, havia um ar de elegância que combinava com o gosto delicado da prisioneira. Adentrei pela sua clausura com meu coração acelerado; enquanto permanecia na entrada, ouvi sua voz, melodiosa como sempre, que me assegurou de seu bem-estar antes de vê-la.

Um momento mais e Perdita surgiu; pôs-se à frente de mim no fresco florescer de sua feminina juventude, diferente, mas ainda a mesma montanhesa que deixei. Seus olhos não eram mais profundos do que em sua infância, nem suas feições mais expressivas; mas a fisionomia se alterara para melhor; a inteligência se instalou em seu rosto; quando ela sorria, seu rosto se embelezava pela mais suave sensibilidade e sua voz, baixa e modulada, parecia ter sido afinada pelo amor. Sua pessoa havia sido formada nas mais femininas proporções; ela não era alta, mas sua vida entre as montanhas havia dado liberdade aos seus movimentos, portanto seu passo delicado fez seu pisar inaudível enquanto ela atravessou a sala em minha direção. Quando nos separamos, eu a segurei contra meu peito com um calor irrestrito; encontramos-nos novamente e outros sentimentos despertaram; quando nos observamos, a infância passou, tornando-nos atores crescidos nesse cenário mutante. A pausa durou um momento; a torrente de associações e sentimentos naturais que foi contida irrompeu mais uma vez sobre nossos corações como uma maré cheia e, com a mais frágil emoção, nos prendemos rapidamente em nossos braços.

Depois dessa explosão de paixão, com pensamentos mais calmos nos sentamos juntos, falando sobre o passado e o presente. Aludi à frieza de suas cartas; mas os poucos minutos que passamos juntos já eram suficientes para explicar o motivo. Novos sentimentos haviam se erguido nela e ela era incapaz de descrevê-los por escrito a quem conhecera apenas na infância; mas nos vimos outra vez e nossa intimidade foi renovada como se nada houvesse influenciado para interrompê-la. Detalhei os eventos de minha permanência no estrangeiro e, então, perguntei-a sobre as mudanças que havia em casa, as causas da ausência de Adrian e a sua vida reclusa.

As lágrimas que preencheram os olhos de minha irmã quando mencionei nosso amigo e sua cor elevada parecia comprovar a verdade das histórias que haviam chegado até a mim. Mas sua importância era terrível para eu dar o crédito instantâneo à minha suspeita. Havia mesmo, então, confusão no sublime universo dos pensamentos de Adrian, havia a loucura dispersado as bem organizadas legiões e ele já não era mais o senhor de sua própria alma? Amado amigo, este mundo incurável não era clima para seu espírito gentil; você semeou ordem pela falsa humanidade, que a desnudou de suas folhas em pleno inverno e deixou nua sua existência trêmula sujeita à perversa exposição dos mais duros ventos. Havia estes gentis olhos, estas “janelas da alma”, perdido seu sentido ou apenas discernem a horrível história de suas aberrações contra a luz? Já não mais “discursa excelente música” ^[14] esta voz? Horrível, muito horrível! Cubro meus olhos pelo terror da mudança e lanço lágrimas que testemunham a minha compaixão por esta inimaginável ruína.

Em obediência ao meu pedido, Perdita detalhou as melancólicas circunstâncias que levaram a esse evento.

A franca e ingênua mente de Adrian, dotada como era de toda a graça natural, habilitada com transcendentais poderes do intelecto, imune à sombra do erro (a menos que sua corajosa independência de pensamento seja compreendida como um), estava devotada, mesmo como

uma vítima ao sacrifício, ao seu amor por Evadne. Ele confiou à ela os segredos de sua alma, sua busca pela excelência e seus planos para o aperfeiçoamento da humanidade. Quando a humanidade surgiu ante ele, seus esquemas e suas teorias, longe de ser alteradas por motivos pessoais e prudentes, adquiriram novas forças dos poderes que ele sentiu erguerem dentro de si; e seu amor por Evadne tornou-se ainda mais profundo, pois a cada dia ele tornou-se mais convicto de que o caminho que seguira era repleto de dificuldades e que ele deveria buscar sua recompensa não no aplauso e na gratidão dos seus semelhantes, dificilmente no sucesso dos seus planos, mas na provação do seu coração e no seu amor e simpatia, que deveriam iluminar seu trabalho e recompensar qualquer sacrifício.

Solitário e por muito vagar distante das atribulações dos homens, ele aperfeiçoou suas opiniões sobre a reforma do governo inglês e o aprimoramento da humanidade. Tudo teria estado bem caso ele tivesse ocultado seus sentimentos até que estivesse munido dos poderes necessários para desenvolvê-los na prática. Mas ele estava sem paciência para esperar os anos que o separavam desse estágio, era sincero de coração e destemido. Ele não apenas logo recusou os esquemas de sua mãe como divulgou sua intenção de usar sua influência para diminuir o poder da aristocracia e assim, obter igualdade na distribuição de riquezas e privilégios, e introduzir um perfeito sistema republicano na Inglaterra. Primeiramente, sua mãe considerou suas teorias como selvagens excitações da inexperiência. Mas elas estavam tão sistematicamente dispostas e seus argumentos tão bem desenvolvidos que, embora incrédula, ela começou a temê-lo. Ela tentou ponderar junto a ele, mas vendo-o inflexível, aprendeu a odiá-lo.

Embora seja estranho, esse sentimento foi contagioso. Seu entusiasmo pelo bem já não mais existia; também seu desprezo pelo sagrado da autoridade; seu ardor e imprudência eram totalmente opostos da rotina comum da sua vida; o mundo o temia; o jovem e inexperiente não entendia a exaltada severidade de suas opiniões morais e não gostava dele por ser diferente deles próprios. Evadne não se entusiasmou com seus sistemas. Ela achou que ele acertara ao expor sua própria vontade, mas desejou que sua vontade fosse mais inteligível às massas. Seu espírito não era o de uma mártir e não se inclinava a compartilhar a derrota e a vergonha de um patriota fracassado. Ela estava ciente da pureza dos seus motivos, a generosidade de seu temperamento, seu ardente e verdadeiro sentimento à ela; e mantinha um grande afeto por ele. Por sua vez, ele retribuiu esse espírito de bondade com a gratidão mais apaixonada e a tornou guardadora do tesouro de suas esperanças.

Neste ínterim, Lordee Raymond retornou da Grécia. Nenhum par de pessoas poderia diferir mais entre si do que Adrian e ele. Com todas as incongruências de seu caráter, Raymond era enfaticamente um homem do seu mundo. Suas paixões eram violentas; como estas frequentemente prevaleciam sobre ele, nem sempre lhe era possível enquadrar sua conduta à linha óbvia do interesse próprio, mas pelo menos a própria recompensa era a prioridade para ele. Ele observou a estrutura da sociedade essencialmente como parte da engrenagem que suportava a teia na qual sua vida fora tecida. A terra estendia-se para ele como uma estrada; os céus eram-lhe como um dossel.

Adrian sentiu que ele era parte do grande todo. Ele tinha afinidade não apenas com a humanidade, mas toda a natureza era seu semelhante; as montanhas e o céu eram seus amigos; os ventos do Paraíso e a descendência da terra eram seus companheiros de diversão; enquanto ele, o foco único deste poderoso espelho, sentia sua vida mesclar-se com o universo da

existência. Sua alma era simpatia e dedicada ao culto da beleza e da excelência. Adrian e Raymond se conheceram e um espírito de aversão ergueu-se entre eles. Adrian desprezou as visões limitadas do político e Raymond mantinha em suprema desconsideração as benevolentes opiniões do filantropo.

Com a chegada de Raymond, formou-se a tempestade que caiu pesadamente sobre os jardins de prazeres e caminhos recolhidos que Adrian apreciava saber que tinha garantido para si próprio, como um refúgio contra a derrota e consternação. Raymond, o libertador da Grécia, o gracioso soldado, que cultivava um ar tingido por tudo isso, estranho ao clima nativo de Evadne, que o desejava – Raymond era amado por ela. Fortalecida por suas novas sensações, ela não parou para analisá-las ou para regular sua conduta por outros sentimentos com exceção do tirânico que usurpou o império de seu coração. Ela cedeu a essa influência e a consequência deveras natural em uma mente desacostumada a doces emoções foi que toda a atenção de Adrian se lhe tornou desagradável. Seu capricho cresceu; seus gentis modos para com ele transformaram-se em aspereza e frieza repulsivas. Ao perceber a selvagem ou patética aparência do expressivo rosto de Adrian, ela se suavizava e, por algum tempo, retomava sua antiga bondade. Mas essas flutuações ressoaram fundo na alma do sensível jovem; ele não mais julgava o mundo subordinado a ele, quando possuía o amor de Evadne; ele sentiu em cada nervo que as duras ráfagas do universo mental estavam prestes a abater-se sobre seu frágil ser, que tremia pela espera de sua desolação.

Perdita, que então residia com Evadne, viu a tortura que Adrian sofria. Ela o amava como um irmão mais velho e bondoso; uma relação de guia, proteção e de instrução, sem a tão frequente opressão da autoridade paterna. Ela adorava suas virtudes e, com uma mescla de desprezo e indignação, ela via Evadne empilhar mágoas desamparadas na mente de Adrian, por alguém que quase não a notava. Em seu desespero solitário, Adrian às vezes procurava minha irmã e em termos indiretos expressava sua dor, enquanto a bravura e a agonia dividiam o trono de sua consciência. Logo, ah!, um haveria de vencer. A ira não fazia parte de suas emoções. Contra quem deveria estar ele enfurecido? Não contra Raymond, que ignorava a miséria que lhe ocorria; não contra Evadne, por quem sua alma derramava lágrimas de sangue – pobre e equivocada garota, escrava e não tirana era ela, e entre sua própria angústia ele tinha pesar por seu futuro. Uma vez, caiu em mãos de Perdita um de seus escritos; estava manchada de lágrimas – muito além do que poderia alguém chorar –

“A vida” - assim começava – “não é o romance descrito pelos escritores; seguindo pelos compassos da dança e, depois de várias evoluções, chegando a uma conclusão, quando os dançarinos podem sentar e repousar. Enquanto há vida, há ação e mudança. Continuamos, cada pensamento vinculado ao pensamento que o originou, cada ato a um ato anterior. Nenhuma alegria ou mágoa falece estéril, pois, gerado e ao gerar, entrelaça a corrente que forma a vida:

Un dia llama a otro dia

y ass i llama, y encadena

llanto a llanto, y pena a pena. [\[15\]](#)

A verdadeira decepção é a divindade guardiã da vida humana; ela senta-se no limiar de um tempo não concebido e conduz os eventos assim que surgem. Uma vez, meu coração alojou-se feliz em meu peito; toda a beleza do mundo era duas vezes mais bela, irradiada pela luz derramada pela minha própria alma. Oh, por que o amor e a ruína juntaram-se eternamente neste nosso sonho mortal? Assim que, quando fazemos de nossos corações a toca para esta fera de aparência gentil, sua companheira adentra também e, sem misericórdia, destrói o que poderia ter sido um lar e um abrigo.”

Gradualmente sua saúde abatia-se por sua miséria e, então, seu intelecto cedeu à mesma opressão. Suas maneiras tornaram-se rústicas; às vezes, ele era ferino, outras absorvido em uma muda melancolia. De súbito, Evadne deixou Londres e foi para Paris; ele a seguiu e a alcançou quando o navio estava prestes a partir; ninguém sabe o que se passou entre eles, mas Perdita não mais o viu desde então; ele vivia em reclusão, em lugar desconhecido por todos, auxiliado por pessoas escolhidas por sua mãe especialmente para isso.

CAPÍTULO IV

NO dia seguinte, Lordee Raymond passou pela cabana de Perdita, em seu caminho para o Castelo de Windsor. A cor de pele de minha irmã se intensificou e seus olhos faiscantes quase me revelaram seu segredo. Ele era completamente dono de si; abordou-nos com cortesia, parecendo entrar em nossos sentimentos com rapidez, identificando-se conosco. Eu analisei sua fisionomia, que se alterava enquanto ele falava, ainda que bela em cada mudança. A expressão costumeira de seus olhos era terna, embora às vezes ele pudesse fazê-los até brilhar de ferocidade; sua compleição era sem cor; e cada aspecto de sua personalidade irradiava determinação; seu sorriso era agradável, embora seus lábios também fossem curvados pelo desdém – lábios que, para os olhos femininos, eram o próprio trono da beleza e do amor. Sua voz, geralmente gentil, poderia, com frequência, alarmar alguém com uma aguda nota dissonante, evidenciando que seu habitual tom suave era artificial e não inato. Portanto, cheio de contradições, inflexível porém arrogante, meigo ainda que hostil, cordial mas negligente, ele, por meio de alguma estranha habilidade, conseguiu lugar na admiração e na afeição das mulheres; às vezes acariciando-as, às vezes tiranizando-as, de acordo com seu humor, mas sempre um déspota.

Naquele momento, Raymond evidentemente quis parecer amigável. Em sua conversa havia espírito, graça e profunda observação, que se processavam em cada frase que ele proferia como um raio de luz. Logo ele conquistou minha profunda aversão; passei a observá-lo e à Perdita, guardando na memória tudo o que ouvira de ruim sobre ele. Mas tudo parecia tão engenhoso e tudo era tão fascinante, que esqueci disso, com exceção do prazer que sua companhia me proporcionava. Com a ideia de me iniciar no cenário político e social da Inglaterra, do qual estava prestes a me tornar parte, ele contou uma série de episódios e caracterizou vários personagens; seu discurso, fluía rico e variado, permeando meus sentidos com prazer. Ele teria sido triunfante exceto por uma coisa. Ele aludiu a Adrian e falou dele com aquele desprezo que a sabedoria mundana sempre remete ao entusiasmo. Ele percebeu o constrangimento e tentou dissipá-lo; mas a força dos meus sentimentos não me permitiria ignorar uma menção como essa sobre assunto tão sagrado; então eu disse enfaticamente, “Permita-me observar que tenho devota relação com o Conde de Windsor; ele é meu melhor amigo e benfeitor. Reverencio sua bondade, concordo com suas opiniões e lamento amargamente sua presente e, confio ser temporária, doença. Doença que, dada a sua peculiaridade, torna-me, mais dolorido do que palavras podem expressar, ouvir menções a ele, a menos que em termos de respeito e afeição”.

Raymond replicou; mas não havia nada de conciliatório em sua resposta. Vi que, em seu coração, ele desprezava aqueles que se dedicavam aos seus ídolos mundanos. “Todo homem”, ele disse, “sonha sobre algo, amor, honra e prazer; você sonha com a amizade e devota-se a um louco; bem, se essa é a sua vocação, sem dúvida você tem o direito de segui-la.”

Alguns pensamentos pareceu ferrocê-lo e o espasmo de dor que por um momento convulsionou suas feições, interrompeu minha indignação. “Felizes são os sonhadores”, ele continuou, “então que não sejam despertados! Pudesse eu sonhar! Mas o ‘amplo e exuberante dia’ é o elemento no qual vivo; o ofuscante brilho da realidade inverte o cenário para mim. Mesmo o espírito da amizade e do amor me fugiram.” Ele parou; eu não podia adivinhar se o desdém que encurvava

seus lábios dirigiam-se contra a paixão ou contra a si próprio por ser seu escravo.

Esse relato pode ser considerado como uma amostra do meu relacionamento com Lordee Raymond. Tornei-me íntimo dele e cada dia me propiciava ocasiões para admirar mais e mais seus poderosos e versáteis talentos que, junto com sua eloquência, que era graciosa e espirituosa, e sua riqueza agora imensa, o fazia ser temido, amado e odiado mais do que qualquer outro homem na Inglaterra.

Minha descendência, que atraía interesse, se não respeito, minha ligação anterior com Adrian, o favor do embaixador, de quem eu fora secretário, e agora minha intimidade com Lordee Raymond, deram-me fácil acesso aos círculos sociais e políticos da Inglaterra. Sem saber, nós surgimos à beira de uma guerra civil; cada partido era violento, acrimonioso e irredutível. O Parlamento estava dividido em três facções, aristocratas, democratas e monarquistas. Após Adrian declarar sua predileção à forma republicana de governo, os últimos quase desapareceram, sem liderança nem direção; mas, quando Lordee Raymond encabeçou o grupo, reviveram com força dobrada. Alguns eram monarquistas com preconceito e velha afeição, e muitos moderados temiam a tirania caprichosa do povo e o despotismo inflexível dos aristocratas. Mais de um terço dos seus membros apoiavam Raymond e o número aumentava sempre. Os aristocratas erigiram suas esperanças em torno de sua abundante riqueza e influência; os reformistas, na força da própria nação; os debates eram violentos, mais ainda os discursos celebrados por cada grupo de políticos quando se reuniam para concertar suas medidas. Epítetos maldosos eram brandidos, ameaçava-se resistência até a morte; os protestos da população perturbavam a tranqüila ordem do país; com exceção da guerra, em quê isso tudo poderia resultar? Mesmo quando as destrutivas chamas pareciam irromper, eu as vi retroceder; favorecido pela ausência militar, pela aversão à violência que havia em cada um, exceto aquela do discurso, e pela cordial polidez e até mesmo amizade dos hostis líderes quando se encontravam privadamente. Por milhares de motivos, eu era induzido a acompanhar de perto o curso dos eventos e a observar cada reviravolta com intensa ansiedade.

Eu não poderia deixar de notar que Perdita amava Raymond; parecia-me que ele também tinha a doce filha de Verney em admiração e ternura. Eu sabia ainda que ele ansiava por casar-se com a possível herdeira da Condessa de Windsor, com grande expectativa pelas vantagens que isso poderia lhe render; todos os amigos da ex-rainha eram seus amigos; nenhuma semana passava-se sem que ele se consultasse com ela em Windsor.

Eu nunca vira a irmã de Adrian. Havia ouvido que ela era amável, amigável e fascinante. Por que mais eu deveria vê-la? Há momentos em que temos um sentimento indefinível de mudança premente, para melhor ou para pior, a surgir de um evento; e, seja para melhor ou para pior, tememos a mudança e decidimos evitar tal acontecimento. Por esse motivo, eu evitei essa donzela de alta família. Para mim, ela era tudo e nada; mesmo seu nome, mencionado por outrem, me fazia assustado e trêmulo; a discussão infundável referente à sua união com Lordee Raymond era uma verdadeira agonia para mim. Parecia-me que, com Adrian tolhido da vida ativa, e sua bela Idris, uma vítima provável dos esquemas ambiciosos de sua mãe, eu deveria me adiantar em protegê-la de sua indevida influência, resguardá-la da infelicidade e garantir-lhe a liberdade de escolha, o direito de qualquer ser humano. Porém, como fazê-lo? Ela mesma desdenharia minha interferência. Como eu deveria ser objeto da sua indiferença ou do seu desprezo, melhor, portanto, bem melhor que eu a evitasse, não me expusesse diante dela e do

sarcástico mundo ao não interpretar o papel insano do Ícaro apaixonado e tolo. Um dia, depois de muitos meses após meu retorno à Inglaterra, deixei Londres para visitar minha irmã. Sua companhia era meu principal refúgio e prazer; e meus espíritos sempre se erguiam diante da expectativa de vê-la. Sua conversa era recheada de observações apropriadas e discernimento; em sua agradável alcova, perfumada com as mais doces flores, adornada por magníficas réplicas, vasos antigos e cópias das melhores obras de Rafael, Correggio e Claude, pintadas por ela mesma, eu me regozijava em um retiro idílico imaculado e inacessível às barulhentas contendas dos políticos e dos frívolos objetivos da alta sociedade. Nessa ocasião, minha irmã não estava sozinha; nem eu teria como não reconhecer sua companheira; era Idris, a até então inédita razão de minha louca idolatria.

Em quais termos concernentes à maravilha e à delícia, em qual expressão selecionada e suave fluência de linguagem poderia eu transportar de forma mais amável, mais inteligente, melhor? Como, na pobre junção das palavras, levar o halo de glória que a cercava, as mil graças que esperavam nela sem se cansar? A primeira coisa que atingia alguém ao observar aquela elegante feição era sua perfeita generosidade e franqueza; a candura permeava seu rosto, a simplicidade, seus olhos, a divina bondade, seu sorriso. Sua figura alta e esguia inclinava-se graciosamente como um álamo na brisa do ocidente e seu andar, como o de uma deusa, era o de um anjo alado recém-descido das alturas do Paraíso; a doçura perolada espalhava-se pura em sua compleição; sua voz remetia ao suave e controlado tenor de uma flauta. Talvez fosse mais fácil descrever pelos contrastes. Eu já detalhei as perfeições de minha irmã; e, ainda assim, ela era completamente diferente de Idris. Perdita, mesmo onde amada, era reservada e tímida; Idris era franca e confiante. Uma recolhia-se à solidão, onde ela poderia se esconder do desapontamento e da infâmia; a outra caminhava adiante em um campo aberto, acreditando que ninguém poderia fazer-lhe mal. Wordsworth comparou uma mulher amada a dois belos objetos da natureza; mas suas linhas sempre pareceram para mim um contraste do que semelhança:

Uma violeta perto de uma pedra limosa

Em parte escondida da visão,

Bela quanto uma estrela apenas

Brilha no céu.^[16]

Tal violeta era a doce Perdita, temerosa de confiar-se ao próprio ar, acovardando-se da observação, ainda que traída pelas suas qualidades; e retribuindo com mil graças o trabalho daqueles que a buscaram em seu solitário e ermo caminho. Idris era como a estrela, no esplendor único do arcano adorno da noite fresca; pronta para iluminar e deliciar o mundo, protegida de qualquer feitiço por sua inimaginável distância de tudo o que não lhe era similar à ela e ao Paraíso.

Encontrei esta visão da beleza no quarto de Perdita, em uma conversa mais honesta com sua habitante. Quando minha irmã me viu, levantou-se e, pegando minha mão, disse: “Aqui está ele, como se tivéssemos desejado; este é meu irmão, Lionel.” Idris também se ergueu e deitou em

mim seus olhos de um azul celestial, e com graça peculiar disse: “Você não precisa se apresentar; temos um quadro, muito apreciado por meu pai, que esclarece definitivamente seu nome. Verney, você reconhecerá este laço e, como amigo de meu irmão, sinto que posso confiar em você.”

Assim, com as pálpebras úmidas por uma lágrima e com a voz trêmula, ela continuou: “Queridos amigos, não pensem que é estranho que agora, ao visitar-lhes pela primeira vez, eu peça pela sua ajuda e confidencie meus desejos e medos a vocês. Ouso falar a vocês apenas; fontes imparciais me lhes recomendaram; vocês são os amigos de meu irmão, portanto devem ser meus. O que posso dizer? Se vocês recusarem-me assistência, então realmente estarei perdida!” Ela cobriu seus olhos, enquanto a surpresa mantinha seus ouvidos mudos; então, como se levada pelas suas angústias, ela gritou: “Meu irmão! Meu amado, pobre Adrian! Como falar de seus infortúnios? Sem dúvida, vocês ouviram falar da sua história; talvez creiam na difamação; mas ele não está louco! Fosse um anjo, saído dos pés do trono de Deus, para confirmar, nem eu teria acreditado. Ele está difamado, traído, aprisionado – salve-o! Verney, você deve fazer o seguinte: busque-o onde quer que ele esteja desterrado, nesta ilha; encontre-o, resgate-o de seus verdugos, recupere-o para si mesmo, para mim – em toda a terra, apenas por ele tenho amor!”

Seu apelo sincero, expresso com tanta doçura e paixão, encheu-me de surpresa e de simpatia; e, quando ela acrescentou, com voz e aparência emocionadas, “Você aceita realizar tal empresa?”, eu prometi, com energia e honestidade, a dedicar-me na vida e na morte a recuperar e cuidar de Adrian. Em seguida, conversamos sobre o plano que deveria seguir e discutimos os prováveis meios para descobrir seu paradeiro. Enquanto estávamos em franca combinação, Lordee Raymond entrou sem ser anunciado: vi Perdita tremer e ficar cada vez mais pálida, e o rosto de Idris enrubescer. Ele deve ter ficado desconcertado com o nosso conclave, até mesmo perturbado, pensei; mas nada disso transpareceu; ele cumprimentou minhas companhias e dirigiu-me uma saudação cordial. Idris pareceu suspensa por um momento e, então, com extrema suavidade, disse, “Lordee Raymond, confio em sua bondade e honra”.

Sorrindo com arrogância, ele inclinou sua cabeça e respondeu enfaticamente, “Você realmente confia, Lady Idris?”

Ela se esforçou para ler seus pensamentos e respondeu com dignidade, “Como quiser. Certamente é melhor não se comprometer com nenhuma dissimulação”.

“Desculpe-me”, ele replicou, “se lhe ofendi. Confie em mim ou não, espere que eu faça meu melhor para cumprir seus desejos, quaisquer que sejam eles”.

Idris sorriu agradecida e ergueu-se para ir embora. Lordee Raymond pediu permissão para acompanhá-la ao Castelo de Windsor, ao que ela concordou e eles deixaram a cabana juntos. Fomos deixados, eu e minha irmã – exatamente como dois ingênuos, que apreciavam ter obtido um grande tesouro, até que a luz do dia comprovou que era chumbo – duas moscas tontas e de má sorte, que brincavam nos raios de sol e foram capturadas pela teia da aranha. Apoiei-me no parapeito da janela e observei aquelas duas gloriosas criaturas, até que desapareceram pela floresta; e então me virei. Perdita estava imóvel; seus olhos, fixos no chão, seu rosto pálido, seus lábios muito brancos, sem movimento e rígidos, cada dobra estampada pelo pavor - assim estava. Como que assustado, peguei em sua mão; mas ela a retirou e fez um esforço para se reanimar. Estimulei uma conversa: “Não agora”, ela respondeu, “não fale comigo, meu caro Lionel; você

não pode dizer nada, já que não sabe de nada. Vejo-o amanhã; enquanto isso, adeus!” Ela levantou-se e saiu da sala; mas, parando na porta e apoiando-se contra ela, como se seus pensamentos mais do que atribulados lhe tirassem a força de se sustentar, disse: “Lordee Raymond provavelmente retornará. Diga-lhe que me desculpe, pois não me sinto bem. Vê-lo-ei amanhã, caso ele queira, assim como você. Melhor seria se voltasse para Londres com ele; ali, você poderá investigar sobre o Conde de Windsor conforme combinamos e visite-me amanhã, antes de prosseguir em sua jornada – até lá, adeus!”

Ela falava com hesitação e concluiu com um profundo suspiro. Consentiu ao seu apelo; e ela me deixou. Senti-me como, da ordem do mundo sistemático, eu tivesse mergulhado no caos, obscuro, contrário, ininteligível. Que Raymond casasse-se com Idris era mais do que intolerável; ainda, minha paixão, embora um gigante ao nascer, era muito estranha, selvagem e impraticável de ser sentida ao mesmo tempo da miséria que percebia em Perdita. Como eu deveria agir? Ela não confiava em mim; eu não poderia exigir uma explicação de Raymond sem o risco de trair o que talvez fosse o seu mais bem guardado segredo. Eu poderia obter a verdade dela no dia seguinte – no ínterim – mas, enquanto eu estava ocupado com estas múltiplas reflexões, Lordee Raymond voltou. Perguntou pela minha irmã; e eu dei-lhe o recado. Após pensar por algum momento, ele me questionou se pretendia voltar a Londres e se eu o acompanharia: concordei. Ele estava ensimesmado e permaneceu silencioso durante uma parte considerável da caminhada; ao fim, ele disse, “Devo desculpar-me pela minha abstração; a verdade é que a petição de Ryland chega nesta noite e estou considerando minha réplica”.

Ryland era o líder do partido popular, um homem realista e eloquente a seu modo; ele havia obtido permissão para propor um projeto de lei que tornava traição empreender a mudança do atual estado do governo da Inglaterra e das leis válidas na república. Esse ataque era dirigido a Raymond e às suas maquinacões para restaurar a monarquia.

Raymond me perguntou se eu lhe acompanharia ao Parlamento naquela noite. Lembrei-me da minha busca por informações sobre Adrian; e, ciente de que meu tempo estaria totalmente ocupado, declinei. “Ah”, disse meu companheiro, “eu posso livrá-lo de seu compromisso. Você irá perguntar pelo Conde de Windsor. Eu posso responder a suas perguntas de uma vez, ele está na residência do Duque de Athol em Dunkeld. Quando do seu primeiro acesso, ele viajou de um lugar para o outro; até que, chegando à esse romântico recanto, ele se recusou a deixá-lo e combinamos com o Duque para que continuasse lá.”

Eu estava magoado com o tom indiferente com que ele me revelou a informação e repliquei friamente: “Devo-lhe por essa informação e farei uso dela.”

“Faça isso, Verney”, ele disse, “e se você continuar em sua busca, eu lhe ajudarei. Mas antes, testemunhe, eu lhe imploro, o resultado da contenda dessa noite e do triunfo que estou prestes a obter, se posso chamar assim, enquanto temo que a vitória me seja uma derrota. O que eu posso fazer? Minhas esperanças mais queridas parecem estar próximas da sua realização. A ex-rainha me concede Idris; Adrian está totalmente despreparado para suceder ao condado e esse condado, em minhas mãos, torna-se um reino. Pelo Deus reinante, é verdade; esse mero condado de Windsor não mais deve satisfazê-lo, que herdará os direitos que devem, para sempre, ser atribuídos à pessoa que o possui. A Condessa nunca poderá esquecer que ela foi uma rainha e ela se recusa a deixar uma pequena herança para seus filhos; seu poder e minha determinação irão reconquistar o trono e a este rosto será encerrado por um diadema real. Eu posso fazer isso. Eu

posso me casar com Idris.”

Ele parou abruptamente, suas feições obscureceram-se e sua expressão mudou uma vez e então novamente, sob a influência de sua paixão interna. Eu quis saber: “Lady Idris o ama?”

“Que pergunta”, ele respondeu, sorrindo. “Ela irá, com certeza, assim como eu também irei, quando nos casarmos.”

“Você começa tarde”, eu disse com ironia, “o casamento é geralmente considerado o túmulo e não o berço do amor. Então você está prestes a amá-la, mas não o faz ainda?”

“Não me catequize, Lionel. Eu cumprirei minha tarefa por ela, esteja certo. Amor! Eu devo encorajar meu coração contra *isto*; expurgá-lo e isolá-lo fora das torres da força: a fonte do amor deve ser fechada, suas águas evaporadas e todos os pensamentos apaixonados que restarem, morrer – ou seja, o amor que me comandaria, não aquele que eu comando. Idris é uma pequena dama, gentil, bonita e doce; é impossível não se afeiçoar a ela e minha afeição é sincera; apenas não fale do amor – amor, o tirano e o subjugador de tiranos; amor, até então meu conquistador, agora meu escravo; o fogo faminto, a besta indomável, a serpente com presas – não – não - eu não terei nada a ver com esse amor. Diga-me, Lionel, você consente com que eu me case com essa jovem dama?”

Ele deitou seus ansiosos olhos em mim e meu coração incontrolável cresceu em meu peito. Respondi com voz calma – mas quão longe da tranquilidade estava o raciocínio desenhado por minhas plácidas palavras: “Nunca! Não posso nunca consentir que Lady Idris una-se a alguém que não a ama.”

“Porque você a ama.”

“Sua Nobreza poderia ter poupado esta provocação; eu não a amo e nem ousarei.”

“Ao menos”, ele continuou, arrogante, “ela não o ama. Eu não casaria com uma soberana a reinar se não tivesse plena segurança de que seu coração estivesse livre. Mas, oh Lionel! um reino é uma palavra poderosa e gentilmente soam os termos que compõem o estilo da realeza. Não eram os homens mais fortes do seu tempo reis? Alexandre era um rei; Salomão, o mais sábio dos homens, era um rei; Napoleão era um rei; César morreu tentando ser um e Cromwell, o puritano e assassino de reis, aspirou à realeza. O pai de Adrian proporcionou o já quebrado cetro da Inglaterra; mas eu colherei a planta caída, juntarei seu talo desmembrado e a exaltarei acima de todas as flores do campo.”

“Não é necessário que você se surpreenda por eu ter revelado livremente o paradeiro de Adrian. Não suponha que eu seja tão malévolo ou ingênuo a ponto de basear meu reinado em uma fraude, tão fácil de desmascarar quanto a verdadeira ou falsa insanidade do Conde. Acabei de voltar de lá. Antes de me decidir pelo matrimônio com Idris, resolvi vê-lo outra vez e julgar a probabilidade de sua recuperação. Ele está irrecuperavelmente louco.”

O ar me faltou...

“Não entrarei em detalhes”, continuou Raymond, “sobre as especificidades melancólicas. Você deve vê-lo e julgar por si mesmo, embora eu tema que essa visita, inútil para ele, seja insuperavelmente dolorosa para você. Tem-me pesado em meu espírito desde então. Formidável e gentil como ele é, mesmo na queda de sua razão, eu não o venero tal como você, mas daria todas as minhas esperanças de uma coroa, além da minha mão direita, para vê-lo de volta ao seu juízo.”

Sua voz expressava sua mais profunda compaixão: “Teu mais irresponsável ser”, eu gritei,

“para onde tuas ações se inclinam, nesta mixórdia de objetivos na qual estás perdido?”

“Para onde, mesmo? Para uma coroa, uma coroa dourada e completamente adornada, espero; e ainda ousa não confiar e, embora sonhe e acorde por uma, de tempos em tempos um hábil demônio me sussurra, que não é por um mero barrete que aspiro e que fosse eu esperto, deveria agarrá-la e tomar posse dela, pois ela vale mais do que todas as coroas do oeste e todos os cargos de presidente do leste.”

“E o que isso significa?”

“Se eu fizer disso minha escolha, então você saberá; no momento, não ousa dizê-lo, nem mesmo pensar nisso.”

Outra vez ele se pôs em silêncio e, depois de uma pausa, se virou para mim sorridente. Quando o escárnio não inspirava sua satisfação, quando era a verdadeira alegria que pintava seus modos com uma expressão de contentamento, sua beleza tornava-se proeminente e divina. “Verney”, ele disse, “meu primeiro ato quando eu me tornar Rei da Inglaterra será o de unir os gregos, tomar Constantinopla e subjugar toda a Ásia. Pretendo me tornar um guerreiro, um conquistador; o nome de Napoleão será oculto pelo meu; e os entusiastas, ao invés de visitar sua tumba e exaltar os méritos do caído, deverão adorar minha majestade e expandir minhas ilustres conquistas.”

Eu o escutava com intenso interesse. Poderia eu ser mais que ouvidos àquele que parecia governar toda a terra em sua dominante imaginação e que apenas se detinha quando tentava se dominar. Portanto, de sua palavra e vontade dependerão minha felicidade – o destino de tudo o que me era querido. Tentei adivinhar o sentido implícito em suas palavras. O nome de Perdita não foi mencionado; ainda, eu não poderia duvidar que o amor por ela causara a vacilação do propósito que ele demonstrou. E quem valeria tanto amor quanto o nobre espírito de minha irmã? Quem mereceria a mão desse convencido rei mais do que ela, cujo semblante pertencia a uma rainha das nações? Quem o amava, como ele a amava; apesar do desapontamento que se sobrepunha à sua paixão e da ambição que travava aguerrido combate com a dele.

Fomos juntos ao Parlamento naquela noite. Raymond, embora sabendo que seus planos e perspectivas estavam para ser debatidos e decididos durante a esperada sessão, estava confiante e soberbo. Um rumor, semelhante ao de dez mil enxames abelhas, se abateu sobre nós quando entramos na cafeteria. Grupos de políticos reuniam-se com semblantes ansiosos e vozes profundas ou sussurrantes. O partido aristocrático, composto pelos homens mais ricos e influentes da Inglaterra, pareciam menos agitados do que os outros, já que a questão a ser discutida não lhes envolvia. Próximo ao fogo estavam Ryland e seus apoiadores. Ele era um homem de origem obscura e de imensa riqueza, herdada de seu pai, que era industrial. Ele testemunhara, quando jovem, a abdicação do rei e a mescla das casas dos Lordees e dos Comuns; simpatizara com tais invasões populares e consolidá-las e aumentá-las foi o objetivo de sua vida. Desde então, a influência dos rentistas aumentara; e, a princípio, Ryland não estava descontente ao observar as tramas de Lordee Raymond, que atraiu muito dos partidários de seu oponente. Mas a coisa estava indo longe demais. A baixa nobreza saudava o retorno da nobreza, como um evento que lhes devolveria o poder e os direitos, agora perdidos. O quase extinto espírito da nobreza despertava-se nas mentes dos homens; e eles, escravos cômicos, sujeitos autoconstituídos, estavam prestes a inclinar seus pescoços ao grilhão. Alguns espíritos permaneceram eretos e másculos, pilares do estado; mas agora a palavra república se tornara amarga aos ouvidos vulgares; e muitos – o caso

provaria se era realmente a maioria – prendiam-se ao festão e à exibição da realeza. Ryland foi incentivado a resistir; ele deduziu que sua oposição solitária permitiria o aumento do partido; mas o tempo de indulgência passou e, com um movimento de seu braço, ele removeria as teias que cegavam seus compatriotas.

Quando Raymond entrou na cafeteria, sua presença foi saudada por seus amigos quase aos gritos. Reuniram-se ao seu redor, contaram quantos deles estavam ali e detalharam por que eles estavam para receber a adesão daquele e daquele membro, que ainda não haviam se declarado. Algum trivial negócio do Parlamento havia sido celebrado, os líderes tomaram seus assentos na câmara; o clamor das vozes continuou, até que Ryland ergueu-se para falar e, então, nem o mais suave sussurrar foi ouvido. Todos os olhos fixaram-se nele quando ele se pôs de pé – desproporcional de estrutura, profuso de voz e com trejeitos que, embora não graciosos, impressionavam. Virei meu rosto de sua feição marcada a ferro para Raymond, cuja face, coberta por um sorriso, não traía seu cuidado; seus lábios, porém, tremiam levemente e sua mão agarrara-se ao banco onde estava sentado, com uma força convulsiva que fazia os músculos se retesar.

Ryland começou elogiando o estado atual do império britânico. Ele trouxe anos passados à memória; as miseráveis contendas que, na época dos nossos pais, quase levou à guerra civil, a abdicação do último rei e a fundação da república. Ele a descreveu; demonstrou como ela concedera privilégios a cada indivíduo no estado, para levar à conseqüente e mesmo à temporária soberania. Ele comparou o espírito real e o republicano; provou como um tendia à escravidão das mentes dos homens; enquanto todas as instituições do outro serviam para elevar até mesmo o mediano entre nós para algo grande e bom. Ele demonstrou como a Inglaterra tornara-se poderosa e seus habitantes sábios e valentes, por meio da liberdade de que desfrutavam. Enquanto falava, todos os corações encheram-se de orgulho e cada rosto brilhou com o prazer da lembrança de que todos ali eram ingleses e de que cada um apoiava e contribuía para o feliz estado das coisas agora exaltado. O fervor de Ryland cresceu – seus olhos se incendiaram – sua voz assumiu o tom da paixão. Havia um homem, ele continuou, que desejava alterar tudo isso e nos levar de volta aos nossos dias de impotência e luta: um homem, que ousava reclamar sem razão a honra que era devida a todos que alegavam ser a Inglaterra sua terra natal e queria colocar seu nome e estilo acima do nome e estilo de seu país. Vi, nesse ponto, que Raymond empalidecera; seus olhos moveram-se do orador e encararam o chão; os ouvintes entreolharam-se, mas, no entretanto, a voz do tribuno encheu novamente seus ouvidos – o trovão de suas denúncias influenciou seus sentidos. A própria clareza de suas palavras deu-lhe peso; todos sabiam que ele falava a verdade – uma verdade sabida, mas não reconhecida. Ele derrubou da realidade a máscara com a qual ela havia sido coberta; e os propósitos de Raymond, que sempre rastejaram a esmo, aprisionando de surpresa, agora eram como um cervo caçado – mesmo na baía – como percebiam todos que olhavam para as mudanças incontidas em sua expressão. Ryland terminou propondo que toda tentativa de restaurar o poder real deveria ser declarada traição e que ele era um traidor que manobrava para alterar a forma de governo. Aplausos e efusivas aclamações seguiram-se ao final do discurso.

Após sua moção ter sido apoiada, Lordee Raymond ergueu-se – sua feição branda, sua voz suavemente melodiosa, seus modos tranquilos, sua graça e doçura vieram como o delicado sopro de uma flauta, após a voz alta como um órgão de seu adversário. Ele levantou-se, disse, para

falar em favor da honrável menção de seu colega, mas com uma leve emenda agregada. Ele estava pronto para voltar aos velhos dias e celebrar as lutas dos nossos pais e a abdicação do monarca. Nobre e grandemente, ele afirmou, havia o ilustre e último soberano da Inglaterra se sacrificado para o bem aparente do seu país e renunciou a um poder que apenas poderia ser mantido com o sangue de seus súditos – que já não o eram mais, estes, seus amigos e seus iguais, que lhe concederam certos favores e distinções para ele e sua família para sempre. Uma ampla propriedade lhe fora granjeada e eles tomaram a posição mais alta entre os semelhantes, na Grã-Bretanha. Ainda, poderia se supor que eles não haviam esquecido sua antiga descendência; e era pior do que seu herdeiro podia sofrer, assim como qualquer outro pretendente, caso ele tentasse recuperar o que por velhos direitos e herança pertencia a ele. Ele não disse que deveria favorecer tal tentativa; mas afirmou que ela seria perdoável; e, se o aspirante não fosse tão longe quanto declarar guerra, e hastear sua bandeira no reino, sua falha deveria ser analisada sob olhos indulgentes. Em sua emenda, ele propunha que uma exceção deveria ser feita a favor de todos aqueles que reclamavam o poder soberano aos direitos dos condes de Windsor. Raymond não terminou sem desenhar, com vívidas cores, o esplendor de um reino, ao contrário do espírito comercial republicano. Ele declarou que cada indivíduo sob a monarquia inglesa era como é agora, capaz de obter distinção e poder – com uma exceção, a da função do juiz supremo; posição mais nobre e distinta, do que uma república escambadora e medrosa poderia prover. E, por essa exceção, a que ela somava? A natureza dos ricos e a influência forçosamente levariam a lista de candidatos a apresentar poucos dos mais abastados; e isso era para ser muito temido, já que a má intenção e a contenda geradas por essa batalha trienal poderiam ser contrabalanceadas por suas vantagens a olhos imparciais. Mal posso recordar o fluxo das palavras e dos graciosos desvios de expressão, a perspicácia e a fácil ironia que deram vigor e influência ao seu discurso. Seus modos, tímidos no início, tornaram-se firmes – sua face em constante alteração acendeu-se com um brilho além do humano; sua voz, variada como música, era como um encantamento.

Era inútil memorizar o debate que se seguiu a essa arenga. Cada partido pôde discursar, vestindo a questão em jargões e velando seu simples sentido em uma trama etérea de palavras. A moção foi derrubada; Ryland partiu em fúria e desespero; e Raymond, feliz e exultante, retirou-se para sonhar seu futuro reino.

CAPÍTULO V

EXISTE um sentimento tal como o amor à primeira vista? E, se existir, no que sua natureza difere do amor fundado em longa observação e progresso vagaroso? Talvez seus efeitos não sejam permanentes; mas são, enquanto duram, violentos e intensos. Passamos pela indistinta trama da sociedade sem alegria, até que identificamos sua pegada, que nos leva ao labirinto para o Paraíso. Nossa obscura natureza, como uma tocha apagada, repousa disforme até que o fogo obtenha-a; essa vida da vida, a lua que recebe a luz e glória ao sol. O que importa, se o fogo for aceso com pedra e aço, a chama cultivada com cuidado, devagar acendeu a escura mecha ou se rapidamente o afiado poder da luz e do calor passar de um poder similar e iluminar em definitivo a tocha e a esperança. Na mais profunda fonte do meu coração, as pulsações estão agitadas; a adesiva Memória, como uma túnica, envolve-se por todos os lados, acima e por entre mim. Em nenhum momento por vir, eu a sentiria como no momento que se passou. O espírito de Idris pairava sobre o ar que eu respirava; seus olhos estavam sempre voltados para mim; seu sorriso, nunca esquecido, cegava meu olhar vago e fazia-me andar como um cego, não em eclipse, não na escuridão ou na ausência – mas em uma nova e brilhante luz, tão nova, tão ofuscante para meus sentidos humanos. Em cada folha, em cada divisão do universo (como o *ah* jacinto está gravado), estava impressa o talismã de minha existência – ELA VIVE! ELA EXISTE! – eu não tivera tempo de analisar meu sentimento, de me recuperar e de prender-me à indomável paixão; tudo era uma ideia, um sentimento, uma ciência – essa era minha vida!

Mas a sombra da morte se projetava – Raymond iria se casar com Idris. Os sinos de um casamento feliz soaram em meus ouvidos; ouvi a congratulação da nação que se seguiria à união; o ambicioso nobre erguia-se em voo de águia do nível da terra à supremacia real – e ao amor de Idris. Porém, não ainda! Ela não o amava; ela me havia chamado de amigo; sorrira para mim; a mim, ela confiara o desejo mais caro ao seu coração, o bem-estar de Adrian. Essa reflexão acalentou meu sangue a se congelar e novamente a onda de vida e de amor fluiu impetuosamente adiante, como uma maré a mudar meus atribulados pensamentos.

O debate terminou às três da manhã. Minha alma estava em tumulto; eu atravessava as ruas com ansiosa rapidez. Na verdade, eu estava irado naquela noite – amor – com o qual eu batizara um gigante em seu berço, em luta contra o desespero! Meu coração, o palco daquele combate, estava ferido pela lança de ferro de um, embebido no jorro de lágrimas de outro. O dia, odioso para mim, amanheceu; retornei às minhas dependências – joguei-me em um sofá – dormi – era aquilo sono? – pois o pensamento ainda estava vivo – o amor e o desespero ainda lutavam, e eu me contorcia com uma dor irresistível.

Despertei como que estupefato; sentia uma força pesada me oprimindo, mas não conhecia sua origem; adentrei, como se fosse, a sala de conselhos de minha mente e questionei os vários ministros do raciocínio que ali se reuniam; logo me lembrei de todos; logo meus lábios tremiam de excitação entre o poder tormentoso; e logo, muito rápido, soube que era um escravo!

Subitamente e sem anunciar-se, Lordee Raymond entrou em meu apartamento. Vinha contente, cantarolando a música tirolesa da liberdade. Cumprimentou-me com um meneio gracioso e se acomodou em um sofá oposto ao busto de Apolo Belvedere. Depois de um ou outro

comentário trivial, aos quais eu respondi com mau-humor, ele de repente gritou, olhando para o busto: “Sou como aquele vencedor! Não é uma má ideia; a cabeça servirá para minhas novas moedas e será um presságio para todos os obedientes súditos de meu futuro êxito”.

Ele disse em sua maneira alegre, ainda que benevolente e sorriu, não com desdém, mas em completa zombaria de si mesmo. Então sua feição subitamente escureceu-se e naquele tom gritado que lhe era peculiar, exclamou, “Batalhei duro na noite passada; conquista maior as planícies da Grécia nunca me viram obter. Agora, sou o primeiro homem no governo, entoado em cada balada e objeto das murmurantes devoções das velhas. Em que pensa? Você, que aprecia saber ler a alma humana, como seu lago nativo lê cada fissura e cada dobra das montanhas que lhe envolvem – diga o que pensa de mim; ansioso para ser rei, anjo ou demônio, o quê?”

Este tom irônico era dissonante ao meu coração transbordante em explosão; eu estava perturbado por sua insolência e repliquei com amargor: “Há um espírito, nem angelical nem demoníaco, condenado ao mero esquecimento.” Vi seu rosto tornar-se pálido e seus lábios embranquecer e tremer; sua raiva serviu para acalmar a minha e respondi com um olhar determinado aos seus olhos que estavam fixos em mim; logo eles se desprenderam e se abaixaram, uma lágrima, pensei, umedeceu suas escuras sobrancelhas; eu amolecera e com emoção involuntária acrescentei, “Não que esse espírito seja o seu, meu caro senhor”.

Pausei e ele, mesmo apavorado pela agitação, aquiesceu: “Sim”, disse por fim, erguendo-se e mordendo seu lábio, enquanto lutava para conter sua emoção, “Assim sou eu! Você não me conhece, Verney; nem você, nem nossa audiência de ontem à noite, nem a universal Inglaterra sabem nada de mim. Aqui estou, aparentemente, como um rei eleito; esta mão, prestes a agarrar um cetro; este rosto sente em cada nervo a coroa iminente. Pareço ter força, poder, vitórias; firme como uma coluna que suporta um domo é firme; e eu sou – um caniço! Tenho ambições e elas se cumprem; meus sonhos noturnos são realizados, meus desejos matinais satisfeitos; um reino espera que eu o aceite, meus inimigos estão derrotados. Mas aqui”, e ele bateu em seu coração com violência, “aqui está o rebelde, aqui está o que vacila; este coração que sempre rege, do qual eu posso escoar seu sangue; mas, enquanto uma excitada pulsação resta, sou seu escravo.”

Ele falava com uma voz desolada, então baixou sua cabeça e, escondendo sua face com as mãos, chorou. Ainda estava eu acordando de meu próprio desapontamento; porém, essa cena oprimiu-me com terror, pois não podia interromper seu acesso de paixão. Ela durou muito tempo; e, jogando-se no sofá, permaneceu silencioso e estático, menos quando sua compleição exibiu um intenso conflito interno. Por fim, ele levantou-se e disse em seu tom de voz habitual, “O tempo passa, Verney, devo ir. Não me deixe esquecer do fim que me trouxe aqui. Você irá comigo a Windsor amanhã? Você não será desonrado pela minha companhia e como este provavelmente será o último serviço ou desserviço que me prestará, atenderá meu pedido?”

Ele mantinha sua mão quase que em ameaça. Rapidamente pensei – Sim, testemunharei a última cena do drama. Além do que, seu comportamento me conquistou e um sentimento de afeição por ele logo preencheu meu coração – deixei-o comandar-me. “Ah, isso sim”, ele disse feliz, “agora é a minha deixa; esteja comigo amanhã cedo, às sete; seja discreto e fiel; e você será adornado com o manto antes tão desejado.”

Assim dizendo, ele disparou para fora, pulando no seu cavalo e com um gesto, como se

estivesse dando sua mão para beijá-la, me deu outro sorridente adeus. Deixado sozinho, esforcei-me com intensa dor a adivinhar o motivo de seu pedido e prever os acontecimentos do dia seguinte. As horas passaram despercebidas; minha cabeça doía de pensamentos, meus nervos pareciam inchados de tanta desatenção – agarrei minha têmpera em chamás, como se minha mão enfrebrecida pudesse curá-la de sua dor. Fui pontual à hora combinada no outro dia e encontrei Lordee Raymond esperando por mim. Entramos em sua carruagem e seguimos em direção a Windsor. Eu estava me controlando, pois havia decidido que não revelaria minha agitação interna a nenhum sinal exterior.

“Que erro Ryland cometeu”, disse Raymond, “quando pensou que pudesse me superar naquela noite. Ele falou bem, muito bem; tal cantilena poderia ter tido melhor efeito se direcionada a mim apenas, do que aos tolos e às figuras ali reunidas. Estivesse eu sozinho, eu o escutaria com um desejo de ouvir a razão, mas quando ele tentou derrotar-me em meu próprio território, com minhas próprias armas, colocou-me na minha essência e o caso foi que tudo se passou como todos esperavam.”

Sorri incredulamente e repliquei: “Concordo com o raciocínio de Ryland e, se me permitir, repetirei seus argumentos; veremos o quanto você será induzido por ele, a ponto de trocar o estilo real pelo patriótico.”

“A repetição seria inútil”, disse Raymond, “pois eu me lembro bem deles e tenho ainda outros, que eu mesmo evoquei, que falaria com persuasão total.”

Ele não se explicou, nem fez observação alguma sobre o que dissera. Nosso silêncio durou algumas milhas, até que o interior, com seus campos abertos ou parques e bosques cheios de sombra, ofereceram agradáveis paisagens para a nossa visão. Após alguns comentários sobre o cenário e casas, Raymond disse: “Os filósofos chamaram os homens de microcosmo da natureza e encontraram uma explicação na mente interna para toda esta engrenagem que se move à nossa volta. Essa teoria frequentemente tem sido uma fonte de surpresas para mim; e muitas horas ociosas passei exercendo minha engenhosidade na busca por semelhanças. Não foi Lordee Bacon quem disse, ‘a queda da discórdia para o consenso, que propicia grande doçura para a música, não teria um acordo com as afeições, que são melhor reintegradas após alguns desgostos?’ Que oceano é a maré da paixão, cujas fontes estão em nossa própria natureza! Nossas virtudes são como areia movediça, que se exibem na água calma e rasa; mas então as ondas se erguem e os ventos as impulsionam, e o pobre demônio, cuja esperança estava em sua durabilidade, encontra-se afundando nela. As expressões do mundo, suas exigências, educações e propósitos, são ventos que conduzem nossas vontades, como nuvens em uma direção só; mas deixe que uma tempestade se levante na forma de amor, ódio ou ambição, e a destruição se volta, convulsionando o ar oponente em triunfo.”

“Ainda”, repliquei, “a natureza sempre se apresenta aos nossos olhos como um paciente; embora haja um princípio ativo no homem que o torna capaz de controlar seu destino e, ao menos, lutar contra o forte vento, até que de alguma maneira o dome.”

“Há mais pretensão do que verdade em sua distinção”, disse meu companheiro. “Por um acaso nós nos formamos escolhendo nosso temperamento, nossos poderes? Eu me encontro, por exemplo, como um instrumento encordoado com acordes e pausas – mas eu não tenho poder para girar as cravelhas ou elevar meus pensamentos para um tom maior ou menor”.

“Outros homens”, observei, “podem ser melhores músicos.”

“Eu não falo dos outros, mas de mim”, replicou Raymond, “e sou um exemplo tão bom quanto qualquer outro. Não posso afinar meu coração em um determinado tom ou executar minhas mudanças voluntariamente. Nascermos; não escolhemos nossos pais, nem nossa posição; somos educados pelos outros ou pelas circunstâncias do mundo, e este cultivo, mesclando-se com nosso temperamento inato, é o solo onde nossos desejos, paixões e motivações crescem.”

“Há muita verdade no que diz”, eu falei, “porém nenhum homem vive de acordo com esta teoria. Quem, ao fazer uma escolha, diz, eu escolho porque preciso? Ao contrário, não sente tal pessoa uma liberdade de opções dentro de si que, embora você possa chamá-la de falaciosa, ainda age enquanto decide?”

“Exatamente”, replicou Raymond, “outro elo da inquebrantável cadeia. Não estava eu prestes a cometer um ato que aniquilaria minhas esperanças e remover as vestes reais de meus membros mortais, para cobri-las com tecidos comuns, seria isso, pensa você, um ato de livre escolha de minha parte?”

Enquanto conversávamos, percebi que não tomamos o caminho comum para Windsor, mas sim fomos por Englefield Green, rumando para Bishopgate Heath. Comecei a suspeitar que Idris não era o objeto de nossa viagem, mas que eu estava sendo levado a testemunhar a cena que selaria o destino de Raymond – e de Perdita. Raymond evidentemente vacilou durante sua viagem e a indecisão marcava cada gesto quando entramos na sua cabana. Observei-o com curiosidade, determinado a, caso sua hesitação continuasse, ajudar Perdita a se recuperar e ensiná-la a desdenhar o crescente amor dele, que se equilibrava entre a posse de uma coroa e a dela, cuja excelência e afeição transcendiam o valor de um reino.

Nós a encontramos em sua alcova adornada de flores; ela lia um artigo de jornal sobre o debate no parlamento, que aparentemente a conduzia à desesperança. Aquele sentimento que afundava seu coração era pintado em seus olhos abatidos e em sua atitude sem espírito; sua beleza estava enuviada e frequentes suspiros eram sinais de seu desassossego. Tal visão teve um efeito instantâneo em Raymond; seus olhos irradiaram ternura e o remorso vestiu suas maneiras com honestidade e verdade. Ele sentou-se diante dela; e, tomando o jornal de suas mãos, disse, “Nem uma palavra mais minha doce Perdita deve ler sobre esta contenda de loucos e tolos. Não devo permitir que saiba a extensão de minha ilusão, nem que me despreze; embora, acredite em mim, um desejo de surgir perante você, não como um vencido, mas como um conquistador, me inspirou durante minha guerra de palavras.”

Perdita o observou surpresa; sua expressiva feição brilhou com ternura por algum momento; vê-lo era sua única felicidade. Mas um amargo pensamento subitamente enturvou sua alegria; ela inclinou seu olhar para o chão, tentando dominar a paixão de lágrimas que ameaçou tomá-la. Raymond continuou, “não interpretarei diante de você, minha doce garota ou surgirei como alguém que não sou, fraco e desmoralizado, mais propenso a acirrar seu desprezo do que seu amor. Porém, você me ama; eu sinto e sei que sim, e daí extraio minhas mais queridas esperanças. Se o orgulho guiá-la, ou mesmo a razão, você poderá me rejeitar. Faça isso; se seu alto coração, incapaz de meu frágil propósito, recusar-se a se rebaixar à minha inferioridade. Dê-me as costas, se quiser – se puder. Se sua inteira alma não lhe apressa a esquecer-me – se todo o seu coração não se abrir completamente para me deixar entrar em seu centro, abandona-me, nunca mais me dirija a palavra. Eu, embora pecando contra você sem chance de remissão, também sou orgulhoso; não deverá haver reserva em seu perdão – sem obstáculos para o dom de

sua afeição.”

Perdita abaixou sua cabeça, confusa, ainda que grata. Minha presença a constrangia, portanto ela não ousou encarar os olhos de seu amante ou confiar sua voz para assegurá-lo de sua afeição; embora um rubor acortinou seu rosto e seu ar desconsolado foi substituído por um expressivo sentir de alegria profunda. Raymond circundou sua cintura com o braço e continuou, “não nego que estive em dúvida entre você e a mais alta esperança que o homem mortal pode acalentar; mas já não estou mais. Leve-me – molde-me conforme sua vontade, possua meu coração e minha alma até a eternidade. Se recusar a contribuir com minha felicidade, deixo a Inglaterra esta noite e nunca mais pisarei nestas terras.”

“Lionel, escuta-me: testemunhe por mim: convença sua irmã a esquecer a dor que lhe infligi; convença-a a ser minha.”

“Não é necessário mais nada”, disse a ruborizada Perdita, “exceto suas próprias promessas queridas e meu disposto coração, que me sussurra que elas são sinceras.”

Naquela mesma noite, andamos nós três juntos pela floresta e, com a eloquência que a felicidade inspira, eles detalharam a história de seus amores. Era agradável ver o arrogante Raymond e a reservada Perdita convertidos, por meio do feliz amor, em crianças brincalhonas e falastronas, ambos perdendo sua dignidade característica na tolice do contentamento mútuo. Uma noite ou duas antes, Lordee Raymond, com uma expressão de cuidado e um coração oprimido pelo pensamento, devotou todas as suas energias para silenciar ou persuadir os legisladores da Inglaterra de que um cetro não era muito pesado para a sua mão, enquanto suas visões de dominações, guerras e triunfo flutuavam diante de si; agora, divertido como um garoto vivaz brincando sob o olhar de aprovação de sua mãe, as esperanças de ambição estavam completas, quando ele comprimiu a pequena e justa mão de Perdita contra seus lábios; enquanto ela, radiante com o prazer, encarava o quieto lago, não para admirar-se dela mesma, mas embecendo-se em êxtase do reflexo feito da forma dela e do seu amante, exibido pela primeira vez em cara conjunção.

Afastei-me deles. Se o arrebatamento da simpatia assegurada era deles, eu apreciava o da esperança recuperada. Olhei para as torres reais de Windsor. Alto era o muro e forte a barreira que me separava de minha Estrela da Beleza. Mas não inexpugnável. Ela não será dele. Resida mais alguns anos em teu jardim natural, doce flor, até que pelo esforço e pelo tempo eu adquira o direito de te colher. Não me desesperarei, nem me lance desespero! O que devo fazer? Primeiro buscar Adrian e devolvê-lo a ela. Paciência, gentileza e afeição incansável, devo recuperá-lo, se for verdade, como Raymond diz, que ele está louco; a energia e a coragem deverão resgatá-lo, se estiver preso injustamente.

Depois que os amantes se reuniram comigo, jantamos juntos na alcova. Era verdadeiramente um jantar mágico; pois embora todo o ar se perfumara com o cheiro de frutas e vinho, ninguém comeu ou bebeu – mesmo a beleza da noite era ignorada; seu êxtase não poderia ser elevado por objetos exteriores e eu estava absorto. Por volta da meia-noite, Raymond e eu deixamos minha irmã para voltar à cidade. Ele era um contentamento só; pedaços de canções caíam de seus lábios; cada pensamento de sua mente – cada objeto sobre nós refletia sob o brilho de sua felicidade. Ele acusou minha melancolia, de mau-humor e de inveja.

“Não é isso”, disse, “embora eu confesse que meus pensamentos não estão ocupados com prazeres, como os seus. Você prometeu facilitar minha visita a Adrian; eu lhe convoco a cumprir

sua promessa. Não posso me demorar aqui; anseio aliviar – talvez curar a disfunção de meu primeiro e melhor amigo. Devo partir imediatamente para Dunkeld.”

“Tu és um pássaro noturno”, replicou Raymond, “que eclipse lanças sobre meus brilhantes pensamentos, forçando-me a trazer à minha mente esta ruína melancólica, que permanece em desolação mental, mais irreparável do que um fragmento de uma coluna cravada em um campo cheio de grama. Sonhas que pode recuperá-lo? Dédalos nunca cometeu um erro tão inextricável cercando o Minotauro, enquanto a loucura era tecida sobre sua razão aprisionada. Nem tu, nem outro Teseu, poderás desvendar o labirinto, do qual talvez alguma Ariadne tenha uma pista.”

“Você alude à Evadne Zaimi: mas ela não está na Inglaterra.”

“E, se estivesse”, disse Raymond, “eu não a aconselharia a vê-lo. Melhor decair em completo delírio do que se tornar a vítima do método irracional de um amor não concedido. A longa duração de seu distúrbio provavelmente apagou de sua mente qualquer vestígio dela; e pode ser que nunca mais volte a ser impresso; você o encontrará em Dunkeld; gentil e tratável, ele vagueia pelos montes e pela floresta ou se senta ouvindo a cachoeira. Você poderá vê-lo – seu cabelo preso com flores silvestres – seus olhos cheios de um significado impenetrável – sua voz, corrompida – sua pessoa reduzida a uma sombra. Ele colhe flores e ervas, e tece guirlandas com elas ou põe folhas e pedaços de madeira para navegar no riacho, deleitando-se pela sua segurança ou chorando pelo seu naufrágio. A simples lembrança em parte me enerva. Pelos céus! as primeiras lágrimas que derramei, desde a infância, correram lancinantes pelos meus olhos quando o vi.”

Não era necessário mais esse comentário para me encorajar a visitá-lo. Duvidei apenas se eu deveria ou não tentar ver Idris novamente, antes de partir. Tal dúvida foi desfeita no dia seguinte. Logo pela manhã, Raymond veio ao meu encontro; soubera que Adrian estava perigosamente doente e pareceu impossível que sua débil força pudesse derrotar a desordem. “Amanhã”, disse Raymond, “sua mãe e sua irmã irão à Escócia para vê-lo mais uma vez.”

“E eu irei hoje”, exclamei, “agora mesmo embarcarei em um balão; devo estar lá em quarenta e oito horas, se muito, talvez menos, se o vento ajudar. Adeus, Raymond; seja feliz por ter escolhido o melhor papel na vida. Essa virada do destino me faz reviver. Temia loucura, não a doença – eu tenho um pressentimento de que Adrian não morrerá; talvez essa enfermidade seja uma crise e ele possa se recuperar.”

Tudo favoreceu minha jornada. O balão ergueu-se sobre meia milha da terra e com o vento a favor, deslizou sobre os ares, sua emplumada fronte cortando a atmosfera condescendente. Apesar do melancólico objeto de minha viagem, meus espíritos estavam inebriados pela rapidez de movimentos da embarcação aérea e pela suave visitaçao do ar ensolarado. O piloto raramente movia a direção e o delicado mecanismo das asas, totalmente estendidas, produzia um barulho murmurante, que aliviava os sentidos. Planícies e montanhas, rios e campos de milho eram discerníveis abaixo, enquanto iam sem impedimento avançando rápido e com segurança, como um cisne selvagem em seu voo para a primavera. A máquina obedecia ao mais tênue movimento do leme; e, o vento soprando ininterruptamente, não havia obstáculo ao nosso curso. Tal era o poder do homem sobre a natureza; um poder por tanto tempo desejado e conquistado recentemente; ainda cantado em tempos remotos pelo príncipe dos poetas, cujos versos eu cito para a surpresa do meu piloto, quando lhe disse há quantos séculos foram escritos:

Oh! mente humana, tu não podes causar mal,

Por meio de tuas estranhas artes; quem pensaria que,

Um homem pesado como um pássaro poderia vagar,

Achar caminho por entre os céus?^[17]

Pousei em Perth e, embora fatigado pela constante exposição ao ar durante muitas horas, não descansei, apenas mudei meu modo de transporte e fui por terra ao invés de voar para Dunkeld. O sol se levantava quando adentrei pelas montanhas. Após a revolução das eras, as montanhas de Birnam estavam novamente cobertas por uma jovem floresta, enquanto pinheiros mais provectos, plantados no começo do século dezenove pelo Duque de Athol, davam um ar solene e belo à cena. O sol nascente primeiro tingiu o topo dos pinheiros; e minha mente, por causa de minha educação nas montanhas profundamente suscetível às graças da natureza, e agora na iminência de outra vez ver meu amado e talvez moribundo amigo, estava, de forma estranha, influenciada pela visão desses distantes raios; seguramente eram presságios e, como os considerei, de boas novas para Adrian, de cuja vida minha felicidade dependia.

Pobre companheiro! ele estava deitado em uma cama de hospital, seu rosto brilhante com os tons de febre, seus olhos semicerrados, sua respiração irregular e difícil. Ainda era menos doloroso vê-lo assim do que encontrá-lo satisfazendo suas funções animais ininterruptamente, sua mente doente sempre. Acomodei-me ao lado de sua cama; e lá fiquei, dia e noite. Era uma tarefa amarga, observar seu espírito alternar entre vida e morte; ver sua quente face e saber que o mesmo fogo que queimava tão inclemente ali, lhe consumia a energia da vida; ouvir seu lamento, que nunca mais poderia articular palavras de amor e sabedoria; testemunhar os movimentos inúteis de seus membros, prestes a ser envoltos na túnica mortal. Tanto que, por três dias e noites, pareceu a consumação do que o destino havia decretado para os meus trabalhos e me tornei cadavérico e parecido com um espectro, por meio da ansiedade e da observação. Por fim, seus olhos abriram-se sem direção, porém com um olhar de volta à vida; ele tornara-se pálido e fraco, mas a rigidez de sua feição era suavizada pela proximidade de sua convalescença. Ele me reconheceu. Que copo cheio de alegre agonia foi quando sua face brilhou primeiro com o súbito reconhecimento – quando ele apertou minha mão, agora com mais febre do que a dele, e quando ele pronunciou meu nome! Nenhum traço de sua insanidade passada permanecera, para manchar minha alegria com mágoa.

Na mesma noite, chegaram sua mãe e sua irmã. A Condessa de Windsor era, por natureza, cheia de um sentimento energético; mas ela raramente permitira em sua vida exibir as concentradas emoções de seu coração em seus traços. A imobilidade estudada de seu rosto; suas lentas e plácidas maneiras, e sua voz suave, porém sem melodia, eram uma máscara, escondendo suas ardentes paixões e a impaciência de seu temperamento. Ela em nada lembrava nenhum de seus filhos; seu olho, negro e faiscante, aceso pelo orgulho, era totalmente diferente do reflexo triste e da expressão franca e benevolente tanto de Adrian quanto de Idris. Havia algo majestoso e grande em seus movimentos, mas nada persuasivo ou amigável. Alta, magra e esbelta, seu rosto ainda belo, seu cabelo preso quase que totalmente branco, sua testa arqueada e

bela, não fosse a sobancelha um pouco esparsa – era impossível não sofrer o impacto que ela causava, quase temê-la. Idris aparentava ser a única que poderia resistir à sua mãe, apesar da extrema suavidade de seu caráter. Mas havia uma bravura e uma franqueza nela, das quais se dizia que ela não infringiria a liberdade de alguém, mas manteria a sua própria sagrada e inviolável.

A Condessa não lançou olhos bondosos à minha aparência desfigurada, embora depois tenha me agradecido friamente pela minha atenção. Tampouco Idris; seu primeiro olhar foi para seu irmão; ela tomou sua mão, beijou suas pálpebras e manteve-se sobre ele com olhares de compaixão e de amor. Seus olhos cintilavam com lágrimas quando ela me agradeceu e a graça de suas expressões aumentara, e não ao contrário, pelo fervor, que quase a fez hesitar enquanto falava. Sua mãe, apenas olhos e ouvidos, logo nos interrompeu; e vi que ela queria que eu fosse embora logo, como alguém de cujos serviços, agora que sua família chegara, já não eram mais de utilidade para seu filho. Eu estava constrangido e cansado, resolvido a não ceder meu posto, embora tivesse dúvidas de que modo eu devesse ocupá-lo; quando Adrian me chamou e, agarrando minha mão, pediu para que eu não o deixasse. Sua mãe, aparentemente desatenta, por fim compreendeu o que se passava e vendo que estávamos em vantagem sobre ela, cedeu ao nosso desejo.

Os dias que se seguiram foram cheios de dor para mim; tanto que, às vezes, me arrependia de não ter cedido à arrogante dama, que observava todos os meus movimentos e transformou minha querida tarefa de cuidar de meu amigo em dor e irritação. Nunca antes uma mulher pareceu ser formada completamente de razão quanto a Condessa de Windsor. Suas paixões subjugaram suas vontades, mesmo as naturais; ela pouco dormia e dificilmente se alimentava; seu corpo era claramente considerado, por ela, como uma mera máquina, cuja saúde era necessária para a realização de seus planos, mas cujos sentidos não faziam parte de seu contentamento. Há algo de temeroso em alguém que pode conquistar a parte animal de nossa natureza, se a vitória não for para o proveito de consumada virtude; nem era sem uma mistura desse sentimento que eu atentava para a figura da Condessa desperta enquanto todos dormiam, jejuando quando eu, naturalmente abstêmio e rendido à febre que grassava em mim, era forçado a comer. Ela resolvera evitar ou diminuir minhas oportunidades de ganhar influência sobre seus filhos e delimitou meus planos com uma resolução dura, silenciosa e teimosa, que parecia não pertencer a alguém de carne e sangue. A guerra estava tacitamente declarada entre nós, por fim. Travamos muitas batalhas, durante as quais nada era dito, dificilmente um olhar era trocado, mas cada um decidido a não se submeter ao outro. A Condessa tinha a vantagem da posição; então eu era derrotado, embora ainda não cedesse.

Tornei-me extremamente doente. Minha feição estava pintada com os tons de debilitada saúde e constrangimento. Adrian e Idris perceberam; insistiram para que eu descansasse e que me cuidasse, enquanto eu os assegurava de que meus melhores remédios eram seus bons desejos; estes e a assegurada convalescença de meu amigo, eram diariamente mais aparentes. Seu rosto lentamente corou-se outra vez; sua feição e seus lábios perderam a cinzenta palidez da dissolução ameaçada; tais eram as recompensas da minha atenção sem fim – e o pródigo Paraíso aumentou a transbordante recompensa quando também me deu as graças e os sorrisos de Idris.

Depois de algumas semanas, deixamos Dunkeld. Idris e sua mãe retornaram imediatamente para Windsor, enquanto Adrian e eu prosseguimos em lentas caminhadas e frequentes

interrupções, ocasionadas pela sua contínua fraqueza. Enquanto atravessávamos os variados condados da fértil Inglaterra, tudo exibia uma exuberante aparência para meu amigo, que estivera por tanto tempo separado pela doença da apreciação do clima e da paisagem. Passamos por atribuladas cidades e planícies cultivadas. Os homens casados estavam envolvidos em suas fartas colheitas e as mulheres e as crianças ocupadas em seus leves afazeres rústicos, formando grupos de pessoas felizes e saudáveis, a própria visão de quem carregava a boa temperança no coração. Uma noite, deixando nossa hospedagem, descemos por uma rua sombria, depois subimos por um monte gramado, até chegarmos à uma saliência que proporcionava uma ampla visão da serra e do vale, dos meandros dos rios, das escuras florestas e das cintilantes vilas. O sol se punha; e as nuvens, vagueando como ovelhas recém-tosadas por entre a vastidão do céu, recebiam a cor dourada dos raios que partiam; os distantes planaltos se divisavam ao longe e o soar ocupado da noite veio, harmonizado pela distância, até os nossos ouvidos. Adrian, que sentia todo o fresco espírito infuso pela saúde em recuperação, agarrou suas mãos em deleite e exclamou com arrebatamento:

“Oh terra feliz e felizes habitantes da terra! Um imponente palácio Deus lhes construiu, Oh, homens! e que sejam merecedores de sua habitação! Observem o tapete esverdeado estendido sob seus pés e o dossel azul-celeste acima; os campos da terra que geram e nutrem todas as coisas, e o caminho ao Paraíso, que contém e encerra todas as coisas. Agora, ao cair da noite, no período da refeição e do repouso, compreendo que todos os corações respiram um único hino de amor e retribuição, e nós, como sacerdotes do antigo no topo das montanhas, damos a voz a esse sentimento.

“Seguramente, o mais benigno poder elaborou o majestoso tecido em que habitamos e desenhou as leis pela qual resiste. Se a mera existência, e não a felicidade, tem sido o objetivo final de nosso ser, por que precisar dos luxos profusos que de desfrutamos? Por que deveria nossa morada ser tão bela e por que os instintos da natureza devem ministrar prazerosas sensações? A própria sustentação da nossa máquina animal é prazerosa; e nossa sobrevivência, os frutos do campo, é pintada com matizes transcendenciais, dotadas de graciosos odores e palatáveis ao nosso gosto. Por que tudo deveria ser assim, se ELE não fosse bom? Precisamos de casas para nos protegermos das estações e cuidar dos materiais com os quais somos providos; o crescimento das árvores com seu adorno de folhas; enquanto pedras se empilham sobre as planícies dão variedade ao panorama com sua agradável irregularidade.

“Nem os objetos exteriores são, por si só, os receptáculos do Espírito de Deus. Olhe pela mente do homem, onde a sabedoria reina entronada; onde a imaginação, o pintor, se senta, com seu pincel mergulhado em tons mais belos do que aqueles do pôr do sol, enfeitando a vida familiar com lúcidas tintas. Que nobre bênção, valha aquele que a concede, é a imaginação! Ela toma da realidade sua opaca deixa: ela compreende todo o pensamento e a sensação em um véu radiante e, com uma demão de beleza, nos atrai dos mares estéreis da vida para seus jardins, para suas pérgulas e para suas clareiras de bênção. E não seria o amor um dom da divindade? O amor e sua filha, Esperança, que pode investir de riqueza a própria pobreza, a força na fraqueza e a felicidade no lamento.

“Meu quinhão não foi afortunado. Há muito a mágoa é minha consorte, adentrei pelo labirinto da loucura e emergi, mas em parte vivo. Ainda agradeço a Deus por ter resistido! Eu agradeço a Deus, que eu vi seu trono, os céus e a terra, e seu escabelo. Sou feliz por ter visto as mudanças de

seu dia; por observar o sol, fonte de luz, e a gentil lua peregrina; por ter visto o fogo conceber flores do céu e as estrelas floradas da terra; por ter testemunhado o plantio e a colheita. Sou feliz por ter amado e ter sentido a correspondência de alegrias e de mágoas dos meus semelhantes. E sou feliz agora por sentir a corrente do fluxo de pensamento através da minha mente, como o sangue pelas articulações de meu corpo; a mera existência é prazer; e eu agradeço a Deus por estar vivo!

“E todos vós, sob os cuidados da mãe-terra, felizes, não ecoais minhas palavras? Vós que estais unidos pelos laços afetivos da natureza, dos companheiros, amigos, amantes! Os pais, que trabalham arduamente pelo contentamento da sua prole; as mulheres, que enquanto miram as formas vivas de suas crianças, esquecem das dores da maternidade; as crianças, que não trabalham nem fiam ^{18}, mas que amam e são amadas!

“Oh, que a morte e a doença sejam banidas de nossa casa terrena! Que o ódio, a opressão e o medo não possam mais entocar-se no coração humano! Que cada homem possa encontrar um irmão em seu próximo e um aconchego para o repouso entre as amplas planícies da sua herança! Que a fonte de lágrimas seque e que os lábios não mais possam formar expressões de mágoas. Dormindo sob o benevolente olho do Paraíso, possa o demônio visitar-te, Oh Terra, ou a tristeza ninar aos seus túmulos tuas crianças de má sorte? Não sussurre, deixe os demônios ouvir e se regozijar! A escolha está conosco; deixe-nos desejar e nossa habitação se tornará um paraíso. Pois a vontade do homem é onipotente, atenuando as setas da morte, aliviando a cama da enfermidade e enxugando as lágrimas de agonia. E do que vale cada ser humano, se ele não utiliza sua força para auxiliar seus semelhantes? Minha alma é uma fagulha se esvaindo, minha natureza delicada como uma onda passada; mas eu dedico tudo do intelecto e da força que ainda permanece em mim a este trabalho e me ofereço para a tarefa, o máximo possível, de investir bênçãos em meus semelhantes!”

Sua voz tremeu, seus olhos se fecharam, suas mãos se agarraram e sua frágil pessoa se inclinou com o excesso de emoção. O espírito da vida pareceu desvanecer na sua forma como uma chama prestes a se apagar em um altar que oscila nas brasas de um sacrifício aceito.

CAPÍTULO VI

QUANDO chegamos a Windsor, soubemos que Raymond e Perdita haviam partido para o continente. Tomei posse da cabana de minha irmã e me enalteci por morar nas cercanias da vista do Castelo de Windsor. Era curioso que, nesse período, quando do casamento de Perdita, fosse aliado de um dos homens mais ricos da Inglaterra e ligado por uma íntima amizade ao seu principal nobre, eu passava pelo maior excesso de pobreza que jamais conhecera. Meus conhecimentos dos princípios mundanos de Lordee Raymond sempre me impediram de apelar a ele, mesmo se fundo meu sofrimento pudesse ter sido. Foi em vão que repeti para mim mesmo, considerando Adrian, que sua bolsa estava sempre aberta para mim; que únicos em alma, como éramos, nossas fortunas também deveriam ser comum. Eu nunca poderia, enquanto com ele, pensar que sua abundância fosse um remédio para minha pobreza; e eu até refutei precipitadamente suas contínuas ofertas de suprimentos, assegurando-lhe uma inverdade, de que eu não as precisava. Como eu poderia dizer a este generoso ser, “Mantenha-me no ócio. Você, que dedicou suas forças da mente e do destino para o bem de sua espécie, deve também desperdiçar seus esforços para suportar na inutilidade o forte, o saudável e o capaz?”

E, ainda, ousava não pedir a ele que usasse sua influência para que eu pudesse obter uma considerável provisão para mim mesmo – pois então eu seria obrigado a deixar Windsor. Eu sempre pairava sobre os muros do Castelo, entre as sombras de seus arbustos; minhas únicas companhias eram meus livros e meus amáveis pensamentos. Estudei a sabedoria dos antigos e mirava os felizes muros que abrigavam o amor de minha alma. Minha mente nunca estava ociosa. Eu me concentrava na poesia dos velhos tempos; estudei a metafísica de Platão e de Berkeley. Li as histórias da Grécia e de Roma, e dos estágios iniciais da Inglaterra e observava os movimentos da senhora do meu coração. À noite, eu podia ver sua sombra nas paredes de seu quarto; de dia, eu a via em seu jardim ou passeando pelo parque com suas companhias habituais. Parecia-me que o charme seria quebrado se ela me visse, mas eu escutava a música de sua voz e era feliz. Eu dava a cada heroína que lia sua beleza e seus inigualáveis atributos – como era Antígona, quando guiava o cego Édipo à caverna de Eumênides e executou os ritos do funeral de Polínice; como era Miranda, na caverna nunca visitada de Prospero; como Haidee, nas areias das ilhas Jônicas. Eu enlouquecera com o excesso de devoção apaixonada; mas o orgulho, indomável como o fogo, investia minha natureza e me impedia de trair a mim mesmo por uma palavra ou um olhar.

No entretanto, enquanto eu me fartava com saborosos repastos mentais, um camponês teria desdenhado minha escassa refeição, que às vezes roubava dos esquilos da floresta. Era, eu próprio, com frequência tentado a recorrer aos hábitos ilegais de minha adolescência e abater os faisões quase domesticados que pousavam nas árvores e deitavam seus olhos brilhantes sobre mim. Mas eles eram propriedade de Adrian e cuidados por Idris; e então, embora minha imaginação se tornasse sensual pela privação, eu pensava que eles melhor estariam no espeto de minha cozinha do que nas verdes folhas da floresta,

Ainda assim,

contive minha vontade arrogante e não comi^[19];

mas jantei sentimentos e sonhei vagamente com “alguns doces poucos”^[20] que não poderia obter ao despertar.

Mas, nesse período, todo o plano de minha existência estava prestes a mudar. O filho órfão e rejeitado de Verney estava na iminência de se conectar ao mecanismo da sociedade por meio de uma corrente dourada e a se iniciar em todas as tarefas e as afeições da vida. Os milagres estavam se formando a meu favor, a máquina da vida social empurrada com grande vigor para trás. Atenção, Oh leitor! enquanto eu narro este conto de fadas!

Um dia, quando Adrian e Idris estavam passeando pela floresta, com sua mãe e suas companhias habituais, Idris, separando-se com Adrian da comitiva, subitamente lhe perguntou, “O que fora feito de seu amigo, Lionel Verney?”

“Daqui mesmo”, replicou Adrian, apontando para a cabana de minha irmã, “você pode ver onde ele mora.”

“Claro!”, disse Idris, “e por que, se tão perto, ele não vem nos ver e se tornar parte da nossa sociedade?”

“Eu às vezes o visito”, replicou Adrian; “mas você pode facilmente adivinhar os motivos que o impedem de vir onde sua presença pode perturbar alguém entre nós.”

“Eu realmente faço ideia”, disse Idris, “e tais como são, eu não me aventuraria a combatê-los. Diga-me, porém, de que modo ele passa o tempo; o que ele está fazendo e pensando em seu retiro na cabana?”

“Não, minha doce irmã”, respondeu Adrian, “você pergunta mais do que posso responder; mas se estiver interessada nele, por que não o visita? Ele se sentirá altamente honrado e, por conseguinte, você poderá saldar uma parte da dívida que tenho com ele e compensá-lo pelas infâmias que o destino lhe fez.”

“Eu mais do que depressa acompanhá-lo-ei à sua residência”, disse a dama, “não que eu queira que nós dois nos livremos de nossa dívida que, por não ser menor do que a sua vida, deve permanecer em aberto eternamente. Mas deixe-nos ir; amanhã combinaremos de cavalgar juntos e, seguindo em direção àquela parte da floresta, nós o chamaremos.”

Na noite seguinte, portanto, embora a mudança outonal tenha trazido frio e chuva, Adrian e Idris entraram em minha cabana. Encontraram-me como Cúrio^[21], banqueteados humildes frutas como jantar; mas trouxeram prendas mais ricas do que os dourados subornos dos Sabinos e não pude recusar o incalculável estoque de amizade e delícias que me proporcionaram. Certamente os gloriosos gêmeos de Latona^[22] não seriam mais bem-vindos quando, na infância do mundo, eles nasceram para embelezar e iluminar este “promontório estéril”^[23], do que aquele par angélico à minha humilde morada e grato coração. Sentamo-nos como uma família ao redor de minha lareira. Nossa conversa centrava-se em temas desconexos das emoções que evidentemente ocupava cada um deles; mas adivinhávamos os pensamentos de cada um de nós e, enquanto nossas vozes falavam de assuntos indiferentes, nossos olhos, em uma linguagem muda, diziam mil coisas que nenhuma língua poderia ter emitido.

Partiram depois de uma hora. Eles me deixaram feliz – quão indescritivelmente feliz. A felicidade não requeria os calculados sons da linguagem humana para compartilhar a história do

meu êxtase. Idris visitara-me; Idris, que eu veria de novo e de novo – minha imaginação não ultrapassava o todo deste conhecimento. O ar era minha superfície; nenhuma dúvida, ou medo, ou mesmo a esperança, me perturbava; eu contive em minha alma a totalidade do contentamento, satisfeito, pleno, beatificado.

Adrian e Idris continuaram a me visitar por muitos dias. Nesse caro relacionamento, o amor, a guisa de uma amizade entusiástica, verteu mais e mais de seu onipotente espírito. Idris o sentira. Sim, divindade do mundo, identifico seu caráter no olhar e nos gestos de Idris; ouço-a ecoar sua melodiosa voz – você nos preparou um caminho plano e florido, adornado por bons pensamentos – seu nome, Oh Amor, não foi pronunciado, mas continuava o Gênio da Hora, velado, e o tempo, e não uma mão mortal, poderia levantar sua cortina. Órgãos de sons articulados não proclamaram a união de nossos corações; pois circunstâncias adversas não proporcionaram oportunidades para a expressão que pairava em nossos lábios. Oh, minha pena! apressa-te a escrever o que foi, antes que o pensamento do que é, prenda a mão que te guia. Se eu erguer meus olhos e encarar a terra deserta, e sentir que aqueles queridos olhos perderam seu brilho mortal e que aqueles belos lábios estão silenciosos, suas “folhas escarlates” esvaídas, para sempre estarei mudo!

Mas você vive, minha Idris, mesmo agora se move diante de mim! Havia uma clareira, Oh, leitor!, uma abertura gramada na floresta; as árvores em retirada deixaram sua vastidão aveludada como um templo do amor; o prateado Tâmis a limitava por um lado e um salgueiro inclinava-se, mergulhando seus cabelos de Náíades ^[24] nas águas, descabelada pela invisível mão do vento. Os carvalhos ao redor eram o lar de uma revoada de rouxinóis – onde estou agora; Idris, no melhor de sua cara juventude, está ao meu lado – lembre-se, tenho apenas vinte e dois anos e escassos dezessete verões passaram pela amada de meu coração. O rio, alargado pelas chuvas de outono, encampara as terras baixas e Adrian, em seu barco favorito, estava ocupado na perigosa tarefa de agarrar e retirar o galho mais alto de um carvalho submerso. Estaria você cansado da vida, Oh Adrian, para assim brincar com o perigo? –

Ele conseguiu e pilota seu barco pelo alagamento; nossos olhos estavam fixos nele com temor, mas a correnteza o distanciou de nós; ele fora forçado a apontar bem mais abaixo e a percorrer um considerável caminho até se juntar a nós. “Ele está seguro!”, disse Idris, assim que ele pulou na encosta e agitou o galho acima de sua cabeça em sinal de vitória; “esperemos por ele aqui.”

Estávamos sozinhos; o sol havia se posto; a canção dos rouxinóis começara; a estrela vespertina brilhava distinta na inundação de luz, que ainda não se escoara pelo oeste. Os olhos azuis de minha angélica jovem estavam fixos neste doce emblema de si mesma: “Como a luz palpita”, ela disse, “que é a vida daquela estrela. Seu vacilante resplendor parece afirmar que seu estado, assim como o nosso na terra, é variável e inconstante; ela teme, me parece, e ama.”

“Não mire as estrelas, cara e generosa amiga”, exclamei, “não leia amor em *seus* trêmulos raios; não olhe para mundos distantes; não fale da mera imaginação de um sentimento. Por muito estive silencioso; durante tanto tempo, que até adoeci, quis falar-lhe e submeter minha alma, minha vida, meu ser inteiro a você. Não olhe para as estrelas, meu caro amor ou olhe, mas deixe que a eterna fagulha interceda a meu favor; deixe-a ser minha testemunha e defensora, silenciosa enquanto brilha – o amor está para mim como o brilho para uma estrela; enquanto o amor estiver livre da aniquilação, eu amá-la-ei.”

Velada para sempre do antipático olhar do mundo deve ser a emoção extrema daquele momento. Ainda sinto sua graciosa forma comprimir-se contra meu coração carregado – ainda a visão e pulso e a respiração enfraquecem-se e falham na lembrança daquele beijo. Devagar e silenciosamente fomos ao encontro de Adrian, que ouvíamos se aproximar.

Roguei a Adrian para que voltasse após levar sua irmã para casa. E, naquela mesma noite, andando pelos caminhos da floresta iluminados pela lua, despejei meu coração inteiro, sua emoção e sua esperança, sobre meu amigo. Por um momento ele pareceu perturbado – “Eu deveria ter previsto isso”, ele disse, “que luta ranhida se desdobrar! Perdoe-me, Lionel, nem espere que a expectativa pela contenda contra minha mãe deva me desagradar, quando devo confessar com prazer que minhas mais altas esperanças se cumpriram, ao confiar minha irmã à sua proteção. Se você já não sabe, logo irá conhecer o profundo ódio que minha mãe nutre pelo nome Verney. Conversarei com Idris; e, então, tudo o que um amigo puder fazer, eu farei; a ela, deve ser reservado o papel de amante, se ela for capaz disso.”

Enquanto o irmão e a irmã ainda hesitavam sobre a melhor maneira de tentar atrair sua mãe para o lado deles, ela, suspeitando de nossos encontros, acusava seus filhos; acusou sua bela filha de engano e de uma ligação imprópria com aquele cujo único mérito era ser o filho de um imoral muito amigo de seu imprudente pai; e que era, sem dúvida, tão inútil quanto aquele que enalteceu sua descendência. Os olhos de Idris brilharam ante tal acusação; ela replicou, “Não nego que amo Verney; prove-me que ele é um inútil; e eu nunca mais o verei.”

“Cara Madame”, disse Adrian, “deixe-me rogar que o veja, que cultive sua amizade. Você se maravilhará, destarte como eu, com a extensão de seus feitos e com o brilho dos seus talentos.” (Desculpe-me, gentil leitor, isto não é fútil vaidade; - não fútil, já que saber que Adrian assim se sentia traz a alegria mesmo agora ao meu coração solitário).

“Garoto louco e tolo!”, exclamou a furiosa dama, “você decidiu, com sonhos e teorias, arruinar meus planos para o seu próprio engrandecimento; mas não faça o mesmo com a sua irmã. Eu compreendo muito bem a fascinação que lhes engana; pois empreendi na mesma luta com seu pai, para afastá-lo do pai desse jovem, que escondia seus maus impulsos com a agilidade e sutileza de uma víbora. Naqueles dias, quando eu não ouvia sobre suas atrações, suas amplas conquistas, seu gênio, suas maneiras refinadas. Está bem quando apenas moscas sejam capturadas pelas teias de aranhas; mas é para os bem nascidos e poderosos inclinar seus pescoços para o grilhão temporário destas pretensões despropositadas? Fosse a sua irmã a pessoa insignificante que ela merece ser e eu a deixaria, de bom grado, livre para cumprir seu destino, seu naufragado destino, de ser a esposa de um homem cuja própria pessoa, semelhante a seu arruinado pai, faz lembrar a imprudência e o vício que ele tipifica – mas lembre-se, Lady Idris, não é apenas o sangue real da Inglaterra que corre pelas suas veias, você é a Princesa da Áustria e cada instante de sua vida é igual ao dos de imperadores e de reis. Portanto, você é a melhor escolha para um jovem pastor analfabeto, cuja única herança é o nome apagado de seu pai?”

“Não posso fazer outra defesa”, disse Idris, “além da mesma que meu irmão fez; veja Lionel, converse com o pastor.” – A Condessa interrompeu-a com veemência – “Você!” – ela exclamou e então,afiando seu semblante desapaixonado com um sorriso desdenhoso, continuou – “Falaremos disso outra hora. Tudo o que peço, tudo o que sua mãe, Idris, quer, é que você não veja esse emergente durante o intervalo de um mês.”

“Eu ousou não obedecer”, disse Idris, “iria machucá-lo demais. Não tenho o direito de brincar

com seus sentimentos, de aceitar a preferência de seu amor e, então, ferroá-lo com o agulhão da rejeição.”

“Isso está indo longe demais”, respondeu sua mãe com os lábios trêmulos e os olhos novamente acesos pela raiva.

“Não, Madame”, disse Adrian, “a menos que minha irmã consinta em nunca vê-lo outra vez, certamente é um tormento inútil separá-los por um mês.”

“Certamente”, replicou a ex-rainha, com amargo escárnio, “o amor dele, assim como o seu e os infantis espasmos de ambos devem ser comparados com os meus anos de esperança e ansiedade, com as tarefas das gerações de reis, com a alta e digna conduta com que alguém da sua descendência deve perseguir. Mas me é inútil argumentar e reclamar. Talvez vocês tenham a bondade de me prometer não se casar durante esse intervalo?”

Sua pergunta não era totalmente irônica; e Idris se perguntou por que sua mãe deveria exortá-la a prometer que não sobre algo que ela nunca pensara em fazer – mas a promessa foi exigida e feita.

Tudo se passou alegremente; encontrávamos-nos como sempre e falávamos sem temor de nossos planos futuros. A Condessa era tão gentil e, mesmo além de seu costume, amigável com seus filhos, que eles começaram a nutrir esperanças de seu consentimento, por fim. Ela era bastante diferente deles, extremamente distanciada de seus gostos, para que ambos encontrassem prazer em sua companhia ou na perspectiva de sua continuidade, mas dava-lhes prazer vê-la conciliadora e bondosa. Mesmo uma vez, Adrian se aventurou a propor que ela me recebesse. Ela recusou com um sorriso, lembrando-o que, no presente, sua irmã havia lhe prometido ser paciente.

Um dia, depois de se passar quase um mês, Adrian recebeu uma carta de um amigo de Londres, requisitando sua presença imediata para tratar de um importante negócio. Conscientemente, Adrian não temeu ser enganado. Eu o conduzi até Staines: ele estava feliz; e, já que eu não poderia ver Idris durante sua ausência, ele prometeu um retorno rápido. Sua alegria, que era extrema, tinha o estranho efeito de me despertar sentimentos contrários; um mau pressentimento se me apoderou; durante minha volta, detinha-me sem razão; contava as horas que deveriam se passar até ver Idris novamente. Por que devia ser assim? Que infortúnio poderia acontecer neste entretanto? Não poderia sua mãe se aproveitar da ausência de Adrian para implorar além do seu sofrimento, até mesmo prender-lhe em armadilha? Decidi, contra todos os riscos, ver e conversar com ela no dia seguinte. Essa determinação me aliviou. Amanhã, mais amada e querida, esperança e alegria de minha vida, amanhã eu vê-la-ei – Tolo, sonhar de um atraso do momento!

Fui descansar. Depois da meia-noite, fui despertado por violentas batidas na minha porta. Era inverno; havia nevado e a neve ainda caía; o vento assobiava pelas árvores nuas, despojando-as dos flocos brancos enquanto caíam; seu lamento triste, assim como a contínua batida, misturou-se com selvageria em meus sonhos – até que, por fim, despertei; rapidamente me vestindo, corri para descobrir a causa da minha perturbação e para abrir a porta ao visitante inesperado. Pálida como a neve que caía sobre ela, com as mãos torcidas, Idris estava diante de mim. “Salve-me”, ela exclamou, e teria caído ao chão se não a tivesse segurado. Em um momento, porém, ela se recuperou e com energia, quase violência, rogou que eu selasse os cavalos para levá-la de lá, para Londres – para seu irmão – ao menos para salvá-la. Eu não tinha cavalos – ela apertou suas

mãos. “O que posso fazer?” ela exclamou, “estou perdida – nós dois estamos para sempre perdidos! Mas venha – venha comigo, Lionel; não posso permanecer aqui – podemos obter uma carruagem no próximo posto; talvez ainda tenhamos tempo! Venha, Oh, venha comigo para me salvar e proteger!”

Quando ouvi seus pedidos piedosos, embora vestido desordenadamente, descabelado e com uma péssima aparência, ela apertou suas mãos – a ideia me acometeu, estaria ela louca? – “Doçura”, e eu a trouxe para meu peito, “melhor repousar do que vaguar; - descanse – minha amada, acenderei o fogo – você está congelada.”

“Descansar!”, ela exclamou, “repousar! Você delira, Lionel! Se nos demormos, estaremos perdidos; venha, eu lhe imploro, a menos que nunca mais queira me ver.”

Que Idris, nascida como uma princesa, cuidada sob luxo e riqueza, tenha vindo, pela tempestuosa noite de inverno, de seu lar real e, parando em minha humilde porta, evocava-me a voar com ela por entre a escuridão e a tormenta – era seguramente um sonho – mais uma vez seu tom lamentoso e a visão de sua amabilidade asseguraram-me que não era um delírio. Olhando timidamente ao redor, como se temesse ser escutada, ela sussurrou: “eu descobri – amanhã – ou seja, hoje – já veio o novo dia – antes da aurora, estrangeiros, austríacos, mercenários da minha mãe, deverão me levar para a Alemanha, para a prisão, para o casamento – para qualquer coisa, menos para você e meu irmão – leve-me daqui, ou logo chegarão!”

Eu estava assustado com sua veemência e imaginei algum engano em sua história incoerente; mas já não mais hesitei em obedecê-la. Ela tinha vindo por si mesma do Castelo, três longas milhas, à meia-noite, por entre a forte nevasca; deveríamos chegar a Englefield Green, uma milha e meia adiante, antes de conseguir uma carruagem. Ela me disse que havia mantido sua força e sua coragem até chegar à minha cabana e, então, ambas tinham se exaurido. Agora, ela mal podia caminhar. Ajudando-a como eu podia, ainda ela mancava: e, em meia milha, depois de muitas interrupções, trêmulas convulsões e quase desmaios, ela caiu de meu braço na neve e com uma torrente de lágrimas declarou que ela deveria ser levada, pois não poderia prosseguir. Ergui-a em meus braços; sua leve forma repousou em meu peito. – Eu não sentia o peso, exceto aquele das emoções contrárias e em luta. Um prazer extravasou sobre mim. Novamente seus membros congelados tocaram-me como um torpedo; e eu me eriçava em simpatia com sua dor e seu temor. Sua cabeça caía sobre meu ombro, sua respiração balançava meu cabelo, seu coração batia em compasso com o meu, a emoção me fez tremer, cegou-me, aniquilou-me – até que um espasmo contido, irrompendo seus lábios, o tremor de seus dentes, que em vão ela tentava conter e todos os sinais de sofrimento que ela emitia, trouxe-me de volta à necessidade de rapidez e socorro. Por fim, lhe disse: “Chegamos a Englefield Green, aqui está o chalé. Mas, se você for vista nestas estranhas circunstâncias, querida Idris, mesmo agora seus inimigos saberão de sua fuga muito cedo; não seria melhor que eu alugasse a carruagem sozinho? Vou colocar-lhe em segurança enquanto isso e voltarei para lhe resgatar imediatamente.”

Ela respondeu que eu estava certo e poderia proceder como planejara. Observei a porta de uma pequena edícula próxima ao hotel. Eu abri-a; e, com um pouco de feno, formei uma cama, colocando seu corpo exausto sobre ela e cobrindo-a com meu paletó. Temi deixá-la, ela parecia tão fraca e esmorecida – mas em um momento ganhou ânimo, e, com isso, medo; e outra vez implorou para que eu não me demorasse. Chamar o pessoal do chalé, obter um transporte e

cavalos, mesmo que eu os selasse, era trabalho para muitos minutos; cada um carregando o peso de eras. Avancei a carruagem um pouco, esperei que as pessoas que estavam no hotel se retirassem e, então, pedi ao ajudante que levasse a carruagem ao lugar onde Idris, impaciente e agora um pouco mais recomposta, estava me esperando. Ergui-a para dentro da carruagem; assegurei-a de que nossos quatro cavalos nos levariam até Londres antes das cinco horas, a hora em que ela deveria ser buscada e desaparecida. Implorei-a para que se acalmasse; uma bondosa chuva de lágrimas aliviou-a e, aos poucos, contou-me sua história de medo e perigo.

Na mesma noite em que Adrian partiu, sua mãe havia candidamente discutido com ela sobre seu relacionamento comigo. Cada motivo, cada ameaça, cada sarcasmo afiado era entoado em vão. Ela parecia considerar que, por minha causa, ela havia perdido Raymond; eu era a má influência de sua vida; fui até mesmo acusado de aumentar e confirmar a loucura e de ser base da abjuração de Adrian de todas as visões de progresso e grandeza; e, agora, esse miserável montanhês estava para roubar sua filha. Nunca, Idris contou, a irada dama se dignou a recorrer à gentileza e à persuasão; se tivesse, a tarefa de resistir teria sido intensamente dolorosa. Como era, a natureza generosa da doce jovem era compelida à defesa e se aliar à minha causa desprezada. Sua mãe terminou com um olhar de desdém e secreto triunfo, que por algum momento despertou as suspeitas de Idris. Quando partiram para se recolher, a Condessa disse, “Amanhã, estou certa de que seu destino irá mudar: esteja disposta; eu lhe deixei agitada; descanse; e lhe enviarei um remédio que sempre tomo quando não consigo dormir – ele lhe proporcionará uma noite tranquila.”

Quando ela, com maus presságios, encostou seu belo rosto no travesseiro, a ama de sua mãe trouxe uma dose; a suspeita atravessou-lhe por conta desse novo procedimento, suficientemente alarmando-a para que se determinasse a não beber da poção; mas apesar da decisão e com um desejo de descobrir se havia algum fundamento em suas hipóteses, ela disse, resolveu, quase que instintivamente e em contradição à sua habitual honestidade, fingir que tomava o remédio. Então, agitada como estava pela violência de sua mãe e pelo medo que ela não estava acostumada a sentir, ela se deitou sem poder dormir, assistando-se com cada ruído. Logo sua porta abriu-se com suavidade e, por ela ter se movido abruptamente, escutou um sussurro, “Ainda não dormiu” e a porta voltou a se fechar. Com o coração em disparada, ela aguardou nova visita e quando, depois de um intervalo, sua câmara foi outra vez invadida, tendo primeiro se assegurado de que os invasores eram sua mãe e uma empregada, ela se comportou como se estivesse aferrada no sono. Um passo se aproximou de sua cama, ela não ousou se mexer, lutou para acalmar suas palpitações, que se tornaram mais violentas, quando ouviu sua mãe murmurar, “Tolinha, nem faz ideia de que seu jogo já terminou para sempre”.

Por um momento, a jovem apreciou que sua mãe acreditara que tivesse bebido da poção; ela estava a ponto de se levantar; quando a Condessa, já longe da cama, disse em voz baixa à sua companheira e novamente Idris escutou-a: “Rápido”, ela disse, “não há tempo a perder – já se passa das onze; estarão aqui às cinco; leve apenas as roupas necessárias para a jornada e sua caixa de joias.” A empregada obedeceu; poucas palavras foram trocadas entre elas; mas estas eram capturadas com avidez pela pretensa vítima. Ela ouviu o nome de sua própria ama; - “Não, não”, replicou sua mãe, “ela não irá conosco; Lady Idris deverá esquecer a Inglaterra e tudo o que pertence a esse lugar.” E novamente ouviu, “Ela dormirá até tarde amanhã, quando já deveremos estar em alto mar.” - - “Tudo está pronto”, por fim a mulher anunciou. A Condessa

então voltou para o lado da cama de sua filha: “Na Áustria, pelo menos”, ela disse, “você obedecerá. Na Áustria, onde a obediência pode ser imposta e não resta escolha, a não ser entre uma honrosa prisão e um casamento perfeito.”

As duas, então, deixaram o recinto; embora, ao sair, a Condessa disse: “Calmo; tudo dorme; embora nem tudo esteja pronto para dormir, como ela. Eu não suspeitaria de ninguém ou ela teria sido impelida a resistir e, talvez, a escapar. Venha comigo para meu quarto; lá permaneceremos até chegar a hora combinada.” Saíram. Idris, em pânico, mas animada e fortalecida mesmo pelo seu excessivo medo, vestiu-se apressadamente e, descendo um lance de escadas, evitando a aproximação do aposento de sua mãe, conseguiu fugir do castelo por uma janela baixa e veio pela neve, vento e escuridão até minha cabana; não perdera sua coragem, até que chegasse e, depositando seu destino em minhas mãos, esvaiu-se no desespero e no cansaço que a consumiam.

Eu a confortei o melhor que pude. A alegria e a exultação eram minhas, por tê-la e por salvá-la. Para não lhe excitar a agitação daquela noite, “per non turbar quel bel viso sereno”^[25], contive meu prazer. Lutei para acalmar a ansiosa dança de meu coração; eu desviava meu olhar dela, irradiando tanta ternura e, orgulhosamente, para a noite escura e ao ar inclemente, murmurava as expressões de minha emoção. Chegamos a Londres muito cedo, me pareceu; e, ainda assim, eu não poderia me arrepender de nossa rápida chegada, quando testemunhei o êxtase no qual minha jovem amada se encontrou nos braços de seu irmão, segura de todo o mal sob sua inocente proteção.

Adrian escreveu uma curta mensagem para sua mãe, informando-a de que Idris estava sob seu cuidado e guarda. Muitos dias se passaram e, por fim, uma resposta veio, de Colônia. “Era inútil”, a arrogante e desapontada dama escreveu, “para o Conde de Windsor e sua irmã se dirigirem novamente à injuriada mãe, cuja única esperança de tranquilidade deveria ser derivada do esquecimento de sua existência. Seus desejos foram esmagados, seus planos, derrotados. Ela não reclamava; na corte de seu irmão, ela encontraria não a compensação pela sua desobediência (pois a maldade filial não admitia nenhuma), mas sim um estado de coisas e um modo de vida que a reconciliariam com seu destino. Sob tais circunstâncias, ela efetivamente declinava quaisquer correspondência com eles.”

Tais foram os estranhos e inacreditáveis acontecimentos que, finalmente, selaram minha união com a irmã de meu melhor amigo, com minha adorada Idris. Com simplicidade e coragem, ela pôs de lado o preconceito e a oposição que eram obstáculos à minha felicidade, nem tivera relutado em dar a sua mão a quem tinha dado seu coração. Compensá-la, erguer-me a mim mesmo à sua altura por meio do empenho do talento e da virtude, retribuir seu amor com ternura devota e incansável eram as únicas graças que eu poderia oferecer a este incomparável presente.

CAPÍTULO VII

E agora deixo que o leitor, passando por um curto período, seja apresentado ao nosso feliz círculo. Adrian, Idris e eu estávamos estabelecidos no Castelo de Windsor; Lordee Raymond e minha irmã moravam em uma casa no limite de Great Park, próximo à cabana de Perdita, como era ainda chamada a residência de teto baixo onde nós dois, pobres até de esperança, tínhamos recebido, cada um, a garantia de nossa felicidade. Tínhamos ocupações separadas e entretenimento comum. Às vezes, passávamos dias inteiros sob a frondosa cobertura da floresta, com nossos livros e música. Isso quando, nos raros dias em que, neste país, o sol montava seu etéreo trono em límpida majestade e o ar imóvel era como um banho de águas cristalinas e agradecidas, envolvendo os sentidos em tranquilidade. Quando as nuvens cobriam o céu e o vento as dispersava aqui e acolá, rasgando seu tecido e dispersando seus fragmentos por entre as aéreas planícies – então nos levantávamos e buscávamos outros lugares de beleza e repouso. Quando as frequentes chuvas nos encerravam atrás de portas, a recreação da tarde se seguia ao estudo matutino, conduzida por música e canto. Idris tinha um talento musical natural; e sua voz, que foi cuidadosamente cultivada, era intensa e doce. Raymond e eu fazíamos parte do concerto, e Adrian e Perdita eram ouvintes devotos. Éramos, então, alegres como os insetos do verão, brincalhões como crianças; sempre nos encontrávamos com sorrisos e líamos contentamento e prazer nas feições de cada um.

Nossos principais festivais ocorriam na cabana de Perdita; e nem nos cansávamos de falar sobre o passado ou sonhar sobre o futuro. O ciúme e a inquietação eram desconhecidos entre nós; nem o medo ou esperança de mudança perturbavam nossa tranquilidade. Os outros diziam – Nós podemos ser felizes – nós dizíamos – Nós somos.

Quando nos separávamos, geralmente Idris e Perdita iam passear juntas e nós ficávamos a discutir as relações internacionais e a filosofia da vida. A própria diferença do nosso temperamento dava gosto a essas discussões. Adrian tinha a superioridade no aprendizado e na eloquência; mas Raymond possuía uma rápida penetração e um conhecimento prático da vida, que frequentemente o punha em oposição à Adrian e, assim, mantinha a discussão viva. Em outras ocasiões, fazíamos excursões de muitos dias e cruzávamos o país para visitar lugares famosos por sua beleza e associação histórica. Às vezes íamos para Londres e participávamos das diversões da ocupada multidão; às vezes, nosso retiro era invadido por visitantes oriundos de lá. Essa mudança tornou-nos mais sensíveis às delícias do íntimo relacionamento de nosso círculo, da tranquilidade de nossa floresta e das felizes noites nas dependências de nosso amado Castelo.

O temperamento de Idris era peculiarmente franco, meigo e afetuoso. Sua índole era sempre doce; e embora firme e resoluta sobre qualquer tema que tocasse seu coração, ela cedia para aqueles que amava. A natureza de Perdita era menos perfeita; mas a ternura e a felicidade aperfeiçoaram seu caráter e amenizaram sua natural reserva. Sua compreensão era clara e abrangente, sua imaginação, vívida; ela era sincera, graciosa e sensata. Adrian, o incomparável irmão de minha alma, o sensível e excelente Adrian, amando a todos e amado por todos, ainda parecia não encontrar sua outra metade, o que deveria completar sua felicidade. Muitas vezes ele

nos deixava e vagueava sozinho pela floresta, ou navegava em seu pequeno bote, apenas tendo seus livros como companheiros. Frequentemente ele era o mais alegre de nós e, ao mesmo tempo, era o único visitado por acessos de pessimismo; sua estrutura magra e elegante parecia sobrecarregada pelo peso da vida, e sua alma dava a impressão de estar mais propensa a habitar seu corpo do que uni-lo. Eu era pouco mais devotado a Idris do que a seu irmão e ela o amava como seu professor, seu amigo, seu benfeitor, que havia lhe assegurado a satisfação de seus mais queridos desejos. Raymond, o ambicioso, o incansável Raymond, estava posicionado no meio da grande estrada da vida e se contentava em nos detalhar todos os seus planos de soberania e fama, para fazer de cada um nós as flores de seu campo. Seu reino era o coração de Perdita, seus temas eram os seus pensamentos; ela o amava, o respeitava como um ser superior, obedecido e servido. Nenhum trabalho, nem devoção, nem observação lhe causava problemas, contanto que fosse relacionado a ele. Ela se distanciava de nós e o observava; emocionava-se com alegria ao pensar que ele era dela. Ela construíra um templo para ele no profundo do seu ser e cada faculdade era uma pastora devotada ao seu serviço. Às vezes, ela podia ser imprevisível e caprichosa; mas seu arrependimento era amargo, seu retorno, integral, e mesmo esta desigualdade de temperamento era conveniente a Raymond, que não dispunha da natureza para flutuar ociosamente pela corrente da vida.

Durante o primeiro ano de seu casamento, Perdita deu a Raymond uma garota adorável. Era curioso identificar nesse modelo em miniatura as características idênticas de seu pai. Os mesmos lábios em parte desdenhosos e o sorriso de triunfo, os mesmos olhos inteligentes, a mesma feição e os cabelos castanhos; suas próprias mãos e dedos afilados lembravam os dele. Como ela era querida à Perdita! Com o passar do tempo, também tornei-me pai e nossas pequenas queridas, nossos brinquedos e deleites, convocaram mil novas e deliciosas sensações.

Assim os anos se passaram, - mesmos anos. Cada mês trazia seu sucessor, cada novo ano igual ao que passara; na verdade, nossas vidas eram um comentário vivo sobre o belo sentimento de Plutarco, que “nossas almas têm uma inclinação natural para o amor, tendo nascidas do amor, como também do sentir, da razão, da compreensão e da lembrança”. Falávamos da mudança e de objetivos ativos, mas ainda permanecíamos em Windsor, incapazes de violar o encanto que nos mantinha em nossa vida reclusa.

Pareamo aver qui tutto il ben raccolto

Che fra mortali in piu parte si rimembra.^[26]

Agora que também tínhamos de cuidar das crianças, encontrávamos desculpas para o nosso ócio, com a ideia de prepará-los para uma carreira mais esplêndida. Por fim, nossa tranquilidade foi perturbada e o curso dos eventos, que por cinco anos fluíram em rápida calma, foi interrompido por barreiras e obstáculos, que nos despertaram de nosso prazeroso sonho.

Um novo Lorde de Protetor da Inglaterra estava para ser escolhido; e, atendendo a um pedido de Raymond, nos mudamos para Londres, para testemunhar e mesmo participar da eleição. Se Raymond tivesse se unido a Idris, tal cargo teria sido sua mola propulsora para superior dignidade; e seu desejo por poder e fama teria sido coroado integralmente. Ele havia trocado seu cetro por um alaúde, um reino por Perdita.

Ele pensava nisso enquanto viajávamos para a cidade? Eu o observava, mas não podia captar muito de seu espírito. Ele estava particularmente alegre, brincando com sua filha e virava-se para entreter-se com qualquer palavra que fosse enunciada. Talvez ele assim o fizesse por ter notado a preocupada feição de Perdita. Ela tentou se animar, mas seus olhos quase sempre estavam cheios de lágrimas e ela olhava sem esperança para Raymond e a garota, como se temerosa de que algum mal pudesse ocorrer a eles. E assim ela se sentia. Um mau pressentimento se lhe apoderou. Ela se apoiava na janela olhando para a floresta e as torres do Castelo e, como estas se escondiam atrás de objetos da paisagem, ela apaixonadamente exclamou – “Cenário de felicidade!; cenário consagrado ao amor devoto, quando o verei novamente! E, quando o vir, espero ser a amada e alegre Perdita, ou eu, magoada e perdida, vaguearei entre seus bosques, o espírito do que sou!”

“Por que, tolinha”, disse Raymond, “o que está ponderando em sua pequena cabeça que de repente tornou-a tão sublimemente triste? Alegre-se ou a transferirei para a carruagem de Idris e chamarei Adrian para cá que, por seus gestos, está em linha com meus bons espíritos.”

Adrian cavalgava; ele subiu na carruagem e sua alegria, somando-se à de Raymond, afastou a melancolia de minha irmã. Chegamos a Londres à noite e fomos para nossas várias residências próximas ao Hyde Park

Na manhã seguinte, Lordee Raymond me visitou logo cedo. “Venho até você”, ele disse, “apenas em parte certo de que me ajudará em meu projeto, mas resolvido a seguir adiante, você concordando ou não. Prometa-me guardar segredo, porém; caso você não queira contribuir para o meu sucesso, pelo menos não irá me desacreditar.”

“Bem, eu prometo. E agora...”

“E agora, meu caro amigo, por que estamos em Londres? Para estar presente à eleição de um Protetor e para dar um sim ou um não à sua astuta Graça de...? Ou para aquele barulhento Ryland? Você acredita, Verney, que eu trouxe-o aqui para isso? Não, teremos um Protetor nós mesmos. Proporemos um candidato e asseguraremos seu sucesso. Indicaremos Adrian e faremos o nosso melhor para investir nele o poder ao qual lhe é de direito por nascimento e o qual ele merece por suas virtudes.

“Não responda; já sei suas objeções e derrubá-las-ei pela ordem. Primeiro, se ele aceitará ou não se tornar um grande homem? Deixe a tarefa da persuasão a esse respeito comigo; não peço que me ajude com isso. Segundo, se ele trocará sua ocupação de colher amoras e de cuidar de perdizes feridas na floresta pelo comando de uma nação? Meu caro Lionel, *somos* casados e temos ocupações suficientes em entreter nossas esposas e em dançar com nossos filhos. Mas Adrian está sozinho, sem esposa, sem filhos, desocupado. Tenho observado-o há muito tempo. Ele anseia por algo de algum interesse na vida. Seu coração, exausto de antigos sofrimentos, repousa como um membro recém-curado e recolhe-se de qualquer excitação. Mas sua compreensão, sua caridade e suas virtudes desejam um campo para se exercitar e se exibir; e nós iremos encontrá-lo para ele. Além disso, não é uma pena que o gênio de Adrian se esvaia da terra como uma flor em um caminho nunca percorrido em uma montanha, sem frutificar? Você acha que a Natureza compôs sua insuperável máquina para nada? Acredite-me, ele foi destinado a ser o autor de infinita bondade para com a sua nativa Inglaterra. Não teria ela investido nele todo o dom em prodigalidade? – berço, riqueza, talento, bondade? Todos não o amam e o admiram? E ele não se delicia sozinho em tais demonstrações, assim como manifesta seu amor

por todos? Venha, eu vejo que você já está convencido e me ajudará quando o propuser no parlamento.”

“Você dispôs seus argumentos em perfeita ordem”, repliquei; “e, se Adrian consentir, eles serão irretorquíveis. Apenas uma única condição eu faria -, que você não faça nada sem sua concordância.”

“Eu acredito que você está certo”, disse Raymond; “embora eu tenha pensado a princípio em arrumar tal negócio diferentemente. Mas que seja assim. Verei imediatamente Adrian; e, se ele inclinar-se a aceitar, você não destruirá meu trabalho persuadindo-o a voltar atrás e tornar-se esquilo novamente na Floresta de Windsor. Idris, você não me trairá?”

“Cria-me”, ela replicou, “preservarei a mais estrita neutralidade.”

“De minha parte”, eu disse, “estou bem convencido do valor de meu amigo e da rica safra de benefícios que toda a Inglaterra colheria de seu Protetorado para privar-lhes de tal bênção, se ele consentir em ser investi-lo no povo.”

À noite, Adrian nos visitou. – “Você também está cabalando contra mim”, ele disse, rindo; “e se unirá a Raymond, puxando um pobre visionário das nuvens para cercá-lo com os fogos de artifício e estouros de grandeza terrena, ao invés dos raios e ares celestiais? Pensei que você me conhecia melhor.”

“E conheço-o”, repliquei, “para saber que você não seria feliz em tal situação; mas o bem que você faria aos outros pode ser um convencimento, já que provavelmente chegou a hora de colocar suas teorias em prática e poderá trazer tantas mudanças e reformas que conduzirão ao perfeito sistema de governo que tem tanto prazer em detalhar.”

“Você fala de um sonho quase esquecido”, disse Adrian, suas feições encobrendo-se levemente enquanto ele falava; “as visões de minha adolescência há muito tempo esvaíram-se na luz da realidade; eu sei agora que não sou um homem feito para governar nações; o pequeno reino de minha mortalidade já me será suficiente se o mantiver em total governo.”

“Mas não pense, Lionel, que nosso nobre amigo está à deriva; uma deriva, talvez, desconhecida para si, porém aparente para mim. Lordee Raymond não nasceu para ser mais um e para gozar de uma vida pastoral. Ele pensa que deve ser satisfeito; ele imagina que sua situação atual elimina a possibilidade de engrandecimento; porém, ele não planeja, mesmo em seu coração, mudar. Mas você não vê que, sob a ideia de me exaltar, ele está desenhando um novo caminho para si mesmo; um caminho de ação sobre o qual ele por muito tempo tem divagado?”

“Vamos ajudá-lo. Ele, o nobre, o guerreiro, o maior em qualquer qualidade que possa adornar a mente e a pessoa de um homem; ele é o indicado para ser o Protetor da Inglaterra. Se *eu* – quer dizer, se *nós* propusermos seu nome, ele seguramente será eleito e encontrará, nas funções deste alto cargo, escopo para os poderes superiores de sua mente. Mesmo Perdita apreciará. Perdita, em quem a ambição tem um fogo oculto até que ela se casou com Raymond, cujo evento foi, por um tempo, a realização de suas esperanças; Perdita se regozijará na glória e no progresso de seu senhor – e, tímida e elegantemente, não ficará descontente com seu quinhão. Nesse entretempo, nós, os sábios da terra, regressaremos ao nosso Castelo e, como Cincinato^[27], retomaremos nossos trabalhos habituais até que nosso amigo requeira nossa presença e ajuda lá.”

Quanto mais Adrian elaborava seu plano, mais sentido ele fazia. Sua própria determinação de nunca entrar na vida pública era insuperável e o estado delicado de sua saúde era um argumento

suficiente contra isso. O próximo passo seria induzir Raymond a confessar seus desejos secretos por dignidade e fama. Ele entrou enquanto falávamos. O modo como Adrian recebera seu projeto para indicá-lo candidato ao Protetorado e suas réplicas, já haviam despertado em sua mente a visão do tema que estávamos agora discutindo. Sua feição e suas maneiras traíram a indecisão e a ansiedade; mas a ansiedade irrompeu do medo de que nós não devêssemos executar ou que não teríamos êxito em nossa ideia; e sua indecisão, da dúvida se ele deveria arriscar ser derrotado. Nossas poucas palavras conduziram-no à decisão e a esperança e a alegria faiscaram em seus olhos; a ideia de embarcar em uma carreira tão apropriada aos seus tenros hábitos e queridos desejos fizeram-no energético e firme como antes. Discutimos suas chances, os méritos dos outros candidatos e o temperamento dos eleitores.

Depois de tudo, nossos cálculos estavam errados. Raymond perdera muito de sua popularidade e seus partidários haviam desertado. A ausência do palco principal fez-lhe ser esquecido pelo povo; seus antigos apoiadores do parlamento eram principalmente compostos por monarquistas que queriam fazer dele um ídolo quando surgiu como o herdeiro do Condado de Windsor; mas lhe eram indiferentes quando ele avançou com outros atributos e distinções que eles entendiam ser comuns a muitos entre eles. Ele ainda tinha muitos amigos, admiradores de seus grandes talentos; sua presença na casa, sua eloquência, seu discurso e sua imponente beleza foram calculados para produzir um efeito elétrico. Adrian também, apesar de seus hábitos reclusos e de suas teorias, tão adversas ao espírito das pessoas, tinha muitos amigos e eles foram facilmente convencidos a votar no candidato de sua escolha.

O Duque de ... e o Sr. Ryland, o velho antagonista de Lordee Raymond, eram os outros candidatos. O Duque era apoiado por todos os aristocratas da República, que o consideravam seu representante mais adequado. Ryland era o candidato popular; quando Lordee Raymond foi adicionado à lista, suas chances de vitória pareciam pequenas. Deixamos o debate que se seguiu à sua indicação; nós, que o indicamos, mortificados; ele, desencorajado ao excesso. Perdita nos reprovou amargamente. Suas expectativas tinham sido fortemente excitadas; ela não havia alegado nada contra nosso projeto, pelo contrário, ela estava evidentemente feliz por ele; mas o iminente fracasso mudou o curso de suas ideias. Ela sentia que, uma vez instigado, Raymond nunca voltaria recuperado para Windsor. Seus hábitos estavam desequilibrados; sua mente irrequieta liberta de seu sono, a ambição agora deveria ser sua companheira para o resto da vida; e, se ele falhasse em sua tentativa atual, ela previa que a infelicidade e o descontentamento sem cura seguir-se-iam. Talvez o próprio desapontamento de Perdita adicionou um ferrão aos seus pensamentos e às suas palavras; ela não nos poupou e nossas próprias reflexões somaram-se à nossa inquietude.

Era necessário acompanhar a indicação e persuadir Raymond a apresentar-se perante os eleitores na noite seguinte. Por muito tempo, ele foi um obstinado. Ele embarcaria em um balão; navegaria para os distantes quadrantes do mundo, onde seu nome e sua humilhação eram desconhecidas. Mas era inútil; sua tentativa estava registrada; seu propósito publicado para o mundo; sua vergonha nunca poderia ser apagada da memória dos homens. Era como falhar ao fim de uma batalha, assim como voar agora no começo de sua empresa.

A partir do momento em que ele aceitou a ideia, ele se transformara. Sua depressão e ansiedade fugiram; ele se tornou viçoso e ativo. O sorriso do triunfo brilhou em sua feição; determinado a perseguir seu fim até o extremo, sua maneira e expressão pareciam pressagiar o

logro de seus desejos. Mas Perdita, nem tanto. Ela estava assustada pela sua alegria, pois temia uma convulsão maior ao final. Se sua aparência nos inspirava esperança, ela apenas fazia o estado da mente de Perdita ainda mais doloroso. Ela temia perdê-lo de vista; ainda ela receava comentar cada mudança no temperamento de sua mente. Ela ouvia-o ansiosamente, ainda que se iludisse ao dar às palavras de Raymond um sentido alheio à sua verdadeira interpretação e adverso às suas esperanças. Ela não ousava estar presente à eleição; ainda que, em casa, ela fosse uma presa à dupla solidão. Ela chorava sobre sua pequena filha; ela olhava e falava como se amedrontada pela possibilidade de alguma calamidade assustadora. Ela estava em parte louca pelos efeitos da agitação descontrolada.

Lordee Raymond apresentou-se à casa com destemida confiança e uma fala insinuante. Depois que o Duque de... e o Sr. Ryland terminaram seus discursos, ele começou. Seguramente ele não havia decorado sua lição; e, no início, ele hesitava, pausando em suas ideias e nas escolhas das expressões. Aos poucos, ele aqueceu-se; suas palavras fluíam com facilidade, sua linguagem era vigorosa e, sua voz, persuasiva. Ele mencionou sua vida passada, seus sucessos na Grécia e sua atenção ao seu país. Por que ele perderia tudo isso, agora que a experiência, a prudência e o comprometimento que seu casamento deu ao seu país deveriam aumentar, e não diminuir, seu clamor por confiança? Ele falou do estado da Inglaterra; as medidas necessárias a ser tomadas para assegurar sua segurança e confirmar sua prosperidade. Ele desenhou um quadro brilhante sobre sua situação. Conforme ele falava, cada som se aquietava, cada pensamento suspenso em profunda atenção. Sua graciosa eloquência encadeava os sentidos de seus ouvintes. Em certo nível, ele também era capaz de reconciliar todos os partidos. Seu nascimento agradou a aristocracia; sua indicação por Adrian, um homem intimamente ligado ao partido popular, fez com que um grupo, que não confiava tanto no Duque quanto no Sr. Ryland, se dispusesse a seu lado.

A contenda foi acirrada e duvidosa. Nem Adrian nem eu mesmo estaríamos tão ansiosos se nosso próprio sucesso dependesse de nossos esforços; mas havíamos iniciado nosso amigo nessa empresa e éramos responsáveis pelo seu sucesso. Idris, que tinha a mais alta opinião sobre suas habilidades, estava vivamente interessada no evento: e minha pobre irmã, que não ousava ter esperanças e para quem o medo era sua miséria, estava afundada em uma febre de inquietude.

Dia após dia passavam-se enquanto discutíamos nossos projetos para a noite e cada noite era ocupada com debates que não chegavam à nenhuma conclusão. Por fim, a crise veio: a noite em que o parlamento, que por tanto tempo havia atrasado sua escolha, deveria decidir: quando se passou da meia-noite e o novo dia começou, fora dissolvido pela força da constituição, seu poder extinto.

Reunimo-nos na casa de Raymond, nós e seus partidários. Às cinco e meia rumamos para o Parlamento. Idris tentava acalmar Perdita; mas a agitação da pobre jovem privava-a do poder de autocontrole. Ela caminhava pela sala, - olhando com ferocidade quando alguém entrava, desconfiando de que poderia ser o porta-voz de sua maldição. Devo fazer justiça à minha doce irmã: não era por ela que assim agonizava. Apenas ela sabia a importância que Raymond dava ao seu êxito. Mesmo para nós ele assumia um ar alegre e esperançoso, e fingia tão bem, que não adivinhamos as secretas maquinações de sua mente. Às vezes, um nervoso tremor, uma aguda dissonância de sua voz e momentâneos acessos de ausência revelavam à Perdita a violência com que se afligia; mas nós, concentrados em nossos planos, observávamos apenas sua pronta risada,

suas piadas inseridas em todas as ocasiões, o fluxo de seus espíritos que pareciam incapazes de diminuir. Além disso, Perdita estava com ele em seu retiro; ela via a introspecção que se seguia às suas graças forçadas; ela notava seu sono conturbado, sua dolorosa irritabilidade – uma vez, viu-o chorar – que interrompeu a dela própria, desde que vira as abundantes lágrimas que o orgulho ferido fizera com que se reunissem em seus olhos, mas que o orgulho era incapaz de ocultar. Que maravilha, então, que os sentimentos dela fossem levados a este nível! Eu me responsabilizei por sua agitação; mas isso não era tudo e a sequência revelou outra desculpa.

Tomamos um momento antes de partir para nos despedir de nossas amadas jovens. Eu tinha uma pequena esperança de sucesso e pedi à Idris que se comprometesse a cuidar de minha irmã. Enquanto abordava esta última, ela agarrou minha mão e levou-me a um outro cômodo; jogou-se em meus braços, chorando e soluçando amargamente por muito tempo. Tentei acalmá-la; pedi esperança; perguntei quais consequências tremendas se seguiriam caso falhássemos. “Meu irmão”, ela exclamou, “protetor de minha infância, querido, mais querido Lionel, meu destino pendura-se em uma ameaça. Vocês são tudo o que tenho – você, o companheiro de minha infância; Adrian, tão caro a mim quanto se tivéssemos ligação de sangue; Idris, a irmã de meu coração e sua linda filha. Esta, Oh, esta pode ser a última vez que vocês estarão ao meu redor!”

Ela parou abruptamente e então gritou: “O que eu disse? – tola e falsa garota, eu!” Ela me olhou com fúria e, então, subitamente acalmou-se, desculpando-se pelo o que ela chamou de palavras sem sentido, dizendo que ela estava louca, sem dúvida, pois, enquanto Raymond vivesse, ela seria feliz; e, embora ainda chorasse, ela permitiu-me ir com tranquilidade. Raymond apenas pegou sua mão quando ele entrou e olhou-a expressivamente; ela respondeu com um olhar de inteligência e positividade.

Pobre jovem! Quanto ela sofreu, então! Nunca poderia perdoar Raymond inteiramente pelos julgamentos que ele impôs a ela, ocasionados por um sentimento egoísta de sua parte. Ele havia planejado, se falhasse em sua tentativa, de embarcar para a Grécia sem despedir-se de nós e nunca mais voltar à Inglaterra. Perdita cedera aos seus desejos; pois o contentamento de seu marido era o principal objeto de sua vida, a coroa de sua alegria; mas deixar a todos nós, seus companheiros, os amados parceiros de seus anos mais felizes e, neste interim, ocultar sua temerosa determinação, era uma tarefa que quase conquistou o poder da sua mente. Ela ocupou-se em providenciar sua partida; prometera a Raymond que durante esta noite decisiva, aproveitar-se de nossa ausência para cumprir um estágio de sua viagem, e ele, depois que sua derrota se confirmasse, fugiria de nós e se juntaria a ela.

Embora, quando fui informado desse plano, eu estivesse amargamente ofendido pela pouca significância que Raymond dava aos sentimentos de minha irmã, fui levado pela reflexão a considerar que ele agira sob a força de tamanha intensa excitação, que perdeu a consciência e, conseqüentemente, a culpa pelo erro. Se nos tivesse permitido testemunhar sua agitação, ele estaria mais sujeito a ser guiado pela razão; mas suas conflitos para exibir compostura agiram com tal intensidade sobre seus nervos que destruíram seu poder de autocontrole. Estou convencido de que, no pior dos casos, ele teria retornado do litoral para se despedir de nós e fazer-nos parte de sua comitiva; mas a tarefa imposta à Perdita não foi a menos dolorosa. Ele havia exigido dela uma promessa de segredo; e o papel dela no drama, já que teria de ser executado sozinho, era o mais agonizante que se poderia conceber. Mas voltemos à nossa narrativa.

Os debates haviam sido, até então, longos e exaltados; às vezes, prolongavam-se apenas para atrasar ainda mais a decisão. Mas agora pareciam amedrontados de que o momento fatal passasse, enquanto a escolha ainda não fora feita. Um silêncio nada habitual reinou no parlamento, os membros sussurravam e os negócios corriqueiros eram tratados céleres e caladamente. Durante o primeiro estágio da eleição, o Duque de... fora eliminado; a questão, portanto, ficava entre Lordee Raymond e o Sr. Ryland. O último sentia-se seguro da vitória até que surgira Raymond; e, desde que seu nome fora colocado como candidato, ele investigara com ansiedade. Aparecia todas as noites, a impaciência e a raiva marcavam sua aparência, lançando um olhar mal-humorado desde o lado oposto de St. Stephen, como se sua mera reprovação pudesse eclipsar nossas esperanças.

Cada detalhe na constituição inglesa havia sido regulamentado para a melhor preservação da paz. No último dia, apenas dois candidatos poderiam permanecer; e para dispensar, se possível, a última batalha entre estes, um suborno era oferecido para quem voluntariamente desistisse de suas pretensões; um lugar de grande renda e honra lhe era dado, e seu sucesso facilitado em eleições futuras. Porém, era estranho que isso ainda não ocorrera, que nenhum candidato houvesse recorrido a esse expediente; conseqüentemente, a lei havia se tornado obsoleta e nem havia sido mencionada por um de nós em nossas discussões. Para nossa extrema surpresa, quando o avanço das coisas determinou que nos reuníssemos em um comitê para eleger o Lordee Protetor, o membro que indicara Ryland ergueu-se e informou-nos que seu candidato havia renunciado de suas pretensões. Sua informação foi primeiro recebida com silêncio; seguiu-se um confuso murmurar; e, quando o presidente declarou Lordee Raymond apropriadamente eleito, acarretou uma efusão de aplausos e vitória. Era como se, longe de qualquer temor de derrota, mesmo que se o Sr. Ryland não tivesse renunciado, cada voz estivesse unida a favor de nosso candidato. Na verdade, depois que a ideia de batalha passara, todos os corações voltaram ao seu antigo respeito e admiração pelo nosso realizado amigo. Todos sentiam que a Inglaterra nunca havia visto um Protetor tão capaz de satisfazer as árduas tarefas de tamanho alto posto. Uma voz feita de muitas ressoou pela câmara; gritava o nome de Raymond.

Ele entrou. Eu estava em uma das cadeiras mais altas e o vi caminhar pelo corredor em direção à mesa de discursos. A inata modéstia de seu temperamento conquistou a alegria pelo triunfo. Ele olhou ao redor com timidez; uma névoa parecia estar à frente de seus olhos. Adrian, que estava ao meu lado, correu para ele e, pulando os bancos, estava junto dele em um momento. Sua aparição reanimou nosso amigo; e, quando ele começou a discursar, sua hesitação desapareceu e ele brilhou supremo na majestade e na vitória. O Protetor anterior ofereceu-lhe os juramentos e presenteou-o com a insígnia do cargo, realizando as cerimônias de posse. O parlamento então dissolveu-se. Os principais membros do estado reuniram-se em torno do novo magistrado e conduziram-no até o palácio de governo. Adrian de repente desapareceu; e, quando os apoiadores de Raymond reduziram-se aos nossos amigos íntimos apenas, Idris liderou as congratulações ao seu amigo pelo êxito.

Mas onde estava Perdita? Ao assegurar sofregamente um retiro secreto em caso de derrota, Raymond esquecera de armar um esquema pelo qual ela poderia saber de seu êxito; e ela estava demasiado agitada para atinar a essa circunstância. Quando Idris entrou, há muito que desse detalhe também se esquecera Raymond, pois ele perguntou pela minha irmã; uma palavra, que lhe comunicou seu misterioso desaparecimento, o fez lembrar. Adrian, é verdade, já havia ido

procurar a fugitiva, imaginando que sua indomável ansiedade a houvesse conduzido aos arredores do Parlamento e que algum evento sinistro a tivesse detido. Mas Raymond, sem explicar-se, subitamente nos deixou e, em seguida, o ouvimos galopar pela rua, apesar do vento e da chuva que espalhava a tempestade pela terra. Não sabíamos quão longe ele teria de ir e logo nos separamos, supondo que em breve ele retornaria ao palácio com Perdita e que eles não se desculpariam por nos encontrar sozinhos.

Perdita havia chegado com sua filha a Dartford, chorando inconsolável. Ela havia preparado tudo para continuar em sua viagem e, colocando sua amável filha dormindo na cama, passou várias horas em agudo sofrimento. Às vezes, ela observava a guerra dos elementos, pensando que a natureza também a declarara contra ela e ouvia o bater da chuva em profundo desespero. Às vezes, ela se apoiava sobre sua filha, identificando sua semelhança com o pai e temerosa de que, mesmo depois de algum tempo, ela demonstrasse as mesmas paixões e impulsos incontroláveis que o faziam infeliz. Novamente, com um jorro de orgulho e prazer, ela notava nas feições da pequena garota o belo sorriso idêntico que frequentemente irradiava da compleição de Raymond. A visão aliviou-a. Ela pensou no tesouro que possuía nas afeições de seu senhor; nos seus feitos, ultrapassando os de seus contemporâneos, seu gênio, sua devoção por ela. – Logo ela pensou que tudo o que possuía no mundo, menos ele, poderia ser guardado, não, dado com prazer, apropriadamente ofertado, para assegurar o bem supremo que ela retinha nele. Logo ela imaginou que o destino exigia tal sacrifício de sua parte, como uma marca de que ela era devotada a Raymond e que deveria ser feito com felicidade. Ela imaginou-se vivendo na ilha grega que ele escolhera como retiro; sua tarefa de consolá-lo; seus cuidados com a bela Clara, seus passeios em sua companhia, a dedicação dela ao seu consolo. O quadro então se lhe apresentou em cores tão vividas que ela temeu o contrário, uma vida de poder e magnificência em Londres; onde Raymond não seria apenas dela, nem ela a única fonte de felicidade para ele. Até agora, ao que lhe concernia, ela começou a esperar pela derrota; e era apenas sobre ele que seus sentimentos vacilavam, quando o ouviu galopar no jardim do hotel. Que ele viesse por ela sozinho, molhado pela chuva, descuidado de tudo menos da velocidade, o que isso poderia significar que senão, fugidos e solitários, eles estavam prestes a partir da nativa Inglaterra, o cenário da vergonha, e esconder-se nos bosques de murta das ilhas gregas?

Em um momento, ela estava em seus braços. O conhecimento de sua vitória estava impregnado nele, que esquecera da necessidade de contar seu êxito à sua companheira. Ela apenas sentiu em seu abraço uma querida garantia de que, enquanto ele a possuísse, ele não cairia em desespero. “Isto é bom”, ela exclamou, “isto é nobre, meu amor! Oh, não tema a desgraça ou um destino inferior, enquanto tiver sua Perdita; não tema a mágoa, enquanto sua filha viver e sorrir. Iremos para onde quiser; o amor que nos acompanha evitará os arrependimentos.”

Preso naquele abraço, ela assim falou e jogou sua cabeça para trás, procurando um assento para suas palavras em seus olhos – que ardiam em indizível prazer. “Por que, minha pequena Dama Protetora”, disse ele em tom de brincadeira, “você diz isso? E qual belo plano você teceu para o exílio e obscuridade, enquanto uma teia mais brilhante, um tecido costurado de ouro é, na verdade, o que você deve contemplar?”

Ele beijou seu rosto – mas a imprevisível garota, em parte lamentando seu triunfo, agitada por uma rápida mudança de ideia, escondeu seu rosto em seu peito e chorou. Ele confortou-a; instilou suas próprias esperanças e desejos; e logo suas feições irradiavam simpatia. Quão felizes eles

foram naquela noite! Quão intensa, até extravasar, era seu sentido de alegria!

CAPÍTULO VIII

TENDO nosso amigo se instalado apropriadamente em seu novo gabinete, voltamos nossos olhos para Windsor. A sua proximidade com Londres era tanta, que eliminava a ideia de dolorosa separação, quando deixamos Raymond e Perdita. Despedimo-nos no Palácio dos Protetores. Era terrível ver minha irmã entrar como se fosse pelo espírito de um drama e agir para ocupar sua posição com condizente dignidade. Seu orgulho interno e suas humildes maneiras estavam mais do que nunca em guerra. Sua timidez não era artificial, mas nascia do medo de não ser apropriadamente aceita, aquela insignificante antecipação da rejeição do mundo, que também caracterizava Raymond. Mas, então, Perdita pensava mais frequentemente nos outros do que ele; e parte de seu embaraço originava-se do desejo de retirar, daqueles que a cercavam, um senso de inferioridade; um sentimento que nunca lhe ocorrera. Por causa das circunstâncias em que nascera e fora educada, Idris seria mais adequada para as fórmulas da cerimônia; mas a mesma praticidade que a acompanhava em tais ações, advinda do hábito, fazia-a entediada; enquanto, apesar de todas as desvantagens, Perdita claramente apreciava sua situação. Ela também estava repleta de novas ideias para sentir qualquer dor quando partimos; ela despediu-se afetuosamente e prometeu-nos visitar em breve; mas ela não se arrependia das circunstâncias que causaram nosso afastamento. Os espíritos de Raymond estavam livres; ele não sabia o que fazer com seu poder recém-conquistado; sua cabeça enchia-se de planos; porém, também de indecisão – mas ele prometeu a si mesmo, aos seus amigos e ao mundo, que a era do seu Protetorado deveria ser simbolizada por algum ato de incomensurável glória. Assim, falávamos sobre ele e o julgávamos, enquanto, com poucas companhias, retornávamos ao Castelo de Windsor. Sentimos extremo prazer em nosso retiro da agitação política e buscamos nossa solidão com redobrado entusiasmo. Não queríamos nos ocupar de nada; mas meu ansioso temperamento agora voltava-se para o campo do exercício intelectual, apenas; e encontrei, no estudo disciplinado, remédio para atenuar a febre de espírito que, com indolência, eu deveria certamente ter enfrentado. Perdita permitira que levássemos Clara conosco, para Windsor; e ela, junto com meus dois filhos adoráveis, eram perpétuas fontes de interesse e diversão.

A única circunstância que afetava nossa paz era a saúde de Adrian. Esta claramente declinara, sem um sintoma que pudesse nos levar a suspeitar sua doença, a menos seus brilhantes olhos, aparência animada e seu rosto excitado; mas ele não sentia dor nem medo. Ele dedicou-se aos livros com afinco e repousava do estudo na companhia de quem mais amava, sua irmã e eu. Às vezes, ia para Londres para visitar Raymond e acompanhar o avanço dos eventos. Clara frequentemente o acompanhava nessas excursões; em parte para que ela pudesse ver seus pais, em parte porque Adrian deliciava-se com as ideias infantis e a aparência inteligente daquela amável criança.

Enquanto isso, tudo ia bem em Londres. As novas eleições haviam sido concluídas; o parlamento se reunira e Raymond estava ocupado com mil planos profícuos. Canais, aquedutos, pontes, prédios oficiais e vários edifícios para repartições públicas estavam sendo tratados; ele estava continuamente cercado por engenheiros e engenhos, que deveriam render à Inglaterra um cenário de abundância e magnificência; o estado de pobreza estava para ser abolido; homens,

para serem transportados de lugar a lugar com a mesma facilidade que os príncipes Houssain, Ali e Ahmed, em “As Mil e Uma Noites”. O estado físico dos homens em breve não deveria nada à beatitude dos anjos; doenças estavam para ser erradicadas; o trabalho, aliviado de sua extenuante carga. Isso não soava extravagante. As artes da vida e as descobertas da ciência haviam aumentado em uma proporção que deixava todo o cálculo defasado; os alimentos eram gerados, por assim dizer, espontaneamente – máquinas existiam para fornecer com facilidade qualquer desejo da população. Uma má inclinação, porém, persistia; e os homens não eram felizes, não porque não podiam, e sim porque não se animavam a eliminar obstáculos que eles próprios ergueram. Raymond deveria lhes inspirar com sua vontade de progresso e o mecanismo da sociedade, uma vez sistematizado de acordo com as regras mais virtuosas, nunca mais seria deturpado pela desordem. Por essas esperanças, ele abandonara sua longamente acalentada ambição de se registrar nos anais de todas as nações como um guerreiro vitorioso; deitando sua espada, a paz e suas eternas glórias tornaram-se seu objetivo – o título que ele ansiava era o de benfeitor de seu país.

Entre outras obras de arte nas quais ele estava entretido, ajudara a erigir uma galeria nacional para estátuas e pinturas. Ele possuía muitas delas, as quais presenteou à República; e, como o edifício era o grande ornamento de seu Protetorado, ele foi bastante minucioso na escolha do projeto que deveria basear a construção. Centenas foram-lhe enviados e rejeitados. Ele requisitou até mesmo desenhos da Itália e da Grécia; mas, como o projeto deveria se caracterizar pela originalidade, assim como pela perfeita beleza, seus esforços foram, por algum tempo, infrutíferos. Por fim, um desenho chegou, com um endereço para onde correspondências deveriam ser entregues e sem o nome de seu autor. O projeto era novo e elegante, mas imperfeito; tão imperfeito que, embora feito com a mão e com o olho do bom gosto, era evidentemente o trabalho de alguém que não era arquiteto. Raymond contemplou-o com prazer; quanto mais o analisava, mais contente ficava; e ainda, os erros se multiplicavam pela análise. Ele escreveu para o endereço indicado, desejando ver o desenhista para quais alterações poderiam ser feitas, conforme deveriam ser sugeridas em uma reunião entre ele e o autor original.

Um grego veio. Um homem de meia idade, com alguma deferência de modos, mas com uma fisionomia tão comum que Raymond dificilmente poderia acreditar que aquele era o projetista. Este reconheceu que não era arquiteto; mas a ideia do edifício se lhe havia impregnado, embora ele tivesse enviado seu projeto sem esperanças de ser aceito. Ele era um homem de poucas palavras. Raymond fez-lhe perguntas; mas suas respostas reservadas logo fizeram-no se concentrar no desenho. Ele apontou os erros e as alterações que desejava ser feitas; ele ofereceu ao grego um lápis com o qual poderia corrigir o esboço imediatamente; oferta que foi rejeitada pelo visitante, que lhe dissera ter entendido perfeitamente e que iria trabalhar em sua casa. Por fim, Raymond deixou que partisse.

Ele retornou no dia seguinte. O desenho havia sido refeito; mas muitos defeitos ainda permaneciam e muitas das instruções dadas haviam sido mal interpretadas. “Vamos”, disse Raymond, “eu cedi aos seus desejos ontem, agora cumpra com meu pedido – aceite o lápis.”

O grego o pegou, mas segurou-o de um modo que nenhum artista o faria; por fim, ele disse: “Eu devo confessar, meu Senhor, que eu não fiz esse desenho. É-lhe impossível conhecer o verdadeiro projetista; suas instruções devem passar por mim. Tenha a condescendência,

portanto, de ser paciente com minha ignorância e de explicar seus desejos a mim; estou certo de que em tempo o senhor ficará satisfeito.”

Raymond objetou em vão; o misterioso grego não mais lhe disse nada. Um arquiteto poderia ver o artista? Tal pedido também foi negado. Raymond repetiu suas instruções e o visitante retirou-se. Nosso amigo resolveu, entretanto, que seus desejos não fossem malogrados. Ele suspeitou de que o mistério fosse fruto de uma pobreza sem par e que o artista não quisesse ser visto com a vestimenta e na residência da necessidade. Raymond ficou ainda mais excitado, por esse pensamento, a descobri-lo; impelido pelo interesse que lhe dominou pelo talento obscuro, ele, portanto, ordenou que uma pessoa hábil nestes assuntos seguisse o grego na próxima vez que viesse e que observasse a casa onde ele deveria entrar. Seu emissário obedeceu e trouxe a informação desejada. Ele havia rastreado o homem até uma das casas mais pobres da metrópole. Raymond não imaginou que, por estar ali situado, o artista se recolhera, mas mesmo assim não mudara sua resolução.

Na mesma noite, ele foi sozinho à casa indicada. A pobreza, a sujeira e a repulsiva miséria caracterizavam sua aparência. Ah!, pensou Raymond, tenho muito que fazer antes que a Inglaterra torne-se um Paraíso. Ele bateu à porta; que foi aberta por uma corda na parte de cima; uma escada quebrada e lamentável estava imediatamente à sua frente, mas ninguém apareceu; ele bateu novamente, mas em vão – e então, impaciente com a espera, ele subiu pelos degraus escuros e rangentes. Seu principal desejo, mais especialmente agora que ele testemunhara a abjeta habitação do artista, era aliviar aquele, possuído de talento, mas deprimido pela necessidade. Ele imaginou-o jovem, cujos olhos faiscavam genialidade, cuja pessoa estava abatida pela fome. Ele em parte temeu desapontá-lo; mas confiou que sua generosa bondade seria administrada tão delicadamente para não excitar a repulsa. Qual coração humano era imune à bondade? E, embora a pobreza em excesso pudesse fazer com que o sofredor tornasse-se inapto a se render à suposta degradação de um benefício, o zelo do benfeitor deveria ao menos relaxá-lo com a gratidão. Esses pensamentos encorajaram Raymond, enquanto se punha na porta do quarto mais alto da casa. Após tentar inutilmente entrar nos outros cômodos, ele percebera, no limiar daquele, um par de pequenos chinelos turcos; a porta estava parcialmente aberta, mas dentro tudo era silêncio. Era provável que o habitante estivesse fora, mas convencido de que encontrara a pessoa certa, nosso venturoso Protetor foi tentado a entrar, deixar uma bolsa na mesa, e sair sem ser notado. Executando sua ideia, ele abriu a porta suavemente – mas o quarto estava ocupado.

Raymond nunca visitara as habitações dos pobres e a cena que se apresentava a ele tocou seu coração. O chão estava gasto em vários lugares; as paredes estavam puidas e nuas – o telhado manchado de umidade – uma cama maltrapilha no canto; havia duas cadeiras no quarto e uma mesa rústica quebrada, sobre a qual havia uma vela em um fino candelabro; - ainda assim, entre a insignificância e a pungente pobreza, havia um ar de ordem e limpeza que o surpreendeu. Seu pensamento estava suspenso, pois sua atenção foi instantaneamente atraída para a pessoa daquela casa arruinada. Era uma mulher. Ela estava sentada na mesa; uma pequena mão protegia seus olhos da luz; a outra segurava um lápis; seu olhar estava preso a um desenho à sua frente, que Raymond reconheceu como o projeto que lhe fora apresentado. Toda a sua aparência despertou seu interesse mais profundo. Seu cabelo escuro estava trançado e unido em finos nós como o penteado de uma estátua grega; suas vestes eram humildes, porém sua atitude poderia ter sido

classificada como a de um modelo de graça; Raymond tinha uma confusa lembrança de que já havia visto tal forma antes; ele atravessou o quarto; ela não ergueu seus olhos, apenas perguntando em Romaico ^[28], “Quem está aí?” “Um amigo”, respondeu Raymond no mesmo idioma. Ela olhou em dúvida e ele viu que era Evadne Zaimi. Evadne, uma vez dona do afeto de Adrian; e quem, pelas graças do presente visitante, desdenhou o nobre jovem, e então, rejeitada por aquele que amava, com esperança despedaçada e um pungente senso de tristeza, retornara para a sua nativa Grécia. Que revolução do destino poderia tê-la trazido de volta à Inglaterra e que acomodá-la daquela maneira?

Raymond a reconheceu; e seus modos mudaram da educada benevolência para as mais ardentes manifestações de bondade e simpatia. Vê-la, naquela situação, foi como um flecha arpoasse sua alma. Ele sentou-se próximo a ela, pegou sua mão e disse-lhe uma porção de coisas que sopraram o mais profundo espírito de compaixão e afeição. Evadne não respondeu; seus olhos grandes e escuros estavam presos ao chão e, por fim, uma lágrima brilhou em suas pestanas. “Assim”, ela exclamou, “a bondade pode fazer o que nenhuma miséria ou necessidade podem; eu choro”. De fato, ela derramou muitas lágrimas; sua cabeça afundou-se involuntariamente no ombro de Raymond; ele segurou sua mão; e beijou seu rosto desfeito, manchado de lágrimas. Ele disse-lhe que seu sofrimento acabara; ninguém possuía a arte de consolar como Raymond; não se justificara ou declamara, mas seu semblante brilhou de simpatia; ele evocou agradáveis imagens perante a sofredora; seus carinhos não despertavam desconfiança, pois surgiam puramente do sentimento que leva a mãe a beijar seu filho ferido; um desejo de demonstrar de todas as maneiras possíveis a veracidade de seus sentimentos e a intensidade de seu desejo em derramar um bálsamo na lacerada mente da desafortunada. À medida que Evadne recuperava-se, seus modos tornavam-se até mesmo alegres; ele exercitou a ideia de sua pobreza. Algo lhe dizia que não era por isso que o coração de Evadne se afligia, mas sim a degradação e a desgraça que a miséria lhe trazia; enquanto falava, ele execrava-as; às vezes falando de sua força com energética admiração; então, aludindo à sua antiga condição, ele chamou-a de Princesa disfarçada. Ele fez calorosas ofertas de ajuda; mas ela estava muito mais ocupada com pensamentos mais prementes, seja para aceitá-las ou para rejeitá-las; por fim, ele deixou-a, prometendo que a visitaria no dia seguinte. Ele voltou para casa, repleto de sentimentos misturados, com a dor excitada pela ruína de Evadne e pelo prazer da perspectiva de aliviá-la. Algum motivo pelo qual ele não podia se responsabilizar, nem para si mesmo, impediu-o de contar sua aventura à Perdita.

No dia seguinte, ele disfarçara-se com o máximo que uma túnica poderia proporcionar e visitou Evadne mais uma vez. Levava consigo uma cesta de frutas caras, tais como as nativas do seu próprio país e, espalhando por entre elas várias flores belíssimas, veio-lhe à lembrança o sócio miserável de sua amiga. “Observe”, ele disse ao entrar, “a comida de pássaro que trouxe para minha pardal no topo da casa.”

Evadne lhe contava a história de seus infortúnios. Seu pai, embora de alto posto, havia, no final, dissipado sua fortuna e mesmo destruído sua reputação e influência por meio do transcurso de dissoluta indulgência. Sua saúde havia se deteriorado para além da esperança de cura; e tornara-se seu maior desejo antes que ele morresse, preservar sua filha da pobreza que seria o resultado de seu estado órfão. Ele, portanto, aceitara por ela, e persuadiu-a a também concordar, uma

proposta de casamento de um rico mercador grego baseado em Constantinopla. Ela deixou sua nativa Grécia; seu pai falecera; aos poucos ela foi privada de todas as suas companhias e laços de sua juventude.

A guerra, que cerca de um ano antes havia irrompido entre Grécia e Turquia, acarretou-lhe muitos revezes do destino. Seu marido faliu e então, em um tumulto e uma ameaça de massacre dos turcos, foram obrigados a fugir no meio da noite e de um bote foram resgatados por um navio inglês que os trouxe diretamente para esta ilha. As poucas joias que conseguiram salvar os mantiveram por um tempo. Toda a força da mente de Evadne era exortada a suportar os espíritos falhos de seu marido. A perda de posses, a desesperança em relação ao seu futuro e o ócio ao qual a pobreza condenava-lhe combinaram para reduzi-lo a um estado próximo da insanidade. Cinco meses após chegarem à Inglaterra, ele se suicidara.

“Você me perguntará”, continuou Evadne, “o que fiz desde então. Por que não pedi socorro aos gregos ricos que aqui moram; por que não retornei ao meu país? Minha resposta para essas perguntas pode lhe parecer insatisfatória, ainda que me bastaram para que eu resistisse, dia após dia, suportando a ruína ao invés de buscar alívio. Deveria a filha de um nobre, embora pródigo Zaimi, parecer uma mendiga perante seus iguais ou inferiores – superiores a ela não haviam. Deveria eu inclinar minha cabeça perante eles e, com gestos servis, vender minha nobreza para comprar vida? Tivesse eu uma criança ou qualquer outro laço com a existência, eu poderia descer a este ponto – mas, assim – o mundo parecia-me uma dura madrastra; feliz eu teria deixado a residência que ela parece relutar em me proporcionar e, no túmulo, esqueceria meu orgulho, minhas batalhas, meu desespero. A hora logo chegará; a angústia e a fome sugaram as fundações de meu ser; um intervalo muito curto e terei falecido; isenta do crime de autodestruição, imune à memória da degradação, meu espírito se livrará desta miserável espiral e encontrará a recompensa que a força e a resignação possam merecer. Isso pode lhe parecer loucura, ainda que você tenha orgulho e determinação; não se surpreenda, portanto, que meu orgulho seja indomável, minha determinação, irremovível.”

Tendo ela terminado sua narração e dado conta conforme ela julgara apropriado, dos seus motivos para se abster de quaisquer esforços para obter ajuda de seus compatriotas, Evadne pausou; ainda que ela parecesse ter mais para dizer, porém lhe faltavam as palavras. Neste meio tempo, Raymond estava eloquente. Seu desejo de recolocar sua amiga na sua posição social e de recuperar sua prosperidade animava-o, e ele despejou, com energia, todos os seus quereres e intenções neste assunto. Mas ele foi interrompido; Evadne exigiu uma promessa, que ele devia ocultar de todos os seus amigos sua presença na Inglaterra. “Os parentes do Conde de Windsor”, ela disse com arrogância, “sem dúvida pensam que os feriu; talvez o próprio Conde seja o primeiro a se vingar de mim, mas provavelmente eu não mereça sofrer vingança. Agi, naquele momento como sempre, por impulso. Esta casa de penúria pode ao menos provar o desinteresse de minha conduta. Não importa. Não desejo empenhar minha causa diante de nenhum deles, nem mesmo diante da sua Senhoria, caso não tivesse me descoberto primeiro. O tom de minhas ações provará que eu preferiria morrer do que ser marcada pelo escárnio – observem a orgulhosa Evadne em seus trastos! Olhem a princesa mendiga! Há um veneno viscoso no pensamento – prometa-me que meu segredo não será violado por você.”

Raymond consentiu; mas então uma nova discussão seguiu-se. Evadne requereu que ele se comprometesse a não entrar em um projeto para ajudá-la e nem que ele oferecesse ajuda, sem

seu consentimento. “Não me degrade debaixo de meus próprios olhos”, ela disse; “a pobreza por muito tem sido minha enfermeira; ela pode ser feia, mas é honesta. Se a desonra, ou o que concebo ser, aproximar-se de mim, estarei perdida.” Raymond citou muitos argumentos e utilizou de fervente persuasão para superar seu sentimento, mas ela estava inflexível; e, agitada pela discussão, de maneira selvagem e apaixonada, fez um voto solene de fugir e de se esconder onde ele nunca pudesse descobri-la, onde a fome logo levaria a morte para cumprir sua promessa, caso ele continuasse com suas depreciativas ofertas. Ela poderia se ajudar, disse. E então mostrou-lhe como, por meio de seus desenhos e pinturas, ela ganhava uma ninharia para se manter. Raymond cedeu para o momento. Ele se sentia seguro, após ter elogiado sua vontade própria por algum momento, que a amizade e a razão venceriam no final.

Mas os sentimentos que moviam Evadne estavam arraigados nas profundezas de seu ser e cresciam de tal maneira que ele não poderia compreender. Evadne amava Raymond. Ele era o herói de sua imaginação, a imagem gravada pelo amor na inalterada textura do seu coração. Sete anos antes, no melhor de sua juventude, ela estivera ligada a ele; ele tinha servido seu país contra os turcos; ele tinha, no próprio país dela, adquirido aquela glória militar peculiarmente querida aos gregos, já que estavam obrigados, centímetro por centímetro, a lutar pela sua segurança. Ainda, quando ele retornara de lá, e primeiramente aparecera na vida pública da Inglaterra, seu amor não conquistara o dele, que então hesitava entre Perdita e a coroa. Enquanto ele ainda estava confuso, ela havia deixado a Inglaterra; a notícia de seu casamento a havia atingido e suas esperanças, botões florais pobremente alimentados, definharam e caíram. A glória da vida a deixara; o róseo halo do amor, que imbuíra todos os outros objetos de sua própria cor, esvaiu-se; - ela contentava-se em viver a vida como ela era e a fazer o melhor com a realidade plúmbea. Ela casou-se; e, carregando sua incansável energia de caráter com ela por novos cenários, voltou seus pensamentos para a ambição e buscou o título e o poder da Princesa de Wallachia; enquanto seus sentimentos patrióticos eram aliviados com a ideia do bem que poderia fazer pelo seu país, quando seu marido fosse o chefe de seu principado. Ela viveu para descobrir que a ambição é tão irreal quanto a ilusão do amor. Suas intrigas com a Rússia para obter seu objetivo, excitou o ciúme de Porte^[29] e a animosidade do governo grego. Ela foi considerada uma traidora por ambos, a ruína de seu marido seguiu-se; evitaram a morte por uma fuga oportuna e ela caiu da altura do seus desejos para a penúria na Inglaterra. Muito dessa história ela ocultou de Raymond; nem ela confessava que a repulsa e a rejeição, como para um criminoso culpado do pior dos crimes, que trazendo a foice do despotismo estrangeiro para cortar as novas liberdades florescendo em seu país, teria seguido seus pedidos de ajuda para qualquer um dos gregos.

Ela sabia que era a causa da extrema ruína de seu marido; e dispôs-se a aguentar as consequências. As reprovações que a agonia exortava; ou pior, a incurável e resignada depressão, quando sua mente afundava-se em torpor, não lhe era mais dolorosa, por ser silenciosa e imóvel. Ela reprovava a si mesma pelo crime de sua morte; a culpa e suas punições pareciam cercá-la; em vão, ela tentou aliviar seu remorso com a memória de sua integridade real; o resto do mundo, e ela entre eles, julgava suas ações pelas suas consequências. Ela rezava pela alma de seu marido; ela implorava ao Supremo para inculcar nela o crime de sua autodestruição - ela prometera viver para expiar sua culpa.

Entre tamanha ruína, que logo deveria tê-la destruído, apenas um pensamento consolava-a. Ela vivia no mesmo país, respirava o mesmo ar que Raymond. Seu nome como o Protetor era o peso de cada língua; seus feitos, projetos e magnificência, o argumento de todas as histórias. Nada é tão precioso ao coração de uma mulher do que a glória e a excelência de quem ela ama; portanto, em cada horror Evadne regozijava-se em sua fama e prosperidade. Enquanto seu marido vivia, esse sentimento lhe era considerado um crime, reprimido e arrependido. Quando ele morreu, a maré do amor voltou ao seu antigo fluir, inundara sua alma com suas ondas tumultuosas, e ela desistiu, tornando-se presa de seu poder incontrolável.

Mas nunca, Oh, nunca, ele deveria vê-la em seu estado degradado. Nunca ele deveria observar sua queda, como ela julgava, de seu orgulho da beleza, a moradora abatida pela pobreza de um sótão, com um nome que se tornaria uma reprovação e um peso da culpa em sua alma. Mas embora impenetravelmente escondida dele, seu cargo público a permitira saber de todas as suas ações, o curso diário de sua vida, mesmo suas conversas. Ela permitiu-se um luxo, ela lia os jornais a cada edição e festejava os elogios e as ações do Protetor. Não que essa indulgência fosse destituída da consequente tristeza. O nome de Perdita estava sempre unido ao dele; sua felicidade conjugal era celebrada mesmo pela mais autêntica testemunha dos fatos. Estavam continuamente juntos, nem poderia a desafortunada Evadne ler a monossílabo que designava seu nome, sem, ao mesmo tempo, ressentir-se com a imagem dela, que era a fiel companheira de seus trabalhos e de seus prazeres. *Eles, suas Excelências*, encontravam seus olhos a cada linha, misturando uma poção malévola que envenenou seu próprio sangue.

Foi no jornal que vira o anúncio do projeto de uma galeria nacional. Combinando seu gosto com os edifícios que ela vira no leste, e por um esforço de criatividade induzindo ambos à unirem-se em seu desenho, ela executou o plano que havia sido enviado ao Protetor. Triunfara na ideia de investir, ignorada e esquecida como era, um benefício sobre aquele a quem amava; e com orgulho entusiástico, olhou adiante para a realização de seu trabalho que, imortalizado em pedra, entraria para a posteridade estampado com o nome de Raymond. Ele aguardou com ansiedade o retorno do seu mensageiro, do palácio; ela ouvia insaciável o relato de cada palavra, cada olhar do Protetor; sentiu-se abençoada pela comunicação com seu amado, embora ele não soubesse a quem endereçava suas instruções. O seu próprio desenho tornou-se indizivelmente querido a ela. Ele o havia visto e elogiado; fora novamente retocado por ele, cada traço de seu lápis era como um acorde de uma esfuziante música e trouxe-lhe a ideia de um templo construído para celebrar as mais profundas e inexpressáveis emoções de sua alma. Tais contemplações engajaram-lhe, quando a voz de Raymond a princípio atingiu seus ouvidos, uma voz, uma vez ouvida, nunca para ser esquecida; ela dominou o jorro de suas emoções e acolheu-o com quieta gentileza.

O orgulho e a ternura agora combatiam, e por final fizeram um pacto. Ela veria Raymond, já que o destino o trouxera para ela e sua constância e devoção deveriam premiar a sua amizade. Mas os direitos dela sobre ele e sua acalentada independência não deveriam ser feridos pela ideia do interesse ou pela intervenção de complicados sentimentos referentes a obrigações pecuniárias e se aproveitar das relativas situações de seu benfeitor. Sua mente era de força incomum; ela poderia subjugar suas sensíveis vontades aos seus desejos mentais e sofrer de frio, fome e miséria, em vez de conceder ao destino a razão de uma discussão. Ah! Que na natureza humana tal nível de disciplina mental e a desdenhosa negligência da própria natureza não devessem se aliar ao extremo da excelência moral! Mas a determinação que a permitia resistir às dores da

privação florescera da igualmente grande energia de suas paixões; e a concentrada vontade própria, da qual era um sinal, estava destinada a destruir o próprio ídolo, para preservar o respeito que ela submetia à tal ruína.

O relacionamento continuou. Aos poucos, Evadne contou ao seu amigo toda a história, a mancha que seu nome recebera na Grécia, o peso do pecado que havia sido creditado a ela pela morte do seu marido. Quando Raymond ofereceu-se para limpar sua reputação e demonstrar ao mundo seu real patriotismo, ela declarou que era apenas pelo presente sofrimento que ela esperava por algum alívio para as ferroadas da consciência; que, em seu estado mental, adoentado como ele poderia pensar, a necessidade de ocupação era um remédio salutar; ela terminou exortando-o a prometer que, pelo espaço de um mês, ele evitaria discutir seus interesses, engajando depois desse período a ceder em parte aos seus desejos. Ela não poderia se esconder do fato de que quaisquer mudanças poderiam separá-lo dela; agora ela via-o todo dia. Sua ligação com Adrian e Perdita nunca era mencionada; ele era para ela como um meteoro, uma estrela solitária, que na hora marcada erguia-se em seu hemisfério, cuja aparição trazia a felicidade e que, embora se pusesse, nunca era eclipsado. Ele vinha todo dia à sua residência de penúria e sua presença transformava-a em um templo perfumado com doces, radiante com a luz do próprio céu; ele participava do seu delírio. “Eles construíram um muro entre si e o mundo”^{30}, - Fora, mil harpias ansiosas, remorso e miséria, esperando o momento destinado para a sua invasão. Dentro, era a paz como se da inocência, cegueira temerária, de ilusiva alegria, esperança, cuja rígida âncora repousava em águas plácidas, porém inconstantes.

Assim, Raymond envolvera-se em visões de poder e de fama, enquanto olhara para a total dominação dos elementos e da mente humana, o território do qual seu próprio coração escapara de sua atenção; e, desta ignorância de origem, ergueu-se a poderosa torrente que surpreendeu sua vontade e carregou ao mar do esquecimento a fama, a esperança e a felicidade.

CAPÍTULO IX

NESTE meio tempo, o que fez Perdita?

Durante os primeiros meses de seu Protetorado, Raymond e ela eram inseparáveis; cada projeto era discutido com ela, cada plano, aprovado por ela. Eu nunca vira alguém tão feliz quanto minha irmã. Seus olhos expressivos eram como duas estrelas irradiando amor; a esperança e a leveza instalaram-se em sua plácida feição. Ela derramava até mesmo lágrimas de alegria no elogio e na glória de seu senhor; toda a sua existência era consagrada a ele e, se na humildade de seu coração ela tinha autopiedade, esta se erigia da reflexão que ela conquistara o mais distinto herói de sua época e mantinha-o por anos, mesmo depois de que o tempo tenha retirado do amor seu alimento natural. Seu próprio sentimento estava intacto como quando nascera. Cinco anos haviam falhado em destruir a ofuscante ficção da paixão. A maior parte dos homens destrói sem clemência o véu sagrado, com o qual o coração feminino está habituado a adornar o ídolo de suas afeições. Mas não Raymond; ele era um encantador, cujo reino nunca se reduzia; um rei cujo poder nunca era suspenso: continuava por entre os detalhes da vida comum, permanecia com o mesmo charme de graça e a majestade enfeitava-o; nem ele poderia ser despojado da inata deificação que a natureza lhe proporcionara. Perdita crescia em beleza e excelência sob seu olhar; eu já não mais reconhecia minha reservada e abstraída irmã na fascinante e franca esposa de Raymond. O gênio que iluminava sua compleição estava agora unido à uma expressão de benevolência, que dava uma perfeição divina à sua beleza.

A felicidade em seu grau mais elevado é a irmã da bondade. O sofrimento e a amabilidade podem existir juntos e escritores têm amado reproduzir tal coexistência; há uma harmonia humana e tocante nesse quadro. Mas a felicidade perfeita é um atributo dos anjos; e aqueles que a possuem parecem angélicos. Já se disse que o medo é o pai da religião; mesmo daquelas religiões ele é o criador, levando seus praticantes a sacrificar vítimas humanas em seus altares; mas a religião que floresce da felicidade é uma evolução mais amável; a religião que faz o amor exalar fervente gratidão e nos faz derramar os excessos da alma perante o autor de nosso ser; que é o pai da imaginação e o nutridor da poesia; que investe benevolente inteligência no mecanismo visível do mundo e faz da terra um templo com uma cobertura de Paraíso. Tal felicidade, bondade e fé habitavam a mente de Perdita.

Durante os cinco anos que passamos juntos, uma união de seres humanos felizes no Castelo de Windsor, seu abençoado destino fora o tema frequente da conversa de minha irmã. Desde cedo, e por causa da afeição natural, ela me selecionara ao invés de Adrian ou de Idris para ser o parceiro de seus excessos de prazer; talvez, porém aparentemente bastante improvável, algum ponto secreto de semelhança ou o mesmo sangue, induziu-a a essa preferência. Com frequência, ao acaso, passeávamos juntos nos caminhos circunspetos e sombrios da floresta e eu ouvia-a com alegre simpatia. A segurança dava dignidade à sua paixão; a certeza de um retorno proveitoso deixava-a sem que um desejo não fosse satisfeito. O nascimento de sua filha, cópia fiel de Raymond, preenchia as medidas de seu contentamento e produzia um laço sagrado e indissolúvel entre eles. Às vezes, ela sentia-se orgulhosa de que ele escolhera-a em detrimento às esperanças por uma coroa. Às vezes, ela lembrava-se de que a severa angústia acometera-lhe,

quando ele hesitou em sua escolha. Mas tal memória de um descontentamento passado servia apenas para aumentar sua alegria presente. O que havia sido duramente conquistado era, agora, completamente possuído, duplamente querido. Ela olhá-lo-ia à distância com o mesmo arrebatamento (Oh, arrebatamento mais do que demasiado!) que alguém sentiria quando, depois dos perigos da tempestade, encontrasse-se no porto desejado; ela atirar-se-ia em sua direção, para sentir mais assegurada, em seus braços, a realidade de sua bênção. Este calor afetuoso, adicionado à profundidade de sua compreensão e ao brilho de sua imaginação, fazia-a tão querida por Raymond que nem as palavras poderiam dizer.

Se um sentimento de insatisfação apenas passasse por ela, seria porque ela achava que ele não era perfeitamente feliz. O desejo por renome e uma pretenciosa ambição caracterizavam a juventude de Raymond. Uma, ele adquirira na Grécia; a outra, ele sacrificara pelo seu amor. Seu intelecto encontrara campo suficiente em seu círculo doméstico, cujos membros, todos embelezados pelo refinamento e pela literatura, eram muitos deles, assim como ele, distinguidos pelo gênio. Ainda a vida ativa era o solo genuíno para suas virtudes; e ele, às vezes, entediava-se com a monótona sucessão de eventos em nosso retiro. O orgulho fazia-o refluir da reclamação; e a gratidão e a afeição por Perdita eram geralmente exercidas como um ópio para todo o desejo, menos aquele de premiar seu amor. Todos observávamos a visita daqueles sentimentos e ninguém mais arrepentia-se deles quanto Perdita. Sua vida era consagrada a ele, com um leve sacrifício de compensar sua escolha, mas não era suficiente – Precisaria ele de qualquer gratificação que ela era incapaz de proporcionar? Esse era o único anuviar do azul de sua felicidade.

A passagem de Raymond para o poder foi dolorosa para ambos. Ele, porém, obtivera seu desejo; ele justificava a situação para a qual a natureza parecia tê-lo moldado. Sua atividade era conduzida à toda força, sem exaustão ou saciedade; seu gosto e seu gênio encontraram valiosa expressão em cada um dos modos que os seres humanos inventaram para aprisionar e manifestar o espírito da beleza; a bondade de seu coração tornara-o incansável na condução dos seus pares ao bem-estar; seu magnífico espírito e suas aspirações pelo respeito e pelo amor da humanidade, eram postos em marcha; verdade, sua exaltação era temporária; talvez era melhor que assim fosse. O hábito não embotaria seu senso de apreciação do poder; nem as batalhas, o desapontamento e a derrota esperariam pelo seu fim, que se expiaria em seu apogeu. Ele determinara-se a extrair tudo da glória, do poder e do sucesso, o que poderia resultar em um longo reinado no qual seu Protetorado de três anos se transformaria.

Raymond era eminentemente social. Tudo o que ele agora apreciava seria vazio de prazer se não fosse em comunhão. Mas em Perdita ele possuía tudo o que seu coração poderia desejar. Seu amor originou a simpatia; sua inteligência permitia-a compreendê-lo com apenas uma palavra; os poderes de seu intelecto capacitavam-na a ajudá-lo e guiá-lo. Ele sentia o valor dela. Durante os primeiros anos de sua união, o desequilíbrio do temperamento dela e sua ainda livre vontade própria, que descoloria seu caráter, eram pequenos obstáculos à totalidade de seu sentimento. Agora que a perene serenidade e a gentil concordância eram agregadas às outras qualificações dela, seu respeito igualava-se ao seu amor. Os anos somaram-se à rigidez da união. Eles não adivinhavam, o colapso a caminho, a maneira como agradar, desejando, ainda que temendo, a continuidade da ventura. Cinco anos deram uma sóbria certeza às suas emoções, embora não roubassem delas sua natureza etérea. Esta havia lhes dado uma criança; mas não se

furtara das atrações pessoais da minha irmã. A timidez, que nela quase resultava em falta de jeito, foi trocada por uma graciosa decisão de modos; a franqueza, ao invés da reserva, caracterizava sua fisionomia; e sua voz era afinada pela excitada suavidade. Ela tinha agora vinte e três anos, no orgulho da feminilidade, executando as preciosas tarefas de esposa e de mãe, possuída de tudo o que seu coração sempre ansiava. Raymond era dez anos mais velho; à sua beleza anterior, feitos nobres e aspecto de liderança somou-se à mais gentil benevolência, uma vitoriosa ternura e uma incansável atenção ao desejos de outrem.

O primeiro segredo que existia entre eles eram as visitas de Raymond à Evadne. Ele estava surpreso pela força e pela beleza da desafortunada grega; e, quando sua ternura constante por ele desdobrou-se por si só, ele perguntou surpreendido por quais atos era merecedor de seu amor apaixonado e não retribuído. Ela era, por um momento, o único alvo de seus devaneios; e Perdita logo apercebeu-se que seus pensamentos e seu tempo eram investidos em um tema do qual ela não participava. Minha irmã era, por natureza, destituída dos sentimentos comuns de ciúme ansioso e petulante. O tesouro que ela possuía, na forma das afeições de Raymond, era mais necessário ao seu ser do que o sangue que corria em suas veias – ela poderia dizer, mais apropriadamente do que Otelo,

Quando tiver dívida

Quero a prova^[31].

Na presente ocasião, ela não suspeitava de qualquer alienação da afeição; mas imaginava que alguma circunstância ligada ao seu alto cargo ocasionara tal mistério. Ela estava alarmada e dolorida. Ela começou a contar os longos dias e meses e anos que deveriam se passar, antes que ele retornasse a um cargo privado e sem reservas para ela. Ela não estava contente que, mesmo por algum tempo, ele escondesse algo dela. Ela frequentemente reclamava; mas confiava em que a unicidade das afeições dele estava inalterada; e, quando estavam juntos, sem serem detidos pelo medo, ela abria seu coração ao mais total prazer.

O tempo passou. Raymond, interrompendo sua desabalada carreira, pausou para, subitamente, considerar as consequências. Dois resultados mostraram-se na perspectiva que ele tinha do futuro. Que seu relacionamento com Evadne continuasse secreto ou fosse revelado à Perdita. A pobre condição e os sentimentos altamente elaborados de sua amiga evitavam que ele pensasse em abandoná-la. No primeiro caso, ele oferecera um eterno adeus para a franca conversa e a toda simpatia com a companheira de sua vida. O véu deve ser mais delgado do que o inventado pelo ciúme turco; o muro, mais alto do que a insuperável torre de Vathek^[32], que deveria ocultar dela os trabalhos de seu coração e esconder de sua visão o segredo das ações dele. Essa ideia era intoleravelmente dolorosa para ele. A franqueza e os sentimentos sociais eram a essência da natureza de Raymond; sem elas, suas qualidades tornavam-se lugar comum; sem estas, para espargir a glória sobre seu relacionamento com Perdita, sua vangloriada troca de um trono pelo seu amor era tão fraca e vazia quanto as tonalidades de um arco-íris, que se desfazem quando o sol se põe. Mas não havia remédio. Gênio, devoção e coragem; os adornos de sua mente e as energias de sua alma, todas exortavam à sua extrema resistência, não poderiam fazer voltar, nem pela distância de um fio de cabelo, as rodas da carruagem do tempo; pois o que

acontecera estava escrito com a pena adamantina da realidade, no duradouro livro do passado; nem poderiam a agonia e as lágrimas ser suficientes para limpar um A do ato cometido.

Mas esta era a melhor parte da questão. O que seria resolvido, se as circunstâncias levassem Perdita a suspeitar, e ela suspeitasse? As fibras de seu corpo relaxaram-se e um suor frio brotou em sua testa, com essa ideia. Muitos homens poderiam zombar deste temor; mas ele lia o futuro; e a paz de Perdita era muito cara a ele, sua muda agonia certa e muito sobressaltada, não para desanimá-lo. Seu destino estava para ser rapidamente decidido. Se o pior ocorresse; se ela soubesse da verdade, ele não poderia suportar suas reprovações ou a angústia em sua aparência alterada. Ele poderia renunciá-la e à Inglaterra, seus amigos, os cenários de sua juventude, as esperanças do tempo por vir, ele buscaria outro país e em outros cenários recomeçaria a vida. Tendo assim se decidido, ele acalmou-se. Ele planejou guiar com prudência os ganhos do destino por meio de um desvio do caminho que escolhera e dedicou todos os seus melhores esforços para esconder o que ele não poderia alterar.

A perfeita confiança que existia entre Perdita e ele produzia uma comunicação intensa entre eles. Abriam um as cartas do outro, mesmo quando, até agora, o mais íntimo recanto do coração de cada um era revelado ao outro. Uma carta chegou de repente, Perdita leu-a. Se ela contivesse a confirmação, teria sido aniquilada. Do jeito em que estava, trêmula, fria e pálida, ela buscou por Raymond. Ele estava só, examinando algumas petições apresentadas ultimamente. Ela entrou em silêncio, sentou-se em um sofá oposto a ele e encarou-o com um olhar de tal desespero que os selvagens gritos e os urgentes lamentos seriam exibições domadas de tristeza, comparados à vívida encarnação da própria coisa que ela apresentava.

Primeiramente, ele não tirou os olhos de seus papéis; quando ergueu-os, ele abateu-se pela ruína manifestada em seu rosto alterado; por um momento ele esqueceu das suas próprias decisões e medos e perguntou com consternação – “Minha cara jovem, o que foi, o que aconteceu?”

“Nada”, ela replicou de início; “e ainda, há algo”, ela continuou, atropelando seu discurso; “você tem segredos, Raymond; onde você tem estado ultimamente, quem você tem visto, o que você oculta de mim? – por que fui banida de sua confiança? Ainda, isso não é tudo – não pretendo encurralá-lo com perguntas – uma basta – serei eu uma infeliz?”

Com a mão trêmula, ela deu-lhe o papel e sentou-se branca e imóvel olhando-o enquanto ele lia. Reconhecera a caligrafia de Evadne e ruborizou-se. Com a velocidade da luz, ele tomou ciência do conteúdo da carta; tudo agora estava lançado à sorte; a falsidade e o artifício eram insignificantes ante a iminente ruína. Ele eliminaria as suspeitas de Perdita por completo ou a abandonaria para sempre. “Minha cara jovem”, ele disse, “tenho culpa; mas você deve me perdoar. Errei ao planejar esconder algo; mas o fiz para poupar-lhe da dor; e cada dia tornava-se mais difícil para mim mudar meu plano. Além disso, fui instigado pela delicadeza em relação à infeliz autora destas poucas linhas.”

Perdita conteve a respiração: “Bem”, ela gritou, “bem, continue!”

“Isto é tudo – essa carta diz por completo. Estou colocado em difíceis circunstâncias. Fiz o meu melhor, embora talvez eu tenha errado. Meu amor por você é inviolável.”

Perdita balançou sua cabeça em dúvida: “Não pode ser”, ela disse, “eu sei que não é. Você enganar-me-ia, mas não serei enganada. Eu perdi-o, perdi a mim mesma, minha vida!”

“Você não acredita em mim?”, disse Raymond com arrogância.

“Para acreditar em você”, ela exclamou, “eu desistiria de tudo e faleceria em alegria para que,

morta, eu pudesse sentir que você foi sincero – mas não pode ser!”

“Perdita”, continuou Raymond, “você não vê o precipício no qual posiciona-se. Você pode crer que não entrei em minha atual linha de conduta sem relutância e dor. Eu sabia que era possível que suas suspeitas pudessem ser excitadas; mas confiei que minha própria palavra as dissipariam. Construí minha esperança em sua confiança. Você acha que eu seria questionado e minhas réplicas desdenhosamente ignoradas? Você acha que eu seria suspeito, talvez observado, interrogado e desacreditado? Eu ainda não descí tão baixo; minha honra ainda não foi tão manchada. Você amou-me; eu adorei-lhe. Mas todos os sentimentos humanos chegam ao seu fim. Deixe sua afeição expirar – mas não a deixe ser substituída pela desconfiança e recriminação. Até este momento, fomos amigos – amantes – não deixe que nos tornemos inimigos, espiões mútuos. Não posso viver como um objeto de suspeita – você não acredita em mim – separemos-nos!”

“Exatamente, então”, exclamou Perdita, “eu sabia que isso acabaria assim! Já não estamos separados? Já não uma corrente, ampla como um oceano, profunda como um vácuo, abre-se entre nós?”

Raymond ergueu-se, sua voz quebrada, seu rosto convulsionado, sua maneira calma como uma atmosfera balançada por um terremoto, replicou: “Regozijo-me que você tome minha decisão tão filosoficamente. Sem dúvida você interpretará o papel de uma esposa ferida para que seja admirada. Às vezes, você poderá ser ferida pelo sentimento de que se equivocou comigo, mas a condolência de seus parentes, a dó do mundo, a complacência de sua própria inocência imaculada atenuará a dor, será um excelente bálsamo – a mim, você nunca mais verá!”

Raymond caminhou em direção da porta. Ele esquecera-se de que todas as palavras que dissera eram falsas. Ele fingira sua suposição de inocência que até se enganara. Não tivessem os atores chorado, enquanto exibiram uma paixão imaginada? Um sentimento mais intenso da realidade da ficção possuía a Raymond. Ele falara com orgulho; ele sentia-se ferido. Perdita olhou-o; discerniu seu olhar nervoso; as mãos dele estavam na fechadura da porta. Ela levantou-se, jogando-se no seu pescoço, ela respirava com dificuldade e soluçava; ele pegou sua mão e, levando-a ao sofá, sentou-se próximo dela. Sua cabeça caíra em seu ombro, ela tremia, alternando fogo e gelo por entre seus membros: observando sua emoção, ele falou com suavidade:

“A decisão foi tomada. Não partirei odiando-a; - eu devo muito à você. Devo-lhe seis anos de pura felicidade. Mas já se passaram. Eu não viverei sob a marca da suspeita, o objeto do ciúme. Eu amo-a muito. Apenas em separação eterna poderemos esperar pela dignidade e pela propriedade de ação. Não devemos nos alienar de nosso verdadeiro caráter. A fé e a devoção foram, até agora, a essência de nosso relacionamento; - perdas, não nos agarremos à estéril casca da vida, a cobertura unicelular. Você tem sua criança, seu irmão, Idris, Adrian” –

“E você”, exclamou Perdita, “a autora dessa carta”.

Uma indignação incontrolável surgiu nos olhos de Raymond. Ele sabia que a acusação era, no mínimo, falsa. “Acalente esta crença”, ele exclamou, “abraça-a em seu coração – faça dela seu travesseiro, uma anestesia para seus olhos – estou contente. Mas, pelo Deus que me fez, o inferno não é mais falso do que a palavra que acabou de proferir!”

Perdita estava surpresa com a seriedade desapaixonada de sua assertividade. Ela replicou com honestidade, “Não me furto a crer em você, Raymond; pelo contrário, prometo a depositar fé

implícita em cada palavra sua. Apenas assegure-me de que seu amor e sua fé para comigo nunca foram violados; e a suspeita e a dúvida e o ciúme desaparecerão de uma vez. Devemos continuar como sempre temos feito, um coração, uma esperança, uma vida.”

“Eu já lhe assegurei minha fidelidade”, disse Raymond com arrogante frieza, “tripas alegações de nada adiantam onde alguém é desprezado. Nada mais direi; pois nada mais posso acrescentar ao que já disse, ao que você desdenhosamente pôs de lado. Esta contenda não vale a ambos de nós; e confesso que estou cansado de replicar à acusações infundadas e maldosas.”

Perdita tentou ler sua feição, ao que ele se virou, com ira. Havia tanta verdade e naturalidade em seu ressentimento que as dúvidas dela desfizeram-se. Seu rosto, que por anos não exibira um sentimento alienado da afeição, tornou-se outra vez radiante e satisfeito. Porém, foi-lhe difícil acalmar e reconciliar-se com Raymond. A princípio, ele recusou-se a sentar-se com ela. Mas ela não desistia; segura de seu inalterado amor, ela desejava se submeter a qualquer trabalho, usar qualquer recurso para minimizar sua raiva. Ela obteve uma audiência, ele sentou-se em arrogante silêncio, mas ouviu. Primeiro, ela assegurou-lhe de sua irrestrita confiança; disso ele deveria estar cômico, já que se não fosse por isso, ela não buscaria fazer com que ele ficasse. Ela enumerou os anos de felicidade; ela trouxe perante ele cenas de intimidade e felicidade; ela pintou sua vida futura, mencionou sua filha – lágrimas indesejadas agora enchiam seus olhos. Ela tentou dispersá-las, mas se recusavam a ser interrompidas – sua fala engasgava-se. Ela não chorara antes. Raymond não podia resistir a tais sinais de sofrimento: sentiu-se, talvez, um pouco envergonhado do papel de homem ferido que interpretara, ele que era, na verdade, o causador da ferida. E então ele devotamente amou Perdita; a inclinação da sua cabeça, seus cachos brilhantes, as curvas de sua forma eram, para ele, sujeitos de profunda ternura e admiração; enquanto ela falava, seus tons melódiosos adentravam sua alma; ele logo suavizou-se, confortando-a e a acariciando-a, e enganando-se com a crença de ele nunca a tomara por mal.

Raymond afastara-se cambaleante dessa cena, como um homem poderia fazer se tivesse sido torturado e jurasse a próxima sessão. Ele havia pecado contra sua própria honra, ao afirmar, em tom de juramento, uma direta falsidade; a verdade era que ele tinha trapaceado uma mulher e, portanto, ser considerado como inferior – por outros – não por ele; - pois quem ele enganou? - a sua confiante, devotada, afetuosa, a sua própria Perdita, cuja fé generosa esfolara-o duplamente quando ele lembrara o alarde da inocência com a qual fora extraída. A mente de Raymond não era tão fortemente forjada ou tão rudemente manuseada, nas circunstâncias da vida, para fazê-lo imune a estas considerações – pelo contrário, ele era muito corajoso; seu espírito era puro fogo, que se extingue e se retrai a cada contágio da acre atmosfera: mas agora o contágio havia se incorporado em sua essência e a mudança era ainda mais dolorosa. A verdade e a falsidade, o amor e o ódio, perderam suas fronteiras naturais, o céu apressara-se em se mesclar com o inferno; enquanto sua sensível mente, agora o campo para tal batalha, estava preso à loucura. Ele odiou-se de coração, estava com raiva de Perdita e a ideia de Evadne era-lhe atraída por tudo o que era repulsivo e cruel. Suas paixões, sempre seus mestres, adquiriram nova força, despertando do longo sono em que o amor as havia embalado, o pungente peso do destino inclinava-o; ele era conduzido à força e torturado, intensamente impaciente pela pior das misérias, o sentimento de remorso. Esse turbulento estado cedeu aos poucos à uma lenta animosidade e depressão dos espíritos. Seus subordinados, mesmo seus iguais, se ele tivesse algum em relação ao seu posto, assustavam-se ao encontrar a ira, o ridículo e a amargura em

alguém antes distinto pela sua suavidade e benevolência de modos. Ele executava suas tarefas públicas com desgosto e fugia delas para a solidão que era, de uma vez só, seu veneno e seu alívio. Ele montava um rápido cavalo, que o carregara pelas suas vitórias na Grécia; ele fatigava-se com exercícios extremos, esvaindo as convulsões de uma turbulenta mente nas sensações de um animal.

Ele recuperou-se lentamente; ainda, por fim, como alguém pode, com os efeitos de um veneno, ele ergueu sua cabeça para além dos vapores da febre e da paixão, e atingiu a sublime atmosfera da calma reflexão. Ele meditou sobre o que era mais apropriado a ser feito. Ele primeiro surpreendeu-se pelo tempo que se passara, desde que a loucura, ao invés de qualquer impulso calculado, regulara suas ações. Ele atravessara um mês sem ver Evadne. O poder dela, que estava ligado às poucas das emoções resistentes de seu coração, havia decaído imensamente. Ele já não era mais seu escravo – nem mais seu amante; ele nunca mais a veria e, pela totalidade de seu retorno, mereceria a confiança de Perdita.

Ainda, como ele assim determinara, a imaginação evocava a miserável residência da jovem grega. Um lar que por nobre e alto princípio, ela recusara trocar por um de maior luxo. Ele pensou no esplendor de sua situação e aparência quando viu-a pela primeira vez; pensou em sua vida em Constantinopla, servida por todas as circunstâncias da magnificência oriental; em sua atual penúria, seu trabalho diário, seu estado deplorável, seu rosto esvaído e devastado pela fome. A compaixão expandiu-se em seu peito; ele vê-la-ia outra vez; ele criaria algum plano para recuperá-la à sociedade e a apreciação de sua posição; e sua separação então se seguiria, como consequência.

Novamente considerou como, durante aquele mês, ele evitara Perdita, fugindo dela como se fossem os ferrões de sua própria consciência. Mas ele despertara agora; tudo aquilo deveria ser remediado; e a futura devoção apagaria a memória desta tormenta única na serenidade de suas vidas. Ele tornara-se feliz, enquanto se lembrava daquilo e sóbria e decididamente delimitou a linha de conduta que adotaria. Ele lembrou-se de que prometera à Perdita estar presente, naquela mesma noite (19 de outubro, aniversário de sua eleição como Protetor), em um festival dado à sua honra. Tal festival deveria ser um bom augúrio da felicidade dos anos futuros. Primeiro, ele veria Evadne; não ficaria; mas ele devia a ela alguma responsabilidade, alguma compensação por sua longa e desapercibida falta; e então a Perdita, para o mundo esquecido, para os deveres da sociedade, o esplendor da posição, o regozijo do poder.

Após a cena descrita nas páginas anteriores, Perdita contemplou uma mudança completa nas maneiras e na conduta de Raymond. Ela esperava liberdade de diálogo e um retorno ao hábito do afetuoso relacionamento que formara o prazer de sua vida. Mas Raymond não se unia à ela em nenhuma de suas diversões. Ele realizava os trabalhos do dia à parte dela; ele saía e ela não sabia para onde. A dor impingida por tal desapontamento era tormentosa e penetrante. Ela via- como um sonho enganoso e tentou se desfazer de sua consciência; mas como a camisa de Nísio [\[33\]](#), ele agarrava-se à sua própria carne e devorava com aguda agonia seus elementos vitais. Ela possuía (embora uma assertiva como essa possa parecer um paradoxo) uma capacidade de felicidade que poucos tinham. Sua delicada organização e imaginação criativa faziam-na peculiarmente suscetível de prazerosa emoção. O abundante calor de seu coração, ao fazer do amor uma planta de profundas raízes e grande estatura, havia afinado toda a sua alma para

receber a felicidade, quando ela encontrou em Raymond tudo o que poderia adornar o amor e satisfazer sua imaginação. Mas se o sentimento no qual o tecido de sua existência baseava-se tornara-se comum por meio da participação, a sucessão sem fim das atenções e da graciosa ação entrecortada pela transferência, seu universo de amor destituído dela, a felicidade então fugiria e seria trocada pelo seu oposto. As mesmas peculiaridades de caráter produziam suas magoadas agonias; sua fantasia aumentava-as, sua sensibilidade tornava-a sempre aberta às suas renovadas impressões; o amor envenenava o ferrão que perfurava seu coração. Não havia nem submissão, paciência ou autoabandono em sua tristeza; ela combatia-o, revolvía-se por entre ele e fazia com que cada convulsão tornasse-se mais aguda pela resistência. A ideia vinha-lhe intermitente, a de que ele amava outra. Ela fez-lhe justiça; ela acreditou que ele sentia uma terna afeição por ela; mas granjear-lhe um irrisório prêmio a ele que, em alguma loteria da qual sua vida dependia, era calculada na base de dezenas de milhares, desapontá-lo-ia mais do que nada. A afeição e a amizade de Raymond poderiam ser inestimáveis; porém, além da afeição, mais profundo do que a amizade, estava o indivisível tesouro do amor. Considere a soma em sua totalidade e nenhuma aritmética poderia calcular seu preço; dela, subtraía sua menor porção, não dê o nome das partes, separe-as em graus e em seções e, como a moeda de um mágico, o ouro de tolo, tudo transforma-se na mais vil substância. Há um significado no olhar do amor; uma cadência em sua voz, seu sorriso é contagioso, o talismã de seus encantos que apenas um pode possuir; seu espírito é de elementos, sua essência, única, sua divindade, una. Os corações e as almas de Raymond e Perdita estavam misturados, assim como dois riachos que descem a montanha e juntam-se durante o caminho, murmurantes e borbulhantes entre seixos brilhantes ao lado de flores estrelares; mas deixe que um reviva seu curso original ou que seja maldito por uma barragem, e o outro estia-se em suas margens alteradas. Perdita tinha consciência da queda da maré que alimentava sua vida. Incapaz de suportar o lento secar de suas esperanças, de súbito compôs um plano, resolvida a terminar de uma vez seus dias de tristeza e levar a um final feliz os últimos e desastrosos eventos.

O aniversário tinha como objetivo exaltar Raymond em sua condição de Protetor; e era costume celebrar esse dia com um esplêndido festival. Uma variedade de sentimentos levou Perdita a derramar dupla magnificência sobre o local; porém, enquanto ela aprontava-se para a noite de gala, perguntou-se, considerando as dores que sofrera, porque fazer uma suntuosa celebração de um evento que lhe parecia ser a causa de seus sofrimentos. Lamentos recaem sobre o dia, ela pensou, lamentos, lágrimas e luto caem sobre a hora, que deram a Raymond outra esperança além do amor, outro desejo que senão minha devoção; e três vezes seja feliz o momento em que ele voltar para mim! Deus sabe que confiei em suas promessas e acreditei em sua reafirmada fé – fosse não por isso e eu não empreenderia o que estou a fazer. Outros dois anos mais devem se seguir, cada dia somando-se ao nosso distanciamento, cada ato empilhando-se na barreira que nos separa? Não, meu Raymond, meu único amor, única posse de Perdita! Nessa noite, durante essa esplêndida reunião, nestas suntuosas câmaras e na beleza de sua lacrimosa garota, estejamos todos unidos para celebrar sua abdicação. Uma vez, por mim, você refutou a probabilidade de uma coroa. Isso foi nos dias do tenro amor, quando eu podia apenas conter a esperança e não a certeza da felicidade. Agora você já saboreou tudo o que posso lhe dar, a devoção do coração, um amor puro e uma determinada sujeição a você. Você deve escolher entre eles e seu protetorado. Essa, orgulhoso nobre, será a sua última noite! Perdita

investira naquela noite tudo de magnífico e ofuscante que seu coração mais ama – mas, a partir destas belas salas, dos principescos convidados, do poder e da elevação, você deve retornar com o sol de amanhã ao seu lar rural; pois eu não obteria a imortalidade da alegria se mais uma semana transcorresse como a última.

Meditando sobre seu plano e determinada que, quando a hora chegasse, ela proporia e insistiria em seu pedido, segura de seu consentimento, o coração de Perdita iluminou-se, ou melhor, exaltou-se. Seu rosto foi irrigado com a expectativa do momento final; seus olhos faiscavam com a esperança de triunfo. Tendo jogado sua sorte ao destino e sentindo-se certa da vitória, ela, a quem eu nomeara a dona de uma estampa de rainha das nações em seu nobre rosto, agora elevado à humanidade, parecia em calmo poder para lutar com um dedo contra a roda do destino. Ela nunca antes parecera tão supremamente amável.

Nós, os Arcadianos pastores dessa história, pretendíamos estar presentes à esta festividade, mas Perdita escreveu-nos pedindo que não comparecêsemos ou para nos ausentarmos de Windsor; pois ela (embora não nos revelasse seu plano) resolvera com Raymond regressar ao nosso convívio, para então renovar o curso da vida no qual ela encontrara toda a felicidade. Mais tarde, naquela noite, ela entrou nos cômodos designados para o festival. Raymond partira do palácio na noite anterior; ele havia prometido agradecer a reunião, mas ainda não retornara. Ela ainda estava certa de que voltaria; e quanto mais o vão parecia se abrir com a crise, mais ela assegurava-se de que o fecharia para sempre.

Era, como havia dito, o dia dezoito de outubro; o outono estava avançado e sombrio. O vento uivava; as árvores meio desnudas estavam despojadas do que restava dos seus ornamentos de verão; o estado do ar, que resultava na queda da vegetação, era hostil à alegria e à esperança. Raymond inflara-se pela decisão que tomara; mas, com o cair do dia, seus espíritos também declinavam. Primeiro, tinha de visitar Evadne e, então, apressar-se para o palácio do Protetorado. Enquanto caminhava pelas decadidas ruas da vizinhança onde residia a desafortunada grega, seu coração afligia-se com a direção de sua conduta para com ela. No início, por sua aquiescência em um acordo que a manteria naquele estado de degradação; e, depois, após um curto e violento sonho, deixando-a em terrível solidão, em ansiosa espera e, ainda em amarga – e desapontada expectativa. Como ela vivera, como ela suportara sua ausência e rejeição? A luz fazia-se opaca naquelas estreitas ruas e quando a bem conhecida porta abrira-se, a escada estava envolvida em noite perfeita. Ele subira tateando, entrou no sótão e encontrou Evadne estendida, muda, quase sem vida em sua arruinada cama. Ele chamou pelas pessoas que moravam ali, mas não obteve nenhuma informação, pois ninguém sabia de nada. Sua história era clara para ele, clara e distinta como o remorso e o horror que alvejavam suas contorções em sua direção. Quando ela encontrou-se abandonada por ele, perdera o ânimo de seguir com seu trabalho de sempre; o orgulho proibiu-a de pedir ajuda a ele; a fome foi-lhe bem-vinda como um bondoso porteiro das portas da morte, cujas dobras abriam-se para que ela, sem pecado, repousasse adentro. Nenhuma criatura aproximou-se dela, enquanto suas forças esvaíam-se.

Se ela morresse, onde mais poderia ser encontrado um assassino, cujo cruel ato se compararia a esse? Que demônio mais desapiedado em sua destruição, que alma maldita mais propensa à perdição! Mas ele não se reservou ante tal agonia de autorreprovação. Ele pediu socorro médico; as horas passaram-se, à deriva em seu profundo suspense; à escura e longa noite outono seguiu-se o dia, antes de sua vida estar fora de perigo. Ele então levou-a para uma habitação mais

confortável e rondava-a intermitentemente, para se assegurar de que ela estava segura.

Em meio ao suspense e ao temor, nesse evento, ele lembrou-se do festival dado em sua honra, por Perdita; em sua honra, então, quando a tristeza e a morte estavam afixando desgraça indelével ao seu nome, a honra para aquele que merecia o cadafalso; era a pior ironia. Ainda assim, Perdita esperá-lo-ia; ele escreveu algumas palavras incoerentes em um pedaço de papel, assegurando de que ele estava bem e pediu à mulher da casa para que levasse o papel ao palácio e entregasse-o para a esposa do Lordeee Protetor. A mulher, que não o conhecia, desdenhosamente perguntou como ela poderia entrar no palácio, especialmente em uma noite festiva e estar na presença da dama. Raymond deu-lhe seu anel para assegurar o respeito dos serviçais. Assim, enquanto Perdita entretinha seus convidados e esperava ansiosamente a chegada de seu senhor, seu anel chegou às suas mãos; e ela ouviu que uma pobre mulher tinha um recado para entregar-lhe, do seu portador.

A vaidade dos velhos rumores elevou-se pelo recado que recebera, que, por sinal, ela não compreendera, visto que não suspeitava de que o visitante de Evadne era Lordee Raymond. Perdita temeu que ele tivesse caído de seu cavalo ou outro acidente similar – até que as respostas da mulher levantaram outros medos. Por um sentimento de evasão cegamente exercitado, a clandestina, se não maligna, mensageira não mencionou a doença de Evadne; mas ela descreveu em detalhes as frequentes visitas, somando à sua narração tais circunstâncias que, embora tenha convencido Perdita de sua veracidade, exagerou a maldade e a perfídia de Raymond. Pior de tudo, sua ausência do festival, sua mensagem totalmente irresponsável, exceto pelas desgraçadas alusões da mulher, pareceram-lhe o mais mortal dos insultos. Mais uma vez olhou para o anel, um pequeno rubi, parecido com um coração, que ela o havia presenteado. Observou a caligrafia, a qual ela não podia se enganar e repetiu para si mesma as palavras – “Não permita, eu encarrego-lhe, eu rogo, que os convidados perguntem-se sobre minha ausência”: o momento em que a velha bruxa continuou a falar, preenchendo seu ouvido com uma estranha mescla de verdade e falsidade. Por fim, Perdita dispensou-a.

A pobre garota voltou à reunião, onde sua ausência não fora percebida. Passou furtivamente para um recesso um pouco obscuro e, apoiando-se em uma coluna ornamental, tentou se recuperar. Suas faculdades vacilavam. Ela deixou-se olhar para umas flores que estavam próximas, em um vaso entalhado: arrumara-as naquela manhã, eram plantas raras e belas; mesmo agora, completamente chocada como estava, ela observava suas cores brilhantes e os formatos de estrelas. – “Divinas folhas do espírito da beleza”, ela exclamou, “não murchais, nem lamentais; o desespero que se aferra a meu coração ainda não vos contagiará! Pois não sou parceira em sua insensibilidade nem compartilho de sua calma!”

Ela parou. “Minha tarefa”, continuou mentalmente, “é não deixar meus convidados perceberem a realidade, assim como eu ou ele a vemos. Obedeço; não perceberão, embora eu morrerei assim que partirem. Devem observar os antípodas do que é real – para o que eu aparentarei viver – enquanto estou – morta.” A situação exigia todo seu autocontrole, para suprimir o jorro de lágrimas autopiedosas causada por tal ideia. Após muitos conflitos, ela vencera e retornou à companhia dos convivas.

Todo o seu trabalho agora era dirigido a dissimular seu conflito interno. Ela tinha de interpretar o papel de uma anfitriã cortês; atender a todos; brilhar no foco do regozijo e da graça. Ela tinha de fazer isso, enquanto em profundo lamento, ela ansiava pela solidão e teria trocado com prazer

suas salas lotadas pelas profundezas escuras da floresta ou um sombrio grotão, escuro como a noite. Mas ela alegrara-se. Ela não podia se manter normal ou, como de seu costume, placidamente contente. Todos comentaram sua exalação de espíritos; como todas as ações parecem-se graciosas aos olhos da elite, seus convidados cercavam-na com aplausos, embora houvesse uma agudeza em seu riso e uma súbita interrupção em suas tiradas, que poderiam ter traído seu segredo para um observador atento. Ela continuou, sentindo que, se pausasse por um momento, as águas contidas da tristeza inundariam sua alma, que suas esperanças naufragadas elevariam seus lamentos e aqueles que agora entoavam seu choro e provocavam suas tiradas teriam afundado no medo pelo seu desespero compulsivo. Seu único consolo durante a violência que ela provocava em si mesma era observar os movimentos de um iluminado relógio e contava internamente os momentos que deveriam passar até que pudesse estar sozinha.

Por fim, as salas começaram a esvaziar-se. Zombando de seus próprios desejos, ela continha os convidados que saíam cedo. Um a um, eles deixaram-na – por fim, ela apertou a mão do último visitante. “Como sua mão está fria e úmida”, disse seu amigo; “você está muito cansada, presa fácil do sono”. Perdita sorriu entorpecida – seu convidado deixou-a; a carruagem descendo a rua assegurou a despedida final. Então, como se perseguida por um inimigo, como se tivesse asas nos pés, ela voou para seu quarto, dispensou seus serviçais, trancou as portas e jogou-se violentamente ao chão, mordendo seus lábios até sangrarem para reprimir seu choro e tornou-se uma presa para o abutre do desespero, lutando para não pensar, enquanto multitudinárias ideias faziam de seu coração um lar; e ideias, horríveis como as fúrias^[34], cruéis como víboras e derramavam-se em tão rápida sucessão que pareciam empurrar e ferir a si mesmas, enquanto a conduziam à loucura.

Finalmente, ela ergueu-se, mais composta, mas não menos miserável. Ficou de frente a um enorme espelho – ela fitava sua imagem refletida; seu leve e gracioso vestido, as joias que prendiam seu cabelo e rodeavam seus belos braços e seu pescoço, seus pequenos pés calçados em seda, suas tranças profusas e brilhantes, eram para o seu rosto convulsionado e para sua feição de dispensados lamentos como uma bela moldura para um retrato escuro como a tempestade. “Eu sou um vaso”, ela pensou, “um vaso cheio da essência mais urgente do desespero. Adeus, Perdita! Adeus, pobre garota! Nunca mais você verá a si dessa forma; o luxo e a riqueza não mais lhe pertencem; no excesso de sua pobreza você poderá invejar o mendigo de rua; sua mais verdadeira sem um lar! Vivo em um estéril pesadelo que, amplo e interminável, não traz frutos nem flores; no meio, há uma pedra solitária à qual, Perdita, estás acorrentada, e verás o horizonte estender-se abominavelmente distante.”

Ela abriu a janela, que dava para os jardins do palácio. A luz e a escuridão travavam combate, e o oriente estava traçado por raios rosas e dourados. Uma estrela tremulava única na profundidade da inflamável atmosfera. O ar matinal soprava frescamente sobre as orvalhadas plantas e irrompeu o quarto aquecido. “Tudo passa”, pensou Perdita, “tudo segue, decai e perece! Quando a noite passar e o cansado dia tiver conduzido seu time para as estâncias do ocidente, os fogos do Paraíso erguer-se-ão do Leste, movendo-se em sua órbita costumeira, subindo e descendo a montanha celeste. Quando seu curso for preenchido, o indicador começará a projetar para o oeste uma sombra incerta; as pálpebras do dia abrem-se e os pássaros e as flores, a vegetação assustada e a brisa fresca despertam; o sol aparece por fim e, em procissão majestosa, escala o

capitólio do céu. Tudo segue, muda e morre, exceto o sentimento de tristeza em meu lancinante coração.

“Ah, tudo segue e muda: por que estranhar então que o amor tenha caminhado até se pôr e que o senhor de meu coração transformara-se? Chamamos de fixas as luzes celestiais, ainda que vagueiem por uma planície mais distante e, se olho novamente para onde olhei há uma hora, o rosto do eterno firmamento já se alterou. A tola lua e os planetas inconstantes variam a cada noite em sua dança errante; o próprio sol, soberano no céu, desce de seu trono intermitentemente e deixa seu domínio para a noite e o inverno. A natureza envelhece e treme em seus membros decadentes – a criação tornou-se dismanteladora! Nenhuma surpresa então que o eclipse e a morte conduziram à destruição da luz de tua vida, Oh Perdita!”

CAPÍTULO X

ASSIM, tristes e desarrumados eram os pensamentos de minha pobre irmã, quando ela assegurou-se da infidelidade de Raymond. Todas as suas virtudes e todos os seus defeitos trataram de fazer com que o golpe fosse incurável. Sua afeição por mim, seu irmão, por Adrian e por Idris eram-lhe caros como se fossem pela paixão reinante em seu coração; mesmo sua ternura maternal emprestava metade de sua força do prazer em que ela tinha em identificar os traços e a expressão de Raymond nas feições da criança. Ela fora reservada e mesmo hostil em sua infância; mas o amor suavizara as asperezas de seu caráter e sua união com Raymond fizera com que seus talentos e afeições revelassem-se; uma traída, aquela perdida, ela em algum grau retornara ao seu antigo temperamento. O orgulho concentrado de sua natureza, esquecido durante seu abençoado sonho, despertara e com o ferrão de uma víbora perfurou seu coração; a humildade de seu espírito aumentara o poder do veneno; ela estivera inflada pela sua própria estima enquanto distinguida pelo amor dele: o que ela valia agora, quando ele destituira-a de sua preferência? Ela fora orgulhosa por ter vencido e conservado-o – mas outra conquistara-o dela e sua exaltação era tão fria quanto a brasa apagada com água.

Nós, em nosso retiro, permanecíamos completamente ignorantes de seu infortúnio. Logo após o festival, ela buscara sua filha e, então, parecia ter-nos esquecido. Adrian observou uma mudança durante a visita que ele depois fez a ela; mas ele não nos podia dizer sua extensão ou adivinhar sua causa. Eles ainda apareciam em público juntos e viviam sob o mesmo teto. Raymond era cortês como sempre, embora houvesse, em determinadas ocasiões, uma inevitável arrogância ou uma dolorosa interrupção em suas maneiras, que assustavam sua gentil amiga; seu rosto era tranquilo, porém havia desdém em seus lábios e sua voz era áspera. Perdita era muito bondosa e atenciosa com seu senhor; mas ela estava silenciosa e mais triste do que as palavras proferidas. Ela emagrecera e estava pálida; e seus olhos às vezes enchiam-se de lágrimas. Frequentemente, ela olhava para Raymond, como se dissesse – Devia ser assim, então! Para os outros, sua feição expressava – Eu ainda farei tudo o que puder para fazê-lo feliz. Mas Adrian lia com incerta intenção o caráter em seu rosto e poderia se enganar. – Clara estava sempre ao lado dela e ela parecia quase sempre tranquila, quando, em um canto obscuro, ela sentava-se segurando a mão de sua filha, silenciosa e solitária. Ainda assim, Adrian era incapaz de descobrir a verdade; ele rogou que eles nos visitassem em Windsor e prometeram vir no mês seguinte.

Era maio quando chegaram: a estação aparelhara as árvores da floresta com folhas e suas trilhas com flores mil. Soubemos de sua intenção um dia antes; e, cedo pela manhã, Perdita chegara com sua filha. Raymond logo seguiu-las-ia, ela disse; ficara por motivos de trabalho. Influenciado pelo relato de Adrian, eu esperava encontrá-la triste; mas, ao contrário, ela estava em seu melhor humor: com efeito, ela estava magra, seus olhos eram como se ocos e seu rosto afundado, embora tingido por um rubor brilhante. Ela tinha prazer em nos ver; acariciava nossos filhos, elogiava seu crescimento e aprimoramento; Clara também deliciava-se ao reencontrar seu jovem amigo Alfred; todos os tipos de jogos infantis eram praticados, dos quais Perdita tomava parte. Ela comunicava sua alegria para nós e, enquanto nos divertíamos no Castelo Terrace, parecia que um grupo mais feliz e menos despreocupado não poderia ser reunido.

“Aqui é melhor, mamãe”, disse Clara, “do que estar naquela infima Londres, onde você chora com frequência e nunca ri como aqui”. – “Silêncio, tolinha”, replicou sua mãe, “e lembre-se de que quem mencionar Londres será enviado a Coventry por uma hora.”

Logo após, Raymond chegou. Ele não se juntou ao costumeiro bom humor dos demais; mas, ao entabular conversação com Adrian e eu mesmo, aos poucos nos separávamos de nossas companheiras e apenas Idris e Perdita continuavam com as crianças. Raymond falou de seus novos edifícios; de seu plano de erigir a melhor educação para os pobres; como sempre, Adrian e ele começaram a discutir e o tempo passou desapercibido.

Juntamo-nos outra vez à noite e Perdita insistiu em que recorrêssemos à música. Ela queria, disse-nos, dar uma amostra de sua nova conquista; pois desde que estava em Londres, ela aplicara-se à música e cantava, sem muito poder, mas com uma elevada dose de doçura. Ela não nos permitiu escolher nenhuma melodia que não fosse suave; e todas as óperas de Mozart foram entoadas, que podemos escolhemos como as mais revigorantes para os seus ares. Entre os demais atributos transcendentais da música de Mozart, está aquele ao qual nenhuma outra música iguala-se, o de vir diretamente do coração; adentra-se pelas paixões expressadas por ele e somos transportados com tristeza, alegria, ira ou confusão, conforme ele, mestre de nossa alma, escolhe nos inspirar. Por algum tempo, o bom humor manteve-se; mas, por fim, Perdita deixara o piano, pois Raymond juntara-se no trio de “Taci ingiusto core”, em Don Giovanni, cujo sofisticado pedido ele suavizava com ternura e espicçou seu coração com as memórias do passado diferente; era a mesma voz, o mesmo tom, os próprios sons e palavras de si mesmo, que frequentemente ela as havia recebido como uma homenagem do amor que tinha por ela – mas agora já não era isso; e essa harmonia sonora com sua dissonância de expressão penetrou-a com arrependimento e desespero. Logo depois de Idris, que tocava harpa, começou a tocar a apaixonada e melancólica ária de Figaro, “Porgi, amor, qualche risforo”, na qual a abandonada Condessa lamenta a mudança da hipócrita Almaviva. A alma de terna mágoa exalava-se em sua tensão; e a doce voz de Idris, mantida pelos lamentosos acordes de seu instrumento, somava-se à expressão das palavras. Durante o patético apelo com o qual a ária conclui-se, um soluço contido chamou nossa atenção para Perdita, o fim da música trouxe-a de volta para si mesma e ela saíra apressada da sala – eu segui-a. No início, ela pareceu desejar se ver livre de mim; e então, cedendo ao meu honesto questionamento, ela jogou-se em meu pescoço e chorou em voz alta: - “Mais uma vez”, exclamou, “mais uma vez em seu peito amigo, meu amado irmão, a desorientada Perdita pode despejar suas mágoas. Eu impus-me a lei do silêncio e por meses cumpri-a. Erro ao chorar agora e maior erro cometo ao expressar minha tristeza. Não falarei! Que lhe seja suficiente saber que sou miserável – baste-lhe saber que o manto pintado da vida está rasgado, que eu sento-me para sempre cercada de escuridão e mágoa, que a tristeza é minha irmã e, meu companheiro, o eterno lamento!”

Tentei consolá-la; não lhe fiz perguntas! Mas acariciava-a, seguro de minha mais profunda afeição e meu intenso interesse em mudar a sua fortuna: - “Queridas palavras”, ela exclamou, “expressões de amor que chegam aos meus ouvidos como os recuperados sons de uma música esquecida, que me foi querida. Elas são vãs, eu sei; extremamente vãs em seu esforço de aliviar-me ou confortar-me. Prezado Lionel, você não pode adivinhar o quanto sofri nestes longos meses. Sei de choradeiras em dias há muito idos, que se vestiam em buréis, espargiam pó sobre suas cabeças, comiam seu pão misturado com cinzas e faziam seu lar no topo de montanhas

desertas, reprovando o céu e a terra aos gritos pelos seus infortúnios. Por que isso é o verdadeiro luxo da mágoa! Assim, alguém poderia seguir, dia após dia, planejando novas extravagâncias, satisfazendo-se na parafernália de lamentos, unido a todos os pertences do desespero. Ah! Devo para sempre ocultar a ruína que me consome. Devo tecer um véu de deslumbrante falsidade para esconder minha tristeza dos olhos vulgares, apumar meu rosto e pintar meus lábios com sorrisos enganosos - mesmo na solidão não ousou pensar o quão perdida estou, para não me tornar insana e furiosa.”

As lágrimas e a agitação de minha pobre irmã fizeram com que sua descompostura retornasse ao círculo onde estávamos – então convenci-a de me permitir levá-la pelo parque; e, durante o passeio, induzi-a a confidenciar-me a história de sua infelicidade, fantasiando que falar sobre isso atenuaria sua carga e certo de que, se houvesse um remédio, ele seria encontrado e guardado para ela.

Muitas semanas transcorreram desde o festival do aniversário e ela era incapaz de acalmar sua mente ou de subjugar seus pensamentos ao ritmo normal. Às vezes, reprovava-se por levar tudo com extremo amargor, o que poderia fazer muitos imaginar um mal imaginário; mas isso era desnecessário à razão; e, ignorante como ela estava sobre os motivos e da real conduta de Raymond, tudo se lhe revestia de uma aparência ainda pior do que a realidade garantia. Ele raramente estava no palácio; nunca, a menos quando tinha certeza de que suas tarefas públicas evitariam que se encontrasse sozinho com Perdita. Quase nunca se falavam, evitando explicações, cada um temendo qualquer comunicação que o outro pudesse fazer. De repente, porém, os modos de Raymond mudaram; ele parecia ansiar por encontrar oportunidades de restaurar a bondade e a intimidade com minha irmã. A maré de amor parecia fluir em sua direção novamente; ele nunca poderia esquecer o quanto já fora devotado a ela, fazendo-a seu trono e o receptáculo onde guardava cada pensamento e cada sentimento. A partir do momento em que Perdita havia se recuperado suficientemente para elaborar um plano de ação, ela o fizera e parecia pronta para segui-lo. Ela recebeu esses símbolos de amor regresso com gentileza; ela não evitava sua companhia, mas manobrou para colocar um obstáculo na maneira de relacionamento familiar ou dolorosa discussão, cujo orgulho mesclado com pena fez com que Raymond não pudesse vencê-lo. Ele começou, por fim, a dar mostras de irada impaciência e Perdita entendeu que o sistema que ela tinha adotado não poderia perdurar; ela deveria se explicar a ele; ela não conseguia reunir coragem para falar – então, escreveu:

“Leia esta carta com paciência, eu rogo-lhe. Ela não contém reprovações. Reprovação, sem dúvida, é uma palavra inútil: pelo que deveria eu reprovar-lhe?

“Permita-me, até certo ponto, expor meus sentimentos; sem o que, continuaremos os dois a tatear no escuro, um errando o outro; perdidos no caminho que deve levar; pelo menos um de nós, a um modo de vida mais apropriado do que o que temos vivido nestas últimas semanas.

“Eu amei-o – eu amo-o – nem a ira e nem o orgulho me ditam estas linhas; mas um sentimento além, mais profundo e mais permanente do que ambos. Minha afeição está ferida; é impossível saná-la: - pare então com o esforço em vão, se para isso tendem suas manobras. Perdão! Retorno! Quão inúteis são essas palavras! Eu perdoo a dor que me aflige; mas o caminho trilhado não pode ser recuperado.

“A afeição comum poderia ter sido satisfeita com práticas comuns. Eu acreditei que lera meu coração e que soubesse de minha devoção e de sua inalienável fidelidade para com você. Nunca amei ninguém além de você. Você apareceu como a personificação de meus sonhos mais apaixonados. O elogio dos homens, o poder e as altas aspirações eram os objetivos de sua carreira. O amor por você investiu o mundo, para mim, em uma luz encantada; já não era mais a terra que eu pisara – a terra, mãe comum, rendendo apenas a monótona e insossa repetição de objetos e circunstâncias antigas e desgastadas. Eu vivia em um templo glorificado pelo mais intenso senso de devoção e arrebatamento; eu caminhava, um ser consagrado, contemplando apenas seu poder, sua excelência;

Pois você, Oh, ao meu lado, como minha juventude,

Transformou por mim o real em sonho,

Revestindo o palpável e o comum

Com o dourado renascer da aurora. [\[35\]](#)

‘O viço desapareceu de minha vida’ [\[36\]](#) – *não há uma manhã que suceda esta noite que a tudo abarca; nenhum nascer do sol para o poente do amor. Naqueles dias, o resto do mundo era nada para mim: todos os outros homens – eu nunca os considerei ou os senti como eram; nem olhei para você como um deles. Separado deles; exaltado em meu coração; único possuidor de minha afeição; objeto solitário de minhas esperanças, a melhor metade de mim mesma.*

“Ah, Raymond, não éramos felizes? O sol não brilhava sobre nós, quem mais poderia apreciar sua luz com bem-aventurança mais intensa, mais pura? Não era - não é a comum infidelidade que eu repilo. É a desunião de um todo que pode não ser separado; é a displicência com que você sacudiu o manto da eleição que, para mim, você vestia e tornou-se assim um entre muitos. Não sonhe em mudar isso. Não é o amor uma divindade, por ser imortal? Não pareço eu santificada, até para mim mesma, por ter este amor como templo meu coração? Eu observava-o enquanto dormia e desfazia-me em lágrimas, enquanto a ideia de que tudo o que eu possuía adormecia neste idolatrado, porém mortal, corpo à minha frente, preenchia minha mente. Porém, ainda assim, eu continha traiçoeiros medos com um pensamento; eu não temia a morte, pois as emoções que nos ligavam deveriam ser imortais.

“E ainda agora eu não temo a morte. Eu devo estar grata por fechar meus olhos e nunca mais abri-los outra vez. E, ainda, eu temo-a; assim como temo todas as coisas; pois em qualquer estado presa pela corrente da memória, como esta, a felicidade nunca retornaria – mesmo no Paraíso, eu devo sentir que seu amor era menos resistente do que os batimentos mortais do meu frágil coração, cada pulso do qual badala com fulgor,

A nota funeral

Não – não – miserável eu; pois para amor extinto não há ressurreição!

“Ainda, eu amo-o. Porém, e para sempre, eu contribuiria com tudo o que possuo para o seu bem-estar. Por um mundo cheio de rumores; pelo bem da minha – nossa filha, eu permaneceria com você, Raymond, compartilharia seu destino, seguiria seus conselhos. Deve ser assim? Já não somos mais amantes; nem eu posso me considerar amiga de alguém; pois, perdida como estou, todos os meus pensamentos concentram-se em minha arruinada e absorvida pessoa. Mas me agradará vê-lo a cada dia! Ouvir a voz pública reverenciando-o; manter seu amor paternal pela nossa filha; ouvir sua voz; saber que estou próxima a você, embora já não seja mais meu.

“Se você desejar romper as correntes que nos unem, basta dizer e isso será feito – eu assumirei toda a culpa sozinha, de dureza ou maldade, aos olhos do mundo.

“Ainda, como eu lhe disse, seria agraciada, ao menos para o momento, em viver sob o mesmo teto que você. Quando a febre da minha jovem vida desvanecer; quando a plácida idade domar o abutre que me devora, a amizade poderá surgir, estando o amor e a esperança mortos. Será isso verdade? Poderá minha alma, inextricavelmente ligada a este corpo perecível, tornar-se letárgica e fria, mesmo quando este sensível mecanismo perder sua jovem elasticidade? Então, com olhos opacos, cabelos grisalhos e rosto enrugado, embora agora as palavras soem vazias e sem sentido, então, tateando à beira do túmulo, eu possa ser – sua afetuosa e verdadeira amiga,

“PERDITA.”

A resposta de Raymond foi breve. O que mais ele poderia responder às suas reclamações, às mágoas que ela ciumosamente empilhara, mantendo à parte de qualquer ideia de socorro. “Apesar de sua amarga carta”, ele escreveu, “pois de amarga eu devo chamá-la, você é a pessoa primordial em minha estima e é a sua felicidade que eu devo principalmente consultar. Faça o que melhor aprouver-lhe; e se puder ser grata a um modo de vida do que de outro, não deixe que eu seja um obstáculo. Prevejo que o plano detalhado em sua carta não resistirá por muito tempo; mas você é a soberana de si mesma e é meu desejo sincero contribuir o quanto permitir-me para a sua felicidade.”

“Raymond profetizou bem”, disse Perdita, “ah, que assim seja! Nosso modo de vida atual não poderia continuar mais, embora eu não serei a primeira a propor mudanças. Ele vê a mim como alguém que ferira de morte; e eu não espero por sua bondade; nenhuma alteração será trazida mesmo pelas suas melhores intenções. Assim como Cleópatra usara como ornamento o vinagre que continha sua pérola dissolvida, estarei contente com o amor que Raymond pode me oferecer.”

Estou certo de que não vi seu infortúnio com os mesmos olhos de Perdita. Pareceu-me que tudo, sob quaisquer hipóteses, poderia ser remediado; e, se permanecessem juntos, assim seria. Tratei então de aliviar e atenuar sua mente; e não foi até seguidas tentativas que dei a tarefa como impraticável. Perdita ouvia-me com impaciência e respondia com certa aspereza: – “Você acha que todos estes argumentos são novos para mim? Ou que meus ardentes desejos e intensa

angústia não os sugeriram mil vezes, com muito mais ansiedade e sutileza do que você põe? Lionel, você não pode compreender o que é o amor de uma mulher. Nos dias de felicidade, eu frequentemente repetia para mim mesma, com um alegre coração e um espírito exultante, tudo o que Raymond sacrificou por mim. Eu era pobre, iletrada, solitária, montanhesa, tirada do nada por ele. Tudo o que eu possuía dos luxos da vida vieram dele. Ele deu-me um nome ilustre e uma nobre posição; o respeito do mundo refletido de sua própria glória: e tudo isso junto com o seu próprio amor imortal, inspirava-me sensações idênticas ao que temos para com o Doador da vida. Eu dei-lhe apenas amor. Devotei-me para ele; eu era uma criatura imperfeita e trabalhei duro para tornar-me valiosa para ele. Vigiei meu temperamento difícil, subjuguiei minha cáustica impaciência de caráter, enriqueci meus pensamentos repetitivos, educando-me à melhor perfeição que pudesse atingir para que os frutos dos meus esforços pudessem ser sua felicidade. Eu não tenho méritos por isso. Ele merece tudo – todo o labor, toda a devoção, todo o sacrifício; eu teria subido uma montanha alpina intransponível para colher uma flor que o agradasse. Eu estava pronta a abandonar vocês todos, meus amados e prendados companheiros, para viver apenas com ele, para ele. Eu não poderia fazer o contrário, mesmo que quisesse; pois se dizem que temos duas almas, ele era a minha melhor, da qual a outra era uma escrava eterna. Ele devia-me somente uma coisa em troca, a fidelidade. Eu conquistara-a; eu merecia-a. Como eu nascera nas montanhas, desacostumada com os nobres e os ricos, deve ele pensar em retribuir-me um nome e uma posição vazios? Deixe-o tomá-los de volta; sem seu amor não são nada para mim. Seu único mérito, aos meus olhos, é que são dele.”

Assim discorreu apaixonadamente Perdita. Quando referi-me à questão da sua separação, ela replicou: “Que assim seja! Um dia o fim chegará; eu sei, eu sinto. Mas nisso, eu sou covarde. Esta companhia imperfeita e nossa aparência de união são estranhamente caras para mim. É doloroso, eu admito, destrutível, impraticável. Mantém uma febre perpétua em minhas veias; corrói minhas incuráveis feridas; instila-lhes veneno. Ainda devo me agarrar a isso; talvez mate-me logo, realizando assim um grato trabalho.”

Enquanto isso, Raymond permanecera com Adrian e Idris. Ele estava naturalmente sincero; a nossa contínua ausência tornou-se notada; e Raymond logo encontrou alívio do peso nos últimos meses com uma confiança irrestrita em seus dois amigos. Ele contou-lhes a situação na qual encontrara Evadne. Primeiramente, em respeito a Adrian, ele ocultara-lhe seu nome; mas dissera-o no decorrer de sua narrativa e seu antigo enamorado ouviu com a mais aguda agitação a história de seus sofrimentos. Idris compartilhava da má opinião de Perdita sobre a grega; mas o relato de Raymond atenuou-a e atraiu seu interesse. A constância de Evadne, sua força, mesmo seu amor irregular e desafortunado eram objetos de admiração e pena; especialmente quando, a partir dos detalhes do dia dezanove de outubro, era aparente que ela escolhia o sofrimento e a morte a qualquer, pelos seus olhos, degradante pedido de ajuda pela comiseração e assistência do seu amante. Sua conduta subsequente não diminuía seu interesse. A princípio, aliviada da fome e da morte, cuidada por Raymond com a mais terna assiduidade, com o sentimento de repouso peculiar da convalescença, Evadne rendeu-se à arrebatada gratidão e amor. Mas a reflexão retornou com sua saúde. Ela indagava-o sobre os motivos que ocasionaram sua crítica ausência. Emoldurava seu questionamento com a sutileza dos gregos; tirou suas conclusões com a decisão e a firmeza peculiares ao seu temperamento. Ela não poderia adivinhar que o abismo que ela havia ocasionado entre Raymond e Perdita já era irreparável; mas ela sabia que se alargava a cada

dia, no presente sistema e que a consequência seria destruir a felicidade de seu amante e implantar as convulsões do remorso em seu coração. Desde o momento em que ela percebera a correta linha de conduta, resolvera adotá-la e deixar Raymond para sempre. Paixões conflitantes, um amor há muito acalentado e o desapontamento autoimpingido fizeram-na considerar apenas a morte como o refúgio suficiente para seus lamentos. Mas os mesmos sentimentos e opiniões que a tinham contido antes, agiram com força redobrada; pois ela sabia que a certeza de que ele ocasionara sua morte iria acompanhá-lo para sempre, envenenando cada alegria, obscurecendo cada prospecto. Além disso, embora a violência de sua angústia tenha feito sua vida odiosa, ainda não havia produzido o senso monótono e letárgico da miséria imutável que, para os demais, leva ao suicídio. A energia do seu caráter ainda induzira-a a combater as mazelas da vida; mesmo aquelas que compõem o amor desesperançado apresentaram-se, na forma de um adversário a ser vencido em vez de um vitorioso a quem ela devesse se submeter. Também, ela tinha memórias de ternuras passadas a acalantar, sorrisos, palavras e mesmo lágrimas, para contar como vantagens que, embora lembradas em solidão e em mágoa, eram preferidas ao esquecimento do túmulo. Era impossível adivinhar seu plano por completo. Sua carta à Raymond não permitiu descobrir nenhuma pista; ela assegurava-o de não estar em perigo por necessitar dos meios de vida; ela prometera-lhe se preservar e em algum dia futuro, talvez apresentar-se a ele em uma condição melhor. Ela então pediu-lhe, com a eloquência do desespero e por um amor imutável, um último adeus.

Todas essas circunstâncias eram agora relatadas para Adrian e Idris. Raymond então lamentou o incurável mal de sua situação com Perdita. Ele declarava, apesar da severidade dela, que mesmo ele chamava de frieza, que a amava. Ele estivera pronto, uma vez, com a humildade de um penitente e a obrigação de um vassalo, a render-se a ela; entregando sua própria alma à sua tutela, para se tornar seu pupilo, seu escravo, seu servidor. Ela rejeitara tais avanços; e o momento para tamanha exuberante submissão, que deve ser fundado no amor e nutrido por ele, passara. Ainda que todos os seus desejos e esforços fossem dirigidos para a paz dela e seu grande desconforto nascera da percepção de que ele esforçara-se em vão. Se ela continuasse inflexível em sua linha de conduta que agora seguia, eles deveriam se separar. As combinações e as ocorrências deste insensível modo de relacionamento o estavam levando à loucura. Ainda, ele não proporia a separação. Ele era perseguido pelo medo de causar a morte de uma ou de outra implicada nesses eventos; e ele não poderia se persuadir a tomar o rumo dos eventos, a menos que, ignorante das terras nas quais viajava, devesse levar aqueles em seu carro para a ruína irremediável.

Após uma discussão sobre esse tema, que durou muitas horas, ele despediu-se de seus amigos e voltou para a cidade, não querendo encontrar Perdita em nossa frente, cômico, como todos nós deveríamos estar, dos pensamentos à tona na mente de ambos. Perdita preparava-se para segui-lo com sua filha. Idris tentou persuadi-la a ficar. Minha pobre irmã olhava para a conselheira com aflição. Sabia que Raymond conversara com ela; teria ele incentivado tal pedido? – Seria esse o prelúdio para a eterna separação? – Eu disse que os defeitos de seu caráter despertaram e revigoraram-se com sua posição artificial. Ela considerou com suspeição o convite de Idris; abraçou-me, como se estivesse a se privar também de minha afeição; chamando-me de mais do que irmão, seu único amigo, sua única esperança, ela pateticamente implorou para que eu não cessasse meu amor por ela; e com crescente ansiedade partiu para Londres, o cenário e a causa

de toda a sua miséria.

As cenas que transcorreram convenceram-na de que ela ainda não havia penetrado totalmente no obscuro golfo para o qual fora atraída. Sua infelicidade assumia, a cada dia, uma nova forma; cada dia, um evento inesperado parecia se encerrar quando, na verdade, seguia adiante no encadeamento de calamidades que caíam sobre ela.

A paixão selecionada pela alma de Raymond era a ambição. Talento em prontidão, uma capacidade de adentrar e liderar os temperamentos dos homens; um honesto desejo de distinção despertavam e nutriam sua ambição. Mas outros ingredientes mesclavam-se a estes e evitavam que ele transformasse-se no caráter calculista e determinado, que por si só forma um herói vitorioso. Ele era obstinado, mas não firme; benevolente em seus primeiros movimentos; severo e incansável quando provocado. Acima de tudo, ele não sentia remorso e não cedia na busca de qualquer objeto de desejo, embora ilegal. O amor do prazer e as atenuantes sensibilidades de sua natureza, compunham uma parte proeminente em sua natureza, conquistando o conquistador; contendo-o no momento da aquisição; destruindo a teia da ambição; fazendo-o esquecer do trabalho de semanas, por um momento de indulgência do novo e atual objeto de desejo. Obedecendo a esses impulsos, ele tornara-se o marido de Perdita; nascido deles, ele encontrara-se enamorado de Evadne. Agora, ele tinha perdido ambas. Ele não tinha a nobre autocongratulação, que a constância inspira, para consolá-lo, nem o voluptuoso senso de abandono para com uma paixão proibida, mas tóxica. Seu coração estava exausto pelos últimos acontecimentos; seu regozijo da vida destruíra-se com o ressentimento de Perdita e a fuga de Evadne; e a inflexibilidade da primeira colou o último selo sobre a aniquilação de suas esperanças. Enquanto sua desunião era um segredo, ele acalentava uma expectativa de reanimar a antiga ternura em seu peito; agora que todos nós estávamos a par dessas ocorrências, e que Perdita, declarando suas resoluções aos outros, de certa maneira comprometendo-se com a sua realização, ele desistira da ideia de reunião por achá-la fútil e buscava apenas, já que era incapaz de influenciá-la à mudança, reconciliar-se com o presente estado das coisas. Ele fez um voto contra o amor e seu encadeamento de batalhas, desapontamento e remorso, e procurava apenas o contentamento de seus sentidos, um remédio para os ferinos acessos da paixão.

O rebaixamento de caráter era a consequência certa de tais objetivos. Ainda que os desdobramentos não fossem imediatamente observáveis, se Raymond continuasse a se dedicar à execução de seus planos para o benefício público e ao cumprimento suas tarefas como Protetor. Mas, extremo em tudo, rendido pelas impressões imediatas, ele lançou-se com ardor em sua nova busca por prazer e acompanhou as intimidades incongruentes ocasionadas por ela sem reflexão ou previsão. A câmara de conselho estava vazia; as multidões que compareciam perante ele como agentes dos seus vários projetos eram rejeitadas. A festividade, e mesmo a libertinagem, tornaram-se a ordem do dia.

Perdita observava com aflição a crescente desordem. Por um momento, ela pensou que poderia interromper a torrente e que Raymond pudesse ser levado à razão por ela. – Vã esperança! O momento de sua influência já havia passado. Ele ouvia com arrogância, replicava com desprezo; e, na verdade, se ela tivesse tido êxito em despertar sua consciência, o único efeito seria que ele procuraria uma distração para a convulsão tumultuosa e em esquecimento. Com a energia que lhe era natural, Perdita então tentou suprir seu posto. A ainda aparente união permitia-a fazer muito; mas nenhuma mulher poderia, no final, apresentar um remédio para a

crescente negligência do Protetor; que, como se capturado por um paroxismo de insanidade, esmagava todas as cerimônias, toda a ordem, todas as tarefas e retirava-se em licença.

Relatos destes procedimentos estranhos chegavam a nós e não nos decidíamos por um método para devolver nosso amigo a si mesmo e ao país, quando Perdita, de súbito, surgiu entre nós. Ela detalhou o progresso da lamentada mudança e pediu a Adrian e a mim para irmos à Londres e tentarmos remediar o crescente mal: - “Diga-lhe”, ela exclamou, “diga a Lordes Raymond que minha presença não mais o perturbará. Que ele não precisa mais prender-se à esta destrutiva dissipação para desapontar-me e fazer-me fugir. Seu propósito já foi obtido; ele nunca mais me verá. Mas deixe, e este é meu último pedido, deixe-me, nos elogios de seus compatriotas e na prosperidade da Inglaterra, encontrar a predileção de minha juventude justificada.”

Durante nossa viagem para a cidade, Adrian e eu consideramos e discutimos a conduta de Raymond e a queda de suas esperanças de se manter em permanente excelência, que ele nos dera anteriormente como causa para acalantar. Meu amigo e eu havíamos sido educados em uma escola, ou melhor, eu era seu pupilo na opinião de que a rígida aderência aos princípios era o único caminho para a honra; a observação incessante das leis de utilidade geral, o único objetivo consciente da ambição humana. Mas embora cultivássemos essas ideias, diferíamos em sua aplicação. O ressentimento também adicionava um ferrão à minha censura; e eu reprovava a conduta de Raymond em termos severos. Adrian era mais condescendente, mais ponderado. Ele admitia que os princípios que eu detalhara eram os melhores; mas refutava que eram os únicos. Como diz o texto, “na casa de meu pai há muitas moradas”^[38], ele insistia que os modos para se tornar bom ou grande variavam tanto quanto o temperamento dos homens, de quem se podia dizer, como as folhas na floresta, não há dois parecidos.

Chegamos à Londres por volta das onze da noite. Supomos, apesar do que tínhamos ouvido, que encontraríamos Raymond em Saint Stephen; disparamos para lá. A câmara estava cheia - mas não estava lá o Protetor; e havia um austero e descontente manifesto nas feições dos líderes, e um sussurrante e denso rumor entre os subordinados, não menos alvissareiro. Apressamo-nos para o palácio do Protetorado. Encontramos Raymond em sua sala de jantar, com seis mais; a garrafa estava sendo empurrada com felicidade e fizemos consideráveis questionamentos sobre a compreensão de um ou dois. Aquele sentado próximo a Raymond contava uma história que fazia os demais contorcer-se em risos.

Raymond sentava-se entre eles, contudo, embora ele entrasse no espírito do momento, sua natural dignidade nunca o abandonava. Ele estava alegre, brincalhão, fascinante - mas nunca transgrediu a modéstia da natureza ou o respeito devido a si mesmo, em suas mais selvagens tiradas. Todavia eu sabia, que considerando a tarefa da qual Raymond imbuíra-se como Protetor da Inglaterra e as exigências que passaram a ser suas obrigações, estava excessivamente instigado a observar os inúteis companheiros com quem seu tempo era desperdiçado, e o jovial, senão embriagado, espírito que parecia a ponto de roubar-lhe de suas melhores condições. Permaneci a olhar a cena, enquanto Adrian rapidamente deslizava como uma sombra entre eles e, por uma palavra e olhar de sobriedade, conseguiu instaurar a ordem na reunião. Raymond expressava-se deliciado por vê-lo, declarando que ele deveria se juntar à festividade da noite.

Tal ação de Adrian provocou-me. Eu indignara-me ao ver que ele pudesse se sentar na mesma mesa com os companheiros de Raymond - homens de caracteres abandonados, ou melhor,

despojados, o refugio do luxo dos bem-nascidos, a desgraça de seu país. “Deixe-me rogar, Adrian”, exclamei, “que não aceite; melhor juntar-se a mim na tentativa de retirar Lordee Raymond desta cena e uni-lo a outros companheiros.”

“Meu bom companheiro”, disse Raymond, “esta não é a hora e nem o lugar para pregar um sermão moral: creia que minhas diversões e meus companheiros não são tão maus assim quanto você imagina. Não sejamos hipócritas nem tolos – para os demais, ‘Não penses que, por serdes virtuoso, não haverá mais bolo nem bebidas?’^[39]”

Virei-me irado: “Verney”, disse Adrian, “você está sendo muito cínico: sente-se; senão, talvez, por você não ser um visitante frequente, Lordee Raymond assentirá e nos acompanhará, como havíamos anteriormente concordado, ao parlamento.”

Raymond olhou com gratidão para ele; ele podia ler a boa vontade apenas em seus traços gentis; virou-se para mim, observando com escárnio meu comportamento mal-humorado e rígido. “Venha”, disse Adrian, “eu prometi por você, faça com que eu seja capaz de cumprir minha promessa. Venha conosco.” – Raymond fez um desconfortável movimento e laconicamente replicou: “Não irei.”

O grupo, entretantes, havia se dispersado. Olhavam para os quadros, vagavam pelas demais dependências, falavam de bilhar, e um a um, saíram. Raymond, furioso, andava a esmo pela sala. Permaneci pronto a receber e a responder suas invectivas. Adrian encostou-se contra a parede. “Isto é infinitamente ridículo”, ele exclamou, “se vocês fossem estudantes, não poderiam agir mais inconsequentemente.”

“Vocês não entendem”, disse Raymond. “Isto é parte apenas de um sistema: - um esquema opressor ao qual nunca me renderei. Porque sou o Protetor da Inglaterra, serei o único escravo deste império? Minha privacidade invadida, minhas ações censuradas, meus amigos insultados? Mas ver-me-ei livre de tudo isso. – Sejam vocês testemunhas” e ele tirou a estrela do peito, insígnia do cargo e jogou-a na mesa. “Renuncio ao meu cargo, abduco de meu poder – assumo quem o queira!”

“Deixe-o assumir”, exclamou Adrian, “quem possa se pronunciar ou quem o mundo possa pronunciar como seu superior. Não existe um homem na Inglaterra com adequada pretensão. Conheça a si mesmo, Raymond e sua indignação cessará; sua complacência retornará. Poucos meses antes, sempre que rezávamos pela prosperidade de nosso país ou da nossa própria, ao mesmo tempo rezávamos pela vida e pelo bem-estar do Protetor, como se estivessem indissolivelmente vinculados. Suas horas eram devotadas para o nosso benefício, sua ambição era a de obter o nosso sucesso. Você decorou nossas cidades com edifícios, você investiu-nos de úteis estabelecimentos, você abençoou o solo com abundante fertilidade. Os poderosos e os injustos acovardaram-se nos degraus do seu tribunal e os pobres e os oprimidos ergueram-se como flores despertadas pela manhã sob o brilho fulgurante de sua proteção.

“Você pode se perguntar por que estamos deprimidos e lamentosos, quando isso parece mudar? Mas, venha, este acesso melancólico já passou; retome suas funções, seus partidários o celebrarão; seus inimigos serão silenciados; nosso amor, nossa honra e incumbência se manifestarão novamente em você. Contenha-se, Raymond e o mundo lhe será sujeito.”

“Tudo isso seria de muito bom senso, se dirigido a outro”, disse Raymond, de mau humor, “aproveite a lição você mesmo, e você, o primeiro igual da terra, poderá se tornar seu soberano.

Você, o bom, o sábio, o justo, poderá subjugar todos os corações. Mas eu percebo, rápido demais para a minha felicidade, tarde demais para o bem da Inglaterra, que eu me encarreguei de uma tarefa da qual sou incapaz. Não posso me dominar. Minhas paixões são minhas mestras; meu menor impulso, meu opressor. Você acha que eu renunciei ao Protetorado (sim, eu renunciei) em um acesso de irritação? Pelo Deus que vive, eu juro que nunca mais pagarei este zircônio outra vez; nunca mais carregarei o peso do cuidado e da miséria, dos quais é o mais visível sinal.

“Uma vez desejei ser rei. Era no auge da minha juventude, no orgulho da vaidade adolescente. Eu conhecia-me quando renunciei a isso. E o fiz para conquistar – independentemente do que – pois isso também perdi. Por muitos meses submeti-me a esta zombada majestade – esta solene piada. Não mais serei seu alvo. Serei livre.

“Perdi o que adornava e dignificava minha vida; aquilo que me unia a outros homens. Novamente sou um homem solitário; e me tornarei, novamente, como em meus tenros anos, um andarilho, um mercenário. Meus amigos, como Verney, eu sinto que você é meu amigo, não tentem demover minha decisão. Perdita, casada com uma abstração, não se importa com o que se esconde atrás do véu, cujo rosto é culpado e vil. Perdita renunciou a mim. Com ela, era como interpretar o papel de um soberano; e, como nos recessos de nossa floresta, interpretamos sob máscaras e imaginávamos-nos como pastores Arcadianos, para satisfazer a fantasia do momento – então eu era feliz, mais por Perdita do que por mim mesmo, para conduzir o personagem de um dos maiores da terra; para levá-la para além das cenas de grandiosidade, para mudar sua vida com um curto ato de magnificência e poder. Isso era para ser a cor; o amor e a confiança, a substância de nossa existência. Mas devemos viver e não interpretar nossas vidas; perseguindo a sombra, eu perdi a realidade – e agora, renuncio a ambas.

“Adrian, estou prestes a retornar para a Grécia, tornar-me novamente um soldado, talvez um conquistador. Quer me acompanhar? Você observará novos cenários; verá um novo povo; testemunhará o aguerrido combate que lá se trava entre civilização e barbárie; observe e talvez dirija os esforços de uma população nova e vigorosa rumo à liberdade e à ordem. Venha comigo. Eu aguardo-o. Esperei por este momento; tudo está preparado; - você me acompanhará?”

“Sim”, replicou Adrian. “Imediatamente?”

“Amanhã, caso queira.”

“Refлита!”, exclamei.

“Para quê?”, perguntou Raymond. “Meu caro amigo, nada mais tenho feito senão refletir sobre esse ponto por todo o verão; e esteja certo de que Adrian condensou uma era de reflexão nesse momento. Não fale de reflexão; a partir de agora eu esconjuro-a; esta é minha única circunstância de felicidade durante um longo intervalo de tempo. Devo ir, Lionel – os Deuses assim querem; e eu devo. Não tente me privar de meu companheiro, o amigo do êxule.

“Uma palavra mais sobre a má e injusta Perdita. Por um tempo, pensei que, por observar um momento de concordância, tentando reavivar as ainda ardentes brasas, eu poderia reacender nela a chama do amor. É mais frio dentro dela do que um fogo deixado por ciganos no inverno, o carvão gasto coroado por uma pirâmide de neve. Então, na tentativa de cometer violência contra o meu próprio temperamento, eu fiz tudo ainda pior do que antes. Entretanto eu penso, que o tempo e mesmo a ausência, podem trazê-la de volta para mim. Lembre-se de que eu ainda a amo, que minha esperança mais querida é a de que ela ainda pode ser minha. Eu sei, embora ela

não, quão falso é o véu que ela abriu sobre a realidade – não tentar retirar essa cobertura enganosa, mas retirá-la aos poucos. Presentei-a com um espelho, no qual ela possa se conhecer; e, quando ela for iniciada nesta necessária, mas complexa ciência, ela se maravilhará com seu erro atual e se apressará a devolver-me o que é meu de direito, seu perdão, seus pensamentos afetuosos, seu amor.”

CAPÍTULO XI

APÓS estes eventos, muito tempo se passou antes que pudéssemos ser capazes de obter qualquer grau de compostura. Uma tempestade moral fizera naufragar nosso navio ricamente carregado, e nós, remanescentes da reduzida tripulação, estávamos chocados com as perdas e a tolerância pelas quais tínhamos passado. Idris amava apaixonadamente seu irmão e mal podia tolerar uma ausência cuja duração era incerta; a companhia dele era cara e necessária para mim – eu havia seguido minhas seletas ocupações literárias com prazer, sob sua tutela e assistência; sua suave filosofia, sua razão infalível e entusiástica amizade eram os melhores ingredientes, o espírito exaltado de nosso círculo; mesmo as crianças lamentaram amargamente a perda de seu bondoso companheiro de folguedos. Tristeza maior oprimira Perdita. Apesar do ressentimento, dia e noite ela imaginava os trabalhos e os perigos dos andarilhos. Raymond ausente, lutando contra as dificuldades, despojado do poder e da elite do Protetorado, exposto aos perigos da guerra, tornou-se um objeto de ansioso interesse; não que ela sentisse inclinações de chamá-lo, se isso fosse implicar em um retorno à antiga união. Tal retorno ela achava ser impossível; e enquanto ela assim acreditava e com angústia lamentava que assim tinha de ser, continuava irada e impaciente com ele, que ocasionara sua miséria. Estas perplexidades e lamentos faziam com que ela banhasse seu travesseiro de lágrimas noturnas e reduziram-na em pessoa e em mente à uma sombra do que ela já tinha sido. Ela buscava a solidão e evitava-nos quando, em alegria e incontida afeição, encontrávamos-nos em um círculo familiar. Solilóquios solitários, intermináveis caminhadas a esmo e a música solene eram suas únicas diversões. Ela rejeitara até mesmo sua filha; isolando seu coração de toda a ternura, ela estava mais reservada comigo, seu primeiro e melhor amigo.

Eu não poderia vê-la senão perdida, sem que eu mesmo tentasse remediar o mal – irremediável eu sabia, se eu não pudesse, no final, reconciliá-la com Raymond. Antes que ele partisse, eu usei de todos os argumentos, toda a persuasão para induzi-la a interromper sua jornada. Ela respondeu com um jorro de lágrimas – dizendo-me que para ser persuadida – a vida e suas benesses eram uma troca barata. Não era a vontade que ela desejava, e sim a capacidade; ela declarava, uma vez e então novamente, que era mais fácil encadear o mar, colocar rédeas nas direções invisíveis do vento, do que interpretar a verdade como falsidade, engano por honestidade e comunhão sem coração por um amor sincero e confidente. Ela respondia ao meu raciocínio mais brevemente, declarando com desdém que a razão era dela; e, até que eu pudesse persuadi-la de que o passado podia ser desfeito, de que a maturidade podia voltar ao berço e de que tudo o que era podia se tornar o que nunca fora, era inútil assegurá-la de que nenhuma mudança realmente havia ocorrido em seu destino. E assim, com rígido orgulho, ela permitira que ele partisse, embora rompendo as próprias cordas de seu coração e levando, assim, tudo o que fazia a vida dela valiosa.

Para mudar o cenário para ela e até para nós mesmos, todos perturbados pela nuvem que pairara sobre nós, persuadi minhas duas companheiras remanescentes de que era melhor que nos ausentássemos por um tempo de Windsor. Visitamos o norte da Inglaterra, minha nativa Ulswater e ressuscitamos cenas caras a partir de mil associações. Estendemos nossa viagem pela

Escócia, para que pudéssemos ver o lago Katrine e o lago Lomond; de lá, cruzamos para a Irlanda e passamos várias semanas no vilarejo de Killarney. A mudança de cenário operou uma mudança em grande escala, como eu esperava; depois de um ano de ausência, Perdita chegou mais gentil e dócil a Windsor. A primeira visão do lugar por um tempo perturbou-a. Cada canto daqui era marcado por associações que agora eram ainda mais amargas. Os bosques da floresta, os vales repletos de arbustos, os gramados planaltos, os campos alegres e cultivados estendendo-se ao largo do prateado caminho do Tamisa, toda a terra, o ar e as ondas, assumiam uma voz múltipla, inspirados pela memória e pelo instinto com lamentoso arrependimento.

Mas minha tentativa em trazê-la para uma visão mais sã sobre sua própria situação não terminara aqui. Perdita ainda era, em muito, rústica. Logo quando deixara de ser uma camponesa e residira com a elegante e culta Evadne, o único feito que obtivera quase à perfeição era a pintura, para a qual ela tinha um gosto semelhante de um gênio. A pintura ocupava-a enquanto ela morava sozinha em sua cabana, quando ela abandonara a proteção de sua amiga grega. Sua paleta e seu pincel estavam agora deixados de lado; se ela tentasse pintar, desabaladas recordações fariam sua mão tremer e seus olhos encher-se de lágrimas. Com tal ocupação, ela esqueceu-se de quase todas as outras; e sua mente caçava-se a si mesma, levando quase à loucura.

De minha própria parte, desde que Adrian tinha-me sacado de meu errático deserto para o seu próprio paraíso de ordem e beleza, eu tinha-me aliado à literatura. Senti-me convencido de que, embora fora assim nos primórdios, no presente estágio do mundo nenhuma faculdade do homem poderia ser desenvolvida, nenhum princípio moral poderia crescer e ser liberal sem um amplo relacionamento com os livros. Para mim, eles estavam no lugar de uma carreira ativa, da ambição e das palpáveis excitações necessárias à multidão. A compilação de opiniões filosóficas, o estudo dos fatos históricos, o conhecimento de idiomas, eram definitivamente minha recreação e o sério objetivo de minha vida. Tornei-me escritor. Minhas produções, entretanto, eram desprezíveis; detinham-se apenas às biografias dos principais personagens históricos, especialmente aqueles que eu acreditava estar traduzidos ou sobre aqueles a quem se agarraram a obscuridade e a dúvida.

Conforme meus escritos cresciam, eu adquiria novas simpatias e prazeres. Encontrei outro, e valioso, elo para me prender aos meus semelhantes; meu ponto de vista era amplo e as inclinações e as habilidades de todos os seres humanos tornaram-se profundamente interessantes para mim. Os reis foram chamados de pais dos seus povos. De repente, era como se eu tornasse-me o pai de toda a humanidade. A posteridade tornou-se minha herdeira. Meus pensamentos eram gemas para enriquecer a caixa-forte das posses intelectuais dos homens; cada sentimento era uma prenda preciosa que eu investia sobre eles. Não deixe que estas aspirações sejam atribuídas à vaidade. Elas não eram expressas em palavras, nem mesmo reduzidas a alguma forma em minha própria mente; mas preenchiam minha alma, exaltavam meus pensamentos, levantando um brilho de entusiasmo, e conduziam-me para fora da obscura trilha que eu antes percorria, para dentro do caminho iluminado de sol da humanidade, fazendo-me um cidadão do mundo, um candidato para honras imortais, um ansioso aspirante ao elogio e à simpatia dos meus compatriotas.

Ninguém certamente mais apreciava os prazeres da redação do que eu. Se eu deixava a floresta, a solene música dos ramos balançantes e o majestoso templo da natureza, buscava os

amplos muros do Castelo e olhava para a ampla e fértil Inglaterra, estendida sobre nosso monte real e ouvia o instante com os sons de música inspiradores. Em tais momentos, solenes harmonias ou ares que eriçavam o espírito davam asas aos meus pensamentos demorados, permitindo, parecia-me, que penetrassem o último véu de natureza e seu Deus, e para exibir a mais alta beleza na expressão visível à compreensão dos homens. Enquanto a música seguia, minhas ideias pareciam abandonar sua mortal residência; balançavam suas penas e alçavam voo, navegando a plácida corrente do pensamento, preenchendo a criação com nova glória e despertando imagens sublimes que antes dormiam mudas. Então eu apressava-me para minha mesa para tecer a recém-encontrada teia da mente em firme textura e com cores brilhantes, deixando seu aperfeiçoamento para um momento mais calmo.

Mas esse relato, que poderia apropriadamente pertencer a um período anterior em minha vida tanto quanto ao momento atual, leva-me para longe. Era o prazer que tomava da literatura, a disciplina da mente encontrada que se erguia, que me ansiava a conduzir Perdita para os mesmos objetivos. Comecei com leveza e gentil encantamento, primeiro excitando sua curiosidade e, então, satisfazendo-a assim que ela o desejasse, ao mesmo tempo em que ela, em parte, esquecera suas mágoas por meio da ocupação, para encontrar as horas que rendiam uma reação de benevolência e tolerância.

A atividade intelectual, embora não direcionada aos livros, sempre fora característica de minha irmã. Aparecera logo em sua vida, conduzindo-a para longe de sua solitária introspecção entre suas montanhas nativas, fazendo com que ela formasse inúmeras combinações com objetos comuns, fortalecendo suas percepções e imprimindo velocidade aos seus arranjos. O amor viera, como o clamor do Senhor^[40], para absorver qualquer propensão menor. O amor dobrara todas as suas excelências e colocara um diadema em seu gênio. Deveria ela cessar o amor? Leve as cores e a fragrância da rosa, mude o doce nutriente do leite materno para a bilis e o veneno; assim facilmente poderia você desmamar Perdita do amor. Ela lamentava a perda de Raymond com angústia, que exilava o sorriso de seus lábios e escavava tristes linhas em seu belo rosto. Mas cada dia parecia mudar a natureza de seu sofrimento e cada hora que passava a forçava a alterar (se assim posso denominar) o modo da veste de luto da sua alma. Por um tempo, a música podia satisfazer os anseios de sua fome mental e seus pensamentos melancólicos renovavam-se em cada mudança de tom e variavam com cada alteração de andamento. Meu ensinamento primeiro impeliu-a para os livros; e, se a música tinha sido o alimento da mágoa, as produções dos sábios tornaram-se seu remédio. O aprendizado de línguas desconhecidas era muito tedioso como ocupação, para alguém que referia qualquer expressão ao universo interior e não as interpretava, como muitos, como mero passatempo; mas para quem ainda questionava a si mesma e ao autor, moldando cada ideia de mil maneiras, ardentemente desejosa pela descoberta da verdade em cada sentença. Ela buscava aprimorar sua compreensão; mecanicamente seu coração e seu temperamento tornaram-se suaves e gentis sob esta benigna disciplina. Depois de um tempo, ela descobriu que, entre seu recém-adquirido conhecimento, seu próprio caráter, que antes ela aprazia-se de tê-lo completamente compreendido, tornou-se o primeiro em solos incógnitos, as vastidões sem caminhos de uma terra sem direção. De modo errante e estranho, ela começou o trabalho de autoexame com a autocondenação. E então, novamente, ela conscientizou-se de suas próprias excelências e começou a ponderar, com pesos

justos, os tons do bom e do mau. Eu, que tentei além das palavras resgatá-la à felicidade que ela ainda detinha para usufruir, observava com ansiedade o resultado destas batalhas internas.

Mas o homem é um estranho animal. Não podemos supor suas forças com as de um motor; e, embora um impulso dado pelo poder de quarenta cavalos ao que parecia desejar produzir apenas um, ainda que no desprezo do cálculo o movimento não seja efetuado. Nem a tristeza, a filosofia ou o amor poderiam fazer Perdita pensar com leveza sobre o erro de Raymond. Ela agora tinha prazer em minha companhia; com relação à Idris, ela sentia e mostrava um senso repleto e afeiçoado do seu valor – ela agora tratava sua filha com medida abundante de ternura e cuidado. Mas poderia descobrir, em todos os seus descontentamentos, um profundo ressentimento para com Raymond e um sentimento de justiça irremovível, que tirava de mim a esperança quando eu parecia estar mais próximo de meu objetivo. Entre outras dolorosas restrições, ela havia feito com que se tornasse uma lei entre nós nunca mencionar o nome de Raymond na sua frente. Ela recusava-se a ler quaisquer comunicações vindas da Grécia, desejando apenas que lhe dissesse quando chagavam e se os andarilhos estavam bem. Era curioso que até Clara observasse tal lei em respeito à sua mãe. Essa amável criança estava perto dos oito anos de idade. Antes, ela era uma menina tranquila e articulada, porém alegre e infantil. Após a partida de seu pai, o pensamento imprimira-se em seu jovem rosto. As crianças, desacostumadas ao linguajar, raramente encontram palavras para expressar seus pensamentos, nem nós podíamos dizer como os últimos eventos haviam sido marcados em sua mente. Mas certamente ela fizera profundas observações enquanto notava, em silêncio, as transformações que se passavam ao seu redor. Ela nunca mencionava seu pai para Perdita, parecia em parte amedrontada quando se referia a ele para mim e, embora tentasse prolongar o assunto e diminuir as sombras que se abatiam sobre as suas ideias a respeito, eu falhava. Contudo, quando recebíamos a correspondência do estrangeiro, ela ficava atenta à chegada das cartas – ela sabia o código postal e observava-me enquanto eu lia. Eu encontrava-a frequentemente lendo com atenção um artigo sobre a Grécia no jornal.

Não há visão mais dolorosa do que o cuidado inoportuna referente às crianças e isso era mais observável em alguém cujo temperamento tinha sido, até aquele momento, alegre. Ainda assim, havia tanta doçura e docilidade em Clara que sua admiração era excitada; e se os humores da mente fossem calculados para pintar o rosto com beleza e doar graça aos movimentos, seguramente suas contemplações seriam celestiais; uma vez que cada traço era moldado com amabilidade e seus trejeitos eram mais harmoniosos do que os elegantes saltos das jovens corças de sua floresta nativa. Às vezes, eu debatia com Perdita sobre a sua reserva; mas ela rejeitava meus conselhos, enquanto a sensibilidade de sua filha suscitava nela uma ternura ainda mais apaixonada.

Depois de mais de um ano, Adrian retornou da Grécia.

Quando nossos exilados chegaram, um pacto vigorava entre os turcos e os gregos; um pacto que era como o sono para o corpo mortal, sinal de renovada atividade ao despertar. Com os mais numerosos soldados da Ásia, com todos os recursos de guerra, navios e engenhos militares que a riqueza e o poder poderiam comandar, os turcos decidiram finalmente esmagar o inimigo que, se arrastando aos poucos, tinham conquistado, a partir de sua fortaleza em Morea, a Trácia e a Macedônia, e haviam conduzido seus exércitos às portas de Constantinopla, enquanto as amplas relações comerciais turcas faziam seu sucesso ser do interesse de cada nação europeia. A Grécia preparara-se para uma vigorosa resistência; erguera-se para um homem; e as mulheres,

sacrificando seus caros ornamentos, forneceram seus filhos para a guerra, pedindo-lhes que vencessem ou morressem com o espírito da mãe espartana. Os talentos e a coragem de Raymond eram altamente estimados entre os gregos. Nascido em Atenas, a cidade clamou-lhe para si e, ao dar-lhe o comando de sua peculiar divisão de exército, o comandante-chefe possuía apenas poder superior. Ele era distinguido entre os cidadãos, seu nome fora adicionado à lista dos heróis gregos. Seu julgamento, atividade e a bravura consumada justificavam sua escolha. O Conde de Windsor tornou-se um voluntário sob seu amigo.

“Está bem”, disse Adrian, “falar sobre a guerra nestes tons agradáveis e com muito óleo mal gasto fazer uma exibição da alegria, pois muitos de nossos semelhantes deixam com dor este doce ar e sua terra natal. Não devo ser suspeito de ter aversão à causa grega; eu conheço e sinto sua necessidade; é, além de qualquer outra, uma boa causa. Eu defendi-a com a minha espada e desejava que meu espírito exalasse-se em sua defesa; a liberdade é de mais valia do que a vida e os gregos fazem bem em defender seu privilégio até a morte. Mas não nos deixemos enganar. Os turcos são homens; cada fibra, cada membro sente-se como se fossem nossos, e cada espasmo, seja mental ou corpóreo, é tão verdadeiramente sentido no coração ou no cérebro de um turco como no de um grego. A última ação na qual estive presente era a tomada de... Os turcos resistiram até o fim, a guarnição de defesa perecera pelos muros e entramos em assalto. Cada criatura que respirava dentro dos muros foi massacrada. Pensam que, entre os gritos da inocência violada e da infância desamparada, eu não sentia em cada nervo o clamor de um ser semelhante? Eram homens e mulheres, sofrendo, antes de serem Maometanos e quando erguerem-se sem o turbante dos túmulos, com exceção de suas boas ou más ações, serão melhores ou piores do que nós? Dois soldados lutavam por uma garota, cujo rico vestido e extrema beleza excitavam os apetites brutais daqueles infelizes que, talvez bons homens em suas famílias, estavam transformados pela fúria do momento em demônios encarnados. Um velho homem, com uma barba prateada, decrépito e calvo, que podia ser o avô da garota, intercedeu para salvá-la; o machado de batalha de um deles abriu seu crânio. Corri para defendê-la, mas a fúria tornou-os cegos e surdos; eles não distinguiram minhas vestes cristãs ou atentaram para as minhas palavras – as palavras eram armas rombudas então, pois enquanto a guerra gritava “havoc” e o assassinato emitia o eco apropriado, como poderia eu...

Inverter a maré de maldade, aliviando o erro

Com suave abordagem de aliviada eloquência?^[41]

Um dos companheiros, furioso com minha interferência, atingiu-me de lado com sua baioneta e cai sem sentidos.

“Esta ferida provavelmente encurtará minha vida por ter despedaçado um corpo fraco de si mesmo. Mas estou feliz por morrer. Aprendi, na Grécia, que um homem, mais ou menos, é de pequena importância, enquanto os corpos humanos continuam a preencher as minguidas patentes da soldadesca; e que a identidade de um único homem pode passar despercebida para que os registros dos oficiais contenham todos os números. Tudo isso tinha um efeito diferente sobre Raymond. Ele é capaz de contemplar o ideal da guerra, enquanto sou sensível apenas às suas realidades. Ele é um soldado, um general. Ele pode influenciar os cães de guerra sedentos

de sangue, enquanto eu resisto às suas propensões em vão. O motivo é simples. Burke disse que ‘em todos os corpos daqueles que liderariam, devem também, em um considerável nível, seguir’^[42]. – Eu não posso seguir; pois não simpatizo com seus sonhos de massacre e glória – seguir e liderar em tal carreira é a inclinação natural da mente de Raymond. Ele sempre é vitorioso e joga limpo, ao mesmo tempo em que adquire prestígio e posição para si mesmo, para assegurar a liberdade e, provavelmente, um império maior, aos gregos.”

A mente de Perdita não se suavizara com esse relato. Ele, pensava ela, pode ser grande e feliz sem mim. Eu também teria uma carreira! Eu embarcaria em algum barco novo com todas as minhas esperanças, energias e desejos, e lançá-lo-ia adiante pelo oceano da vida – em busca de algum porto a conquistar, com a ambição e o prazer no comando! Mas ventos adversos detêm-me no litoral; como Ulisses, sento-me à beira da água e lamento. Mas minhas mãos covardes não podem sentir as madeiras ou alisar as plataformas. Sob a influência desses pensamentos melancólicos, ela tornou-se mais do que nunca enamorada da mágoa. Ainda a presença de Adrian fez algum bem; ele, definitivamente, violara a lei de silêncio observada em relação a Raymond. A princípio, ela alarmara-se com o som já desacostumado; logo ela habituara-se a ele e passou a amá-lo, e ouvia com avidez os relatos de seus feitos. Clara também livrou-se de seu bloqueio; Adrian e ela haviam sido há muito companheiros de brincadeiras; e agora, enquanto andavam ou montavam juntos, ele cedia ao seu honesto pedido e repetia, pela centésima vez, alguma história de bravura, de generosidade ou de justiça de seu pai.

Cada navio, nesse meio tempo, trazia felizes notícias da Grécia. A presença de um amigo em seus exércitos e em seus conselhos fazia-nos inteirar dos detalhes com entusiasmo; e uma breve carta ocasional de Raymond contava-nos como ele estava absorvido pelos interesses de seu país adotivo. Os gregos estavam fortemente ligados aos seus interesses comerciais e teriam se satisfeito com suas atuais aquisições caso os turcos não os tivessem erigidos com a invasão. Os patriotas venceram; um espírito de conquista espalhou-se; e eles olhavam para Constantinopla como se fosse deles. Raymond erguera-se perpetuamente em sua estima; mas um homem tinha um poder superior ao dele no exército. Ele chamava a atenção por sua conduta e pela escolha de posição em uma batalha ocorrida nas planícies da Trácia, nas margens do Hebrus, que deveria decidir o destino do Islã. Os Maometanos foram derrotados e retraíram-se por completo à margem oeste desse rio. A batalha foi sanguinária, a perda dos turcos aparentemente irreparável; os gregos, ao perderem um homem, esqueceram-se da anônima multidão espalhada pelo campo sangrento e pararam de se vangloriar pela vitória, que havia lhes custado – Raymond.

Na batalha de Makri,, ele havia conduzido a carga da cavalaria e perseguido os fugitivos até as margens do Hebrus. Seu cavalo favorito fora encontrado pastando ao largo do tranquilo rio. Tornara-se uma questão saber se ele estava caído entre os não reconhecidos; mas nenhum ornamento quebrado ou jaez manchado traíra seu destino. Suspeitava-se de que os turcos, encontrando-se possuidores de um cativo tão ilustre, resolveram satisfazer sua crueldade ao invés da avareza e, temerosos da interferência da Inglaterra, decidiram esconder para sempre o assassinato a sangue frio do soldado que mais odiavam e temiam dos esquadrões do exército do seu inimigo.

Raymond não fora esquecido na Inglaterra. Sua abdicação do Protetorado causara uma sensação inigualável; e, quando seu magnífico e vigoroso sistema era comparado com as

estreitas visões dos políticos que o seguiram, o período de sua elevação era mencionado com mágoa. A recorrência eterna de seu nome, aliada aos testemunhos mais honoráveis, nos jornais gregos, mantinha o interesse que ele havia excitado. Ele parecia o filho predileto da sorte e sua perda prematura eclipsara o mundo e deixou o resto da humanidade com brilho diminuído. Eles agarravam-se com ansiedade à esperança vigente de que ele ainda poderia estar vivo. O ministro turco em Constantinopla foi intimado a realizar as investigações necessárias e, se sua sobrevivência fosse assegurada, a exigir sua libertação. Esperava-se que os esforços tivessem sucesso e que embora um prisioneiro, o jogo da crueldade e a marca do ódio, ele pudesse ser resgatado do perigo e devolvido à felicidade, ao poder e à honra que ele merecia.

O efeito de tais informações sobre minha irmã foi aterrador. Ela nunca, nem por um momento, acreditara na história de sua morte; ela resolveu ir imediatamente para a Grécia. A ponderação e a persuasão foram despejadas sobre ela; ela não toleraria nenhum obstáculo, nenhum retardo. Poderia estar adiante da verdade que, se o argumento ou o rogo pode mudar a ideia de alguém com um desesperado propósito, cujo motivo e fim dependem apenas da força da afeição, então é correto fazê-lo, desde que a docilidade surja, contanto que nem o motivo e o fim sejam de força suficiente para vencer os obstáculos relativos à sua execução. Se, pelo contrário, eles são prova contra a imprecação, a mesma rigidez é um prenúncio do êxito; e torna-se a tarefa daqueles que amam ajudar a aliviar as barreiras em seu caminho. Tais sentimentos agiram sobre nosso pequeno círculo. Estando Perdita irremovível, consultamo-nos sobre a melhor maneira de logarmos seu propósito. Ela não poderia ir sozinha a um país onde não tinha amigos, onde ela poderia chegar apenas para ouvir as terríveis notícias, que deveriam surpreendê-la com tristeza e remorso. Adrian, cuja saúde sempre fora fraca, agora sofria considerável piora do calvário provocado pela sua ferida. Idris não toleraria deixá-lo naquele estado; nem era correto deixar ou levar conosco uma jovem família para uma jornada desta descrição. Resolvi, por fim, acompanhar Perdita; a separação de minha Idris foi dolorosa – mas a necessidade reconciliaramos em certo grau: a necessidade de salvar Raymond e devolvê-lo novamente à felicidade e à Perdita. Nenhum atraso deveria ocorrer. Dois dias depois de nos decidirmos, seguimos para Portsmouth e embarcamos. Estávamos em maio, o clima, sem tempestades; prometia-se uma viagem próspera. Acalentando as mais ferventes esperanças, navegamos o amplo oceano, vimos com prazer a distante praia da Bretanha e, nas asas do desejo, aceleramos nossas velas cheias de vento em direção ao Sul. As iluminadas e curvas ondas levavam-nos adiante e o velho oceano sorria à carga de amor e esperança sob sua responsabilidade; atingia-nos gentilmente com suas planícies tempestuosas e o caminho era suavizado para nós. O vento vindo de trás, noite e dia, dava um constante impulso ao nosso mastro – nem o duro vento, a traiçoeira areia ou a destrutiva rocha interpunha-se como obstáculo entre minha irmã e a terra que estava para devolvê-la ao seu primeiro amor,

O confessor de seu caro coração – um coração dentro daquele coração.